

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO - UESP

FACULDADE DE HUMANIDADES E DIREITO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Lourdes José da Silva

**FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES: "O
QUILOMBO DO SÉCULO XXI"?**

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2010

Lourdes José da Silva

FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES: "O QUILOMBO DO SÉCULO XXI"?

Dissertação apresentada de Pós-Graduação em Educação à Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Campus de São Bernardo do Campo, como requisito para obtenção do título de Mestre – Linha de pesquisa: Políticas e Gestão Educacionais, sob a orientação do Prof. Dr. Décio Azevedo Marques de Saes.

SÃO BERNARDO DO CAMPO

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

Si38f Silva, Lourdes José da
Faculdade da cidadania Zumbi dos Palmares: “o quilombo do século XXI”? / Lourdes José da Silva. 2010.
153 f.

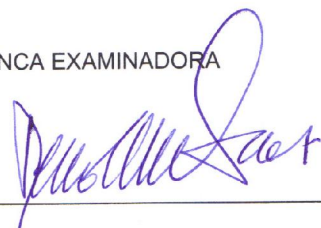
Dissertação (mestrado em Educação) --Faculdade de Humanidades e Direito da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

Orientação: Décio Azevedo Marques de Saes

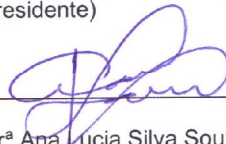
1. Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares 2. Negros – Educação superior 3. Revista Afirmativa Plural – Análise de conteúdo I. Título.

CDD 379

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Décio Azevedo Marques de Saes
(presidente)



Profª Drª Ana Lucia Silva Souza



Profª Drª Roseli Fischmann

Agradecimentos

Irene, Pedro, Professor Décio, Paulo, Malcolm, Lotário, Selange, Matêia, Afonso, Bia, Goreth, Zé, Raquel, Cida, Fami, Dandara, Tânia, Fer, Zé, João, Maura, Mila, Pepe, Wilson, Tião, Dri, Andréia, Pretinha, Geraldo, Hélcio, Marcinha, Simone, Zé, Lu.

RESUMO

Nesta pesquisa, empreendemos uma análise sobre a ideologia de classe média que permeia o projeto educacional da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares. Inicialmente, procuramos pontuar os determinantes históricos responsáveis pelo acesso e ascensão de uma parcela da população negra paulistana, ao mercado de trabalho assalariado e ao sistema de ensino público. Em seguida, através de uma leitura crítica de vinte e seis editoriais da revista institucional Afirmativa Plural, de 2004 a 2009, buscamos apreender os princípios ideológicos que norteiam as ações do grupo fundador da Unipalmares. Seu projeto de formação superior apresenta como objetivo proporcionar aos estudantes, negros e não-negros, uma formação universitária humanística, tendo como foco a diversidade étnica e cultural. No entanto, os editoriais evidenciaram um projeto educacional quase que exclusivamente marcado por alusões à formação de um contingente de executivos negros. Para isso, além dos conteúdos direcionados para a formação executiva, há as histórias de negros bem sucedidos que servem de modelos positivos a serem seguidos. Nessa direção, as imagens selecionadas para a capa das edições reforçam na criação de uma realidade, de classe média, a ser alcançada pelos estudantes, forjando, assim, uma certa ansiedade em pertencer àquele universo pautado no consumo como símbolo de prestígio.

Palavras-chave: Universidade Zumbi dos Palmares, classe média negra paulistana, ensino superior, Revista Afirmativa Plural.

ABSTRACT

In this research, a further analysis was taken upon a mid-class ideology that permeates the educational project of the Faculdade Zumbi dos Palmares. Initially, we pointed to the historical elements responsible for the access and ascension of a Negro population parcel to the private and public employs. Throughout a criticizing reading of the 26 editions of the institutional magazine Afirmativa Plural, from year 2004 to 2009, we looked up to capture the Ideological principles guidance and action of the founder group Unipalmares. Their superior education project feature as a project to black and other origins group a humanistic university graduation, having as center of attention the ethnic and cultural diversity. However, those editorials showed an educational project almost exclusively marked by an allusion to graduated well succeed black executives contingent. Thereunto, besides the contents target to an executive graduation, there are some histories about well succeed black persons used as models to be followed. As the selected images chosen for magazine's covers reinforce the idea of creating a mid-lass reality to be achieved for the students, forging, this way, a certain anxiety to belong to this universe of consumerism and prestige symbol.

Key-words: Universidade Zumbi dos Palmares, Mid-class black paulistan, superior education, Afirmativa Plural Magazine

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
A CLASSE MÉDIA NEGRA PAULISTANA	
1.1 A origem da classe média	18
1.2 A classe média e o consumo.....	20
1.3 A visibilidade do consumidor negro no Brasil.....	21
1.4 Brasil: a transição para o Estado burguês.....	24
1.5 A classe média negra paulistana.....	25
1.6 Do acesso e ascensão do operário negro paulistano.....	30
1.7 A classe média na imprensa atual	44
A FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES	
2.1 Acesso dos negros ao ensino superior.....	48
2.2 A pesquisa de Maria da Glória Calado.....	55
2.2.1 O perfil dos alunos da Unipalmares.....	56
2.4 A estrutura da Unipalmares.....	68
REVISTA AFIRMATIVA PLURAL	
3.1 Características gerais da revista	72
3.2 Análise dos editoriais.....	73
3.3 Análise dos artigos da Reitoria da Unipalmares.....	97
3.4 A revista Afirmativa Plural em imagens	100
CLASSE MÉDIA NEGRA NO BRASIL E CLASSE MÉDIA NEGRA NOS EUA	
4.1 A educação do negro norte americano	105
4.2 A classe média negra em dois momentos e lugares	113
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
ANEXOS A	125
ANEXOS B	128
ANEXOS C	137
ANEXOS D	144

INTRODUÇÃO

A Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares¹, fundada em 2003, pela ONG Afrobras (Sociedade Afro-brasileira de Desenvolvimento Sociocultural), é resultado de quatro anos de estudo, em parceria com o Núcleo de Políticas Públicas e Estratégias da Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP); das viagens empreendidas pelos participantes da ONG aos Estados Unidos, com o objetivo de realizar parcerias significativas para a implementação do projeto; e ainda a Universidade Paulista (UNIP) que é a responsável pelo planejamento dos conteúdos acadêmicos mais o pagamento de 50% da folha de pagamento dos docentes da Unipalmares². Nesses anos de funcionamento, José Vicente, seu reitor desde o início, vem operando, junto “aos formadores de opiniões”, com vistas a tornar o projeto conhecido pelo público, legitimado, interessante para receber mais investimentos privados e públicos, o que serve também para atrair um número significativo de estudantes, principalmente negros – que segundo os dados amplamente divulgados pela instituição chegam a compor 80% de seus alunos. Em sua carta de intenção, lançada logo no primeiro ano de funcionamento, em 2003, são apresentados os princípios que norteiam a fundação da Unipalmares.

Educação e Liberdade

Sem Educação não há Liberdade. E é este o princípio que norteia nossas iniciativas, que sustenta nossas certezas e nos move em direção ao futuro. É a partir de uma comunidade consciente e organizada que construiremos a verdadeira cidadania e, a partir desta, o desenvolvimento capaz de abraçar a todos os brasileiros. A formação desta sociedade não pode continuar excluindo a maior parcela da população brasileira e nem condenando os afrodescendentes brasileiros a ficar “no meio do caminho”, fora das universidades e longe dos melhores postos de trabalho. É esse círculo vicioso que combateremos sem trégua, fomentando a formação profissional da comunidade negra, lutando por mais vagas nas universidades, gerando um grande contingente de homens e mulheres preocupados com a desigualdade e exclusão na sociedade brasileira, capazes de mobilizar esforços e recursos no

¹ Em inúmeras publicações, a instituição aparece como Unipalmares, Faculdade Zumbi dos Palmares, UFZP.

² A Afrobras há dez anos vem desenvolvendo o projeto “Mais Negros na Universidade” e chegou a ter convênio com dez universidades privadas, oferecendo 250 bolsas de estudos na capital e no interior.

sentido de multiplicar o efeito desta mudança, espalhando Educação e Liberdade por todos os lugares deste país (Carta de Apresentação, 2003).

Para alcançar esses ideais de Educação e Liberdade são colocados os seguintes objetivos institucionais.

Objetivos Institucionais

Buscar a excelência no ensino, na pesquisa e na extensão de forma a concretizar uma formação humanística do profissional;
Estimular um diálogo negro e não-negro, valorizando a realidade brasileira;
Facilitar a inclusão do afrodescendente no ensino superior, de forma a contribuir para o crescimento de pessoas menos favorecidas economicamente;
Aperfeiçoar profissionais afrodescendentes ou não para alcançarem sucesso contínuo em um mercado competitivo;
Consolidar convênios nacionais e internacionais em benefício de alunos e professores da instituição;
Difundir a Cultura em suas diferentes manifestações;
Aprimorar a qualidade de vida no Brasil, marcado por indicadores sociais revelados por alto grau de exclusão (Encarte de Apresentação, 2003).

Alguns desses objetivos assinalados acima somente serão possíveis de serem mensurados a médio e longo prazo, quando a Unipalmares tiver atingido as condições essenciais para o seu funcionamento: um prédio definitivo, verbas regulares que possam financiar o alto custo da formação acadêmica e pesquisa científica. Outro desafio extremo que terá que vencer é a própria realidade do seu público que, em sua maioria, trabalha durante o dia e tem apenas o período noturno para se dedicar aos estudos. Enfim, são questões pertinentes às futuras investigações. No caso dessa pesquisa em questão, o que nos interessa é refletir sobre os objetivos propostos pela instituição de ensino, Unipalmares, buscando, ao mesmo tempo, apreender em suas práticas, manifestadas nos discursos de seus principais operadores, presentes na revista *Afirmativa Plural*, a forma que a faculdade se organiza para alcançar seus propósitos. Queremos verificar se as suas ações estão harmonizadas com os seus ideais. Dito de outro modo, até que ponto a instituição movimenta recursos materiais e humanos para garantir a formação humanística que se propõe? Até que ponto são conciliáveis proporcionar uma formação humanística e, simultaneamente, afirmar como

sendo possível oferecer aos alunos “alcançarem sucesso contínuo”? De imediato, nos parece que a formação almejada pela Unipalmars, a que está presente nos conteúdos e imagens da revista institucional *Afirmativa Plural*, está mais relacionada à preparação de um contingente de executivos negros do que a de se formar agentes que atuarão na comunidade, refletindo criticamente a realidade. Mesmo porque a perspectiva de uma formação que beneficie uma coletividade aparece, noutros tantos momentos, marcada pelo ideal de realização pessoal que trará melhorias para a família, e, por extensão, à comunidade. Nessa direção, como a Unipalmars pretende operar a mudança coletiva entre a população negra?

Sobressaem também, em suas práticas, algumas questões de ordem organizacionais. Por exemplo, a Unipalmars é definida como comunitária, mas ao mesmo tempo, o reitor José Vicente parece agir como o seu proprietário³. Ela se apresenta como universidade para negros, mas reserva apenas 50% de suas vagas para essa comunidade. Reconhecemos que a adoção de um discurso moderador, no sentido de não fixar uma etnia apenas como seu alvo, faz parte de uma concepção internalizada na população brasileira, segundo a qual rejeita qualquer espécie de segregação explícita⁴. Outra questão é que José Vicente atribui à faculdade, o exemplo prático de ações afirmativas, num momento em que essa discussão toma corpo na sociedade brasileira.

São essas complexidades que se impõem, forjando o desejo de se elaborar um estudo que possa captar a essência da Unipalmars. Somente assim será possível se compreender qual (is) desse (s) objetivo (s) prevalece (m) nas ações engendradas pelo grupo e, conseqüentemente, qual o perfil profissional a faculdade quer imprimir em seus formandos, a de um cidadão crítico? Ou o profissional apenas cumpridor de seu papel? Os ideais defendidos são de uma classe média com perspectivas universalizantes ou segregacionistas? E ainda, quais os mecanismos acionados pelo grupo para garantir seus resultados?

³ Não encontramos outros nomes vinculados de forma tão consistentes à Unipalmars.

⁴ Provavelmente, parte do sucesso que a Unipalmars vem alcançando esteja relacionada a essa perspectiva pluriétnica.

Inicialmente a nossa hipótese é que a Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares é resultado da configuração de uma classe média⁵ negra paulistana em expansão que, nos últimos anos, vem se consolidando. Na contramão de uma realidade marginal, herdada da escravidão e do preconceito, alguns negros conseguiram aproveitar as pouquíssimas oportunidades educacionais que foram surgindo. Melhor acesso à educação básica, combinada com o crescimento econômico, produzido pela expansão do capitalismo, durante o século XIX, resultou no aumento do contingente de pessoas negras nas camadas médias. Esse grupo, consciente das barreiras impostas pela discriminação racial ao seu projeto de ascensão social, principalmente nos acessos ao ensino superior e aos cargos de chefia, passa a demandar por melhores condições de concorrência a esses postos. Entretanto, sendo a escassez de vagas nas universidades públicas, o maior entrave para o acesso dessa população ao ensino superior, inicia-se, por conseguinte, uma série de discussões acaloradas, acerca da necessidade de se criar alguns mecanismos - como o sistema de cotas - que garantam o acesso dessa população ao ensino superior⁶. À semelhança das universidades negras norte-americanas, a Unipalmares surge, nesse contexto, como alternativa para a formação superior⁷.

Por ser um projeto da classe média, acreditamos que a instituição de ensino traz em suas linhas mestras a ideologia típica desse grupo, quais sejam: uma conformação com os princípios capitalistas da individualidade, da livre concorrência, da educação redentora que premia os mais capazes, do consumo definidor de status. De imediato, parece-nos não existir conflitos em relação à estratificação social, mas apenas o questionamento em torno das regras do jogo.

A ideologia de classe média pode ser percebida nas inúmeras referências que aparecem na revista AFIRMATIVA PLURAL - publicação oficial da Afrobras que a partir

⁵ Adotamos a perspectiva de classe média para assinalar o agrupamento de negros que finalizaram o ensino médio e que obtiveram algumas melhorias em relação à garantia de condições de vida. Em contrapartida, vale lembrar que a grande maioria dessa população ainda vive abaixo da linha de miséria.

⁶ Vale lembrar que todos esses acontecimentos têm a sua origem na forte atuação do movimento negro que historicamente vem operando, nacional e internacionalmente, no sentido de denunciar a discriminação racial no Brasil.

⁷ A Unipalmares representa apenas uma parcela dessa classe média negra. Outros segmentos do Movimento Negro continuam com a sua luta por vagas nas universidades públicas.

do ano três, número 12, de abril/maio de 2006⁸ passa a trazer na capa de seu periódico, o nome da Unipalmars também como órgão responsável pela elaboração das edições, associando dinheiro, consumo e seus indicadores como meios para se apropriar de uma cidadania plena.

Da mesma forma, empresas, comércio e serviços acompanham de perto a elevação insinuante e consistente de uma classe média e empresarial negra com influência nos formadores de opinião e com **necessidades específicas de consumo**. Afinal, são 7,5 milhões de negros de classe média, com renda conjunta anual de 46 bilhões de reais, gasto médio acima de 700 milhões de reais, poupança estimada de 200 milhões de reais mensais e **que querem ganhar mais dinheiro, abrir o seu próprio negócio, comprar ou trocar de carro, viajar e ter casa própria, prestígio social e comunitário** (ano I, nº 2, p. 8). (grifo nosso)

O que se pode apreender na afirmação de José Vicente, presidente da Afrobras, reitor da Unipalmars desde a sua fundação, é que há a necessidade de se reconhecer a comunidade negra como uma parcela representativa de consumidores que, como tais, influem significativamente na economia nacional. Ser cidadão, segundo a lógica do reitor, está ligado ao pagamento de impostos e a capacidade de consumo. Há nesse discurso, portanto, a defesa de alguns pressupostos fundadores do sistema capitalista: a liberdade de ir e vir, de celebrar contratos e de adquirir ou manter a propriedade. Assim, a lógica que parece orientar os mentores da Unipalmars é aquela ligada à visão liberal de que, numa sociedade capitalista, onde não existem os herdeiros naturais das posições privilegiadas, se houver um investimento pessoal, poder-se-á atingir o sucesso. O que significa que prevalece a crença numa sociedade justa, estratificada de acordo com as capacidades individuais, que oferece oportunidades de ascensão para todos. No caso específico dos negros, há que se investir em educação. Mas, como já foi comprovado - principalmente nos estudos de Guimarães (2002) e Hasenbalg (2005) - de que a formação escolar não garante ao negro melhores ocupações profissionais, surgem algumas parcerias com grandes empresas privadas, objetivando os estágios e futuros empregos para os universitários. Tudo ocorre sem que se teça um questionamento em torno da lógica liberal, sem levar

⁸ As últimas publicações já não trazem na capa o nome da Unipalmars.

em conta que a própria necessidade de criar mecanismos que absorvam os formandos, coloca em xeque o ideal de estudo como projeto de ascensão social. Não seria natural que, de acordo com esse ideal, todos os alunos que finalizassem o curso de administração, em 2007 e 2008, conquistassem seus empregos de gerência, aumentassem sua renda? Provavelmente, os articuladores do projeto reconhecem que aquilo que usam como propaganda, não representa uma verdade absoluta, que nem todos terão as mesmas oportunidades. Que o “quilombo século XXI” não se assemelha aos princípios norteadores dos quilombos do século XVII. Há que se esclarecer, portanto, o título usado nessa pesquisa.

Quilombo dos Palmares *versus* Faculdade Zumbi dos Palmares

“Foi Palmares a grande manifestação da revolta do escravo. Uma autêntica república. Um Estado Negro do século XVII” (MACEDO, 1974, p.86). Todos os quilombos que existiram durante o regime escravista brasileiro representam a resistência negra contra a dominação, mas o Quilombo de Palmares⁹, localizado na Serra da Barriga, na atual Alagoas, é o registro do poder de resistência, de organização e trabalho comunitário desenvolvido pelos escravos fugidos. Segundo Décio Freitas *apud* Clóvis Moura (1987, p.37) na comunidade negra reinava uma fartura difícil de ser encontrada entre a população litorânea. A razão de tanta fartura estava na organização comunitária do trabalho e no acesso de todos os moradores do quilombo aos bens produzidos. Sua população de mais de vinte mil pessoas eram distribuídas nos inúmeros quilombos menores que compunham Palmares. Sua segurança contava com um exército treinado, com uma arquitetura que dificultava o acesso dos indesejados. Os chefes eram eleitos, a disciplina era grande, o homicídio, o roubo, a traição eram punidos com a morte, aplicada pelos executores da justiça (MACEDO, p.89). Toda essa estrutura oferecia um perigo para o sistema escravista, por isso depois de resistirem

⁹ Recebeu o nome de Palmares por causa das inúmeras palmeiras que existiam na região.

aos ataques das forças militares durante quatorze anos, o Quilombo dos Palmares foi destruído juntamente ao seu último e grande líder Zumbi.

Na revista Carta Capital, nº 342, de três de maio de 2005, o jornalista Pedro Alexandre Sanches afirma que “a Universidade Zumbi dos Palmares é o quilombo do século XXI”. Em seguida o jornalista justifica essa terminologia usada, como sendo uma apropriação dos alunos, professores e diretores da Unipalmares. Entretanto, mesmo que essa analogia não tenha a intenção de legitimar e até mesmo definir a forma em que a luta atual do negro se trava, cabem algumas reflexões no sentido de melhor esclarecer a opção de se apropriar da expressão para nomear esta pesquisa. Se por um lado, o quilombismo representou um grande perigo para o sistema escravista, por isso a aniquilação dos milhares que existiram, por outro lado, a Unipalmares parece harmonizada com o sistema, não oferecendo, dessa forma, riscos à configuração de poder existente no sistema capitalista. Ela não propõe uma alteração do *status quo*, mas uma melhor participação do negro.

O Reitor José Vicente

O jornal O Estado de São Paulo, de 2/12/2007, traz um artigo da jornalista Mônica Manir, cujo título é “O Quilombo do José”. A jornalista enumera sequencialmente os episódios da vida de José Vicente, o menino pobre que consegue ultrapassar todas as barreiras, entrar para milícia, fazer direito, sociologia, e finalmente “matutar” até criar a Unipalmares. No cargo de presidente da Afrobras e reitor da Unipalmares, ele vem demonstrando grande habilidade em buscar apoio junto aos formadores de opinião, apresenta lobby políticos tanto na Assembléia Legislativa de São Paulo, como na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e nas Câmaras Municipais. Essa constante associação de sua imagem e seu nome à faculdade, parece conferir-lhe status de proprietário. Outra evidência disso, é que durante esses seis anos de funcionamento, já ocorreram inúmeras substituições de funcionários, permanecendo somente alguns, dentre os quais o reitor é o que mais se destaca do grupo. Nessa pesquisa, não pretendemos aprofundar uma discussão em torno da hierarquia

característica do grupo fundador da Unipalmarens, mas apenas o seu posicionamento ideológico. Para isso, faremos a análise dos editoriais da revista *Afirmativa Plural* e dos artigos da reitoria.

Dois estudos de caso sobre classe média negra no Brasil

Embora não seja um estudo sobre a classe média negra paulistana, acreditamos ser pertinente fazer uma referência aos estudos de Thales Azevedo (1975) e Ângela Figueiredo (2002) como sendo os trabalhos pioneiros nesta linha de pesquisa. Azevedo que foi contratado pela UNESCO, em 1952, para realizar uma pesquisa que refletisse sobre a relação racial em Salvador, revela-nos as formas em que se dá a ascensão social do negro nas inúmeras profissões. De forma detalhada, o autor analisa as chances que o negro tem de ascender em cada uma das profissões; as que representam maior barreira são aquelas ligadas ao comércio, à política, à burocracia, à religião; por outro lado as corporações militares, as artes, a educação, os esportes oferecem a melhor via de acesso. As profissões liberais são também as que oferecem melhores possibilidades para os negros; pois, segundo o autor, no Brasil, não há universidade segregada, o que confere as mesmas chances a todos. Azevedo considera, por conseguinte, a presença de alguns poucos negros em cursos elitizados, como medicina e direito, como prova de que existe impedimento do acesso do negro a esses cursos.¹⁰ Em relação à vida social dos negros de classe média, o autor afirma que a eles era negada a participação em clubes e eventos dessa classe, sendo que as exceções ficavam por conta dos que eram introduzidos na sociedade por brancos.

Na mesma linha de pesquisa de Azevedo, Ângela Figueiredo (2002) desenvolve um estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador, buscando apreender as suas percepções de pertencimento (ou não) à classe média. A autora conclui que há a consciência nos entrevistados de que a posição social ocupada e a remuneração os distinguem dos negros de classe baixa, porém isso não faz com que se identifiquem

¹⁰ A visão de Thales de Azevedo está de acordo com a perspectiva de vivermos numa democracia racial, onde todos teriam as mesmas oportunidades. Com isso o seu enfoque é avaliar quais profissões apresentavam melhores condições de ascensão social para o negro. A invisibilidade do negro em determinados cursos e postos de trabalho, somente serão amplamente denunciada pelo Movimento Negro na década de 70.

com a classe média. Aliás, é justamente a discriminação sofrida por esse grupo que faz surgir, entre a classe média negra, uma “consciência étnica tardia”, a qual acaba por repercutir numa valorização da origem. Por isso, a autora afirma sobre a relevância de pesquisas que tenham como perspectiva compreender essa realidade:

Pouco se buscou conhecer sobre a predisposição desse grupo em aceitar os valores da classe média, o que em certa medida, pode ter favorecido a sua estratégia de ascensão, bem como sua melhor adaptação ao novo grupo (FIGUEIREDO, 2002, p.30).

Daí, por conseguinte, a importância dessa pesquisa. Desenvolver uma investigação científica que busque desvendar a vinculação provável entre a Unipalmares e a classe média negra paulistana. Para assim compreender a ideologia que perpassa a faculdade, o seu projeto educacional.

O articulista econômico da revista *Afirmativa Plural*, Rosenildo G. Ferreira (2004) - na crônica “Qual a cor do seu dinheiro?” - afirma ser necessário ao negro pesar bem onde e com quem gasta o seu dinheiro, pois é ele que afere ao seu portador a visibilidade e ao mesmo tempo participação nas decisões econômicas.

Não é exagero dizer que **nossas decisões de consumo** podem, em última análise, **significar a bonança ou a ruína de determinada marca, estabelecimento comercial ou prestador de serviço**. Tomemos por base apenas à classe média afro-descendente. De acordo com pesquisa da Grottera Comunicações, esse grupo tem um rendimento anual de R\$46 bilhões. Em dólar, seria algo como US\$16,5 bilhões. Pouco? Nem tanto. Trata-se de um valor maior que o Produto Interno Bruto (que mede a riqueza de uma nação) de países com vastos recursos minerais como Angola (US\$8,5 bilhões), e emergentes como a Bulgária (US\$12,4 bilhões). Também é suficiente para, em um mercado fictício, **“comprar”** o PIB conjunto de cinco repúblicas: Albânia, Armênia, Benin, Belize e Paraguai. (Revista *Afirmativa*, 2004, ano I, nº 1, p. 21). (grifo nosso)

O estilo de vida dos grupos sociais são elementos muito importantes para se caracterizar a sua identidade. Os anúncios de produtos de utilidade ou mesmo culturais que são veiculados num meio de comunicação, podem atender a duas tendências: a de compartilhar interesses entre pessoas que apresentam as mesmas aspirações ou, de outra forma, a de criar o desejo pelo produto. Por isso a importância de se analisar os anúncios publicitários e as imagens que compõem a revista *Afirmativa Plural*.

Gostaríamos de verificar se há uma relação entre esses objetos anunciados e imagens veiculadas com a ideologia da classe média.

Finalmente, a partir dos editoriais da revista, tentaremos apreender qual é o posicionamento ideológico do grupo fundador da Unipalmares, e como esse influencia a formação universitária oferecida. Pretendemos, com isso, verificar se a intencionalidade de oferecer uma formação humanística que tenha como fundamento proporcionar aos alunos, conhecimentos sólidos que possam habilitá-los para o exercício pleno da cidadania ou a de promover a formação de empresários negros? Buscaremos também algumas evidências, nos artigos do reitor da Unipalmares, que nos forneçam os elementos elucidativos ao modo de operar da classe média no sentido de criar uma expectativa de ascensão social nos alunos.

Para conseguirmos desenvolver uma argumentação relevante sobre a temática, no primeiro capítulo, pretendemos caracterizar o processo histórico em que se deu a configuração da classe média no Brasil. Logo em seguida, situaremos a evolução histórica da classe média negra paulistana, registrando a maneira como ela é retratada atualmente na mídia. No segundo capítulo, partiremos para uma análise da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, apoiados na dissertação de mestrado *Como uma Faculdade Voltada para a População Negra Favorece o Enfrentamento da Discriminação Racial, o Aumento da Escolaridade e a Inserção no Mercado de Trabalho Desta População*, em Psicologia, na Universidade São Marcos, de Maria da Glória Calado (2007). A autora pesquisou 1.264 alunos do curso de administração, realizando entrevistas indiretas e cinco diretas. A pesquisa de Calado é a primeira investigação científica que tem como objeto a Unipalmares, por isso seus dados serão amplamente explorados no capítulo dois. No terceiro capítulo, analisaremos os editoriais da revista *Afirmativa Plural* com o objetivo de verificar a ideologia difundida entre os alunos da Unipalmares. No quarto capítulo, sem a pretensão de esgotar a temática, tentaremos estabelecer um paralelo entre a classe média negra brasileira e a estadunidense, tendo como perspectiva compreender as motivações responsáveis pela existência, aqui, da primeira faculdade para negros e, lá, as 117 universidades negras, entre públicas e privadas. Finalmente, no último capítulo sintetizaremos os conteúdos desenvolvidos nos capítulos anteriores, encaminhando para uma conclusão final.

1 A CLASSE MÉDIA NEGRA PAULISTANA

1.1 *Origem da classe média*

De acordo com Bolivar Costa (1973) a necessidade de sobreviver à imposição servil da economia feudal, fez com que o servo passasse a “fabricar¹¹ as próprias roupas, calçados, objetos pessoais e instrumentos de trabalho” (COSTA, p.2).

Isto possibilitou o surgimento gradual, no seio da classe servil, e no interior do feudo, de uma camada de trabalhadores desligada da terra e inteiramente dedicada à produção de bens destinados a satisfazer as necessidades dos camponeses, dos senhores e as suas próprias, no tocante o vestuário, utensílios domésticos, armas, selas, instrumentos agrícolas, etc. Ao propiciar o aparecimento, nas dependências dos domínios senhoriais, da classe dos artesãos, o sistema feudal iniciava o longo processo de diferenciação social que acabaria por preparar a sua destruição (COSTA, 1973, pp3/4).

Destruição essa que leva à Revolução Francesa e à ascensão da burguesia, a qual através dos princípios de liberdade, igualdade e fraternidade, reúne representantes de todas as camadas sociais para eliminar os privilégios da aristocracia decadente. Princípios esses que, após um longo processo de lutas para garantir a nova configuração do poder, foram abandonados pela burguesia.

E as classes médias, frustradas pela não concretização dos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, mostram-se inicialmente perplexas, mas logo seus setores majoritários passaram a aceitar as migalhas [...] (COSTA, 1973, p.20).

E mesmo diante de vários conflitos sociais, como a Comuna de Paris e as guerras, não abalaram as convicções das camadas médias que, ao contrário, buscavam garantir a

¹¹ Preferimos manter o léxico do autor, pois elas carregam em sua semântica às relações de produção da sociedade feudal. Porém, em relação ao termo fabricar, não há uma preocupação em Santos de estabelecer os modos de produção advindos com a Revolução Industrial. O uso refere-se à produção de manufaturas.

continuidade de sua posição na estrutura social. Segundo Bolivar Costa, essa atitude caracteriza bem a postura ambígua dessa classe, já que seus representantes “chegam mesmo a apoiar greves e insurreições” (cf. p.34a).

Mas, em regra, superado o auge da crise, elas evoluem para a sua clássica postura política contrista, traduzida na fórmula: ‘combater, ao mesmo tempo, os excessos do capitalismo e o revolucionarismo operário’ (COSTA, 1973, p.34b).

A disposição da classe média, durante a fase do capitalismo concorrencial, alojava-se no ideário de tornar-se proprietária dos meios de produção, entretanto,

Ante o dilema da era do capitalismo monopolista, isto é, a possibilidade histórica da revolução proletária e o caráter espoliativo do sistema, as classes médias perderam, pouco a pouco, as esperanças de um retorno ao sempre desejado regime em que imperassem liberdade, igualdade e fraternidade. A capitalização da economia levou grande parte da pequena burguesia a desertar da corrida pela posse dos meios de produção em massa de pequenos e médios donos de terras, e a incapacidade da pequena indústria e do artesanato de competir com as gigantes corporações manufatureiras, transferiram camadas cada vez mais amplas da pequena-burguesia proprietária para o regime do assalariado (burocracia comercial e industrial, serviços públicos, forças de segurança, etc.) (COSTA, 1973, p.35c).

O que faz essa camada deslocar o seu desejo “proprietarial” para o “desejo de elevar o nível de consumo e de alcançar estabilidade” (COSTA, idem).

1.2 A classe média e o consumo

Costa, no capítulo “A Tragédia do Consumo”, apresenta-nos a diferença comportamental entre a classe operária e a classe média, em relação ao consumo. Os baixos salários da classe operária fazem com que sua remuneração seja totalmente direcionada para a sua subsistência; a classe média “pulveriza sua renda relativamente elevada em gastos “inversionais” (roupas, habitação em bairros “compatíveis”, diversões etc) a ponto de reduzir a importância de exigências essenciais, como as referentes à autoconservação (alimentação, educação, saúde etc.)” (COSTA, p. 91). O

autor classifica esse comportamento como uma tendência à “coisificação”, ou seja, a classe média supervaloriza a aquisição de objetos.

As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma em seu automóvel, *hi-fi*, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu (COSTA, 1973, p.92 a).

E ainda dando sequência à descrição do comportamento da classe média em relação ao consumo, afirma Costa que

De fato, a frustração em face de um mundo quase completamente assenhoreado pelo grande capital leva o pequeno burguês a exercitar toda a sua capacidade apropriadora dentro dos limites tacanhos do lar. O capitalista ama a empresa, símbolo da transformação criadora: é o amor fértil; o pequeno burguês adora os móveis da sala-de-visitas, símbolo da passividade consumidora: é amor estéril (COSTA, 1973, p.92b).

Assim a satisfação de uma necessidade significa o surgimento de outra que gera uma outra. O consumo, nessa perspectiva, representa mais do que a mera ação de se apropriar dos objetos, significando a corporificação do status, da distinção que se quer manifestar socialmente. Com isso, sendo a lógica do sistema capitalista, o lucro, o objetivo se volta para a criação constante de novas necessidades de consumo, mesmo entre os pobres. É justamente sobre essa realidade que Arnold Rose (1968), no livro “Negro: O Dilema Americano, na versão condensada de An American Dilemma, de Gunnar Myrdal, chama a atenção para o fato de que o mesmo acontece entre os afro-americanos, dentre os quais “há uma certa ostentação no tocante ao consumo e aos gastos insensatos, mesmo entre negros pobres. Mas, a solução para tais condições, naturalmente, está em proporcionar maior educação e melhores empregos e não em demonstrar indignação de ordem moral” (ROSE, 1968, p. 169).

1.3 A visibilidade do consumidor negro no Brasil

Quando o negro brasileiro passa a ser considerado um nicho de consumo importante no mercado nacional? Segundo Severino Filho (2007), em sua monografia de conclusão do curso de Comunicação Mercadológica – Universidade Metodista de São Paulo, a descoberta de um nicho de consumidores de produtos específicos para negros somente foi possível com a segmentação do mercado, na década de 1980. Essa ação permitiu abandonar a visão totalizante, que considerava o consumidor de forma homogênea, para segmentos menores e sua tendência de consumo. Assim a localização geográfica, a idade, o sexo, a subcultura, o estado civil, a etnia, a nacionalidade, a religião etc passam a fornecer as especificidades de consumo de cada grupo. E é nessa perspectiva também que a classe média negra se destaca com o seu potencial de consumo, ganhando evidência no cenário brasileiro. Portanto é pela via do poder econômico, do consumo que a classe média geral acaba por ser a responsável por transformações sociais, ou seja, ganha visibilidade.

Como em qualquer outro tempo da história e em países de qualquer regime político, é a classe média que faz com que uma sociedade, ou um segmento dela acabe tendo força, poder, decidindo e fazendo história (FERREIRA F., 2007, p. 29).

A análise do autor segue a perspectiva de uma reconstrução histórica sobre as primeiras aparições de negros nos textos publicitários. Tirando a primeira presença que se dará durante o regime escravista, em cujos textos publicitários há as descrições físicas e as habilidades dos escravos fugidos com os objetivos de recuperar ou vender a “mercadoria”; por volta de 1915, buscando preencher a vacuidade da Primeira República (1889-1929) em relação à educação do liberto, surgem os inúmeros jornais da imprensa negra com o propósito de educar o negro para a vida social. Porém, ainda assim, alguns de seus mentores não ficam impunes à ideologia dominante, daquela

época, que atribuía à pobreza do negro, sua tendência em menosprezar o trabalho, a disciplina, a propensão à vadiagem. Contudo, apesar disso, a imprensa negra é considerada a mais articulada voz emprestada ao negro para denunciar a discriminação de que estava sujeito.

Esta imprensa caracteriza-se pela tentativa de fazer o negro integrar-se à sociedade global: os textos, de feição rebuscado e literário, noticiavam aniversários, casamentos, eventos sociais; veiculavam protestos contra o preconceito racial; incitavam a educação como recurso de ascensão social; condenavam o alcoolismo e as práticas boêmias. Predomina a moral puritana, valorizada como meio de obtenção de respeitabilidade e equiparação aos padrões brancos (FERREIRA FILHO, 2007, p.16).

O programa da República Nova (1930) tornando a educação gratuita, propicia o surgimento de algumas oportunidades para os negros. Os jornais, principalmente A Voz da Raça, da Frente Negra Brasileira, passam a empreender uma forte campanha nos jornais pelo direito ao voto. Sintetizando, o autor define inicialmente a presença do negro nos anúncios como coisa, depois como sujeito considerado invisível para o mercado consumidor. O que Ferreira F. deixa de ressaltar é que, apesar da não existir uma classe média negra, naquele momento, a própria imprensa negra representa já a ação de uma elite negra que avança e recua em suas reivindicações, de acordo com a abertura (ou não) da política brasileira.

Em meados da década de 1970, o Movimento Negro Unificado aproveita um desses momentos em que a censura do Regime Militar afrouxa a sua repressão, passando a questionar a ideologia segundo a qual o Brasil vivia numa democracia racial, denunciando a discriminação que tornava o negro invisível na sociedade brasileira, inclusive no mercado consumidor.

O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência (FERREIRA FILHO, p.19a).

No entanto, em 1986, como resultado das inúmeras manifestações do movimento negro, tendo o Movimento Negro Unificado (MNU) como destaque, em resposta à pressão, os publicitários argumentam sobre o porquê da invisibilidade do negro no mercado publicitário.

[...] um debate realizado entre representantes da população negra paulista e alguns publicitários de ponta no mercado, revelou as justificativas comuns oferecidas pelos publicitários para a quase ausência do negro em papéis positivos nos comerciais, ou para a sua apresentação somente em situações subalternas, como empregada doméstica, carregador etc. a) na família média brasileira quase não existem negros; b) o negro não é consumidor; c) os clientes não aceitavam a inclusão do negro no seu produto; d) a publicidade reflete a sociedade preconceituosa e racista (FERREIRA FILHO, p. 19b).

Ferreira Filho, apoiado nos estudos de Joel Zito Araújo, especificamente na obra “O negro na telenovela brasileira”, afirma que esta realidade vem se modificando lentamente, pois o mercado não pode mais ignorar que 28% de negros apresentam uma renda igual ou superior a vinte salários mínimos. Dessa forma, “as empresas parecem estar abandonando antigos preconceitos e tabus raciais, atendendo às razões do mercado” (FERREIRA F., p.21). Como consequência dessa percepção da existência de uma parcela de negros com poder aquisitivo que se sentem incomodados com o fato de não se verem representados no mercado, que, em 1995, surge a primeira edição da revista Raça-Brasil, cujo pioneirismo imediatamente é coroado com o sucesso de tiragem.

“Dar a você, leitor, o orgulho de ser negro. Todo cidadão precisa dessa dose diária de auto-estima; ver-se bonito, a quatro cores, fazendo sucesso, dançando, consumindo. Vivendo feliz” (RAÇA BRASIL 1995 *apud* FERREIRA F. 2007).

Em 1997, a empresa UNILEVER, encabeça a pesquisa “Qual o pente que te penteia”, proporcionando os seguintes dados:

Classe média negra e parda no Brasil	7 milhões de habitantes
Família com 2,2 filhos por unidade	1,7 milhão
Escolaridade	45% com colegial completo e 34% com superior completo,
Renda familiar média	R\$ 2.311,94 por mês

E ainda segundo a pesquisa anunciada por Ferreira F.

Esses 7 milhões de brasileiros têm aspirações muito próximas da classe média de qualquer país do mundo: 54% querem ganhar mais dinheiro; 44% abrir o seu próprio negócio; 43% trocar ou comprar carro; 39% pretendiam viajar; 29% adquirir casa própria.

Com renda anual de R\$ 46 bilhões e uma sobra para consumo de (fora as necessidades primárias) de R\$ 500 milhões mensais, esse segmento da população não se sente devidamente atendido pelos produtos que tem a sua disposição, o que gera uma infinidade de oportunidades de negócios para quem quer se dirigir a esta população (FERREIRA F. 2007, p. 30).

Podemos concluir, pois, que a classe média negra é a responsável por dar visibilidade ao negro. Ao colocar-se como grupo de cujo poder econômico não se pode ignorar, ela acaba por colocar na pauta de discussões políticas as suas reivindicações, usando o único argumento aceito na sociedade capitalista: Quem consome tem direitos.

1.4 Brasil: a transição para o Estado burguês

Saes (1985) desenvolve um estudo que busca desnaturalizar a crença segundo a qual ocorreu no Brasil uma passagem imediata do sistema escravocrata para o burguês. Houve, segundo o autor, um período de transição nos modos de produção que podem ser caracterizados como pré-burguês, onde as relações de produção ainda não estavam bem configuradas. Uma das características do Estado burguês é a criação

“das condições ideológicas necessárias à reprodução das relações de produção capitalistas” (SAES, 1985, p.26). Outra configuração do Estado está relacionada à separação entre o que é público e privado.

É a não-monopolização das tarefas do Estado pela classe exploradora que determina a separação entre os recursos materiais do Estado e os recursos materiais dos proprietários dos meios de produção; caso o acesso dos membros da classe exploradora às tarefas do Estado fosse proibido, os recursos materiais do Estado seriam, efetivamente, propriedade – particular ou coletiva – dos membros da classe exploradora. (SAES, 1985, p. 40b).

O que prevalecia, naquele período, era a monopolização da classe dominante, representada pelos cafeicultores, que criavam as leis, garantiam a sua aplicação e, vez ou outra, conforme Saes, tinham que ceder a sua casa para as audiências acontecerem.

Outra característica da sociedade pré-burguesa, assinalada pelo autor, está relacionada na forma que ocorre o acesso aos serviços públicos. Após a abolição da escravatura, os negros livres não eram admitidos como funcionários do estado, nem nas funções burocráticas; nas milícias desempenhavam apenas as funções manuais. Essa restrição demonstra que uma das prerrogativas do Estado burguês, qual seja a universalização do acesso às tarefas do estado, justificadas pelas capacidades individuais, não fazia parte da realidade brasileira, cujos cargos públicos eram ocupados por indicações de acordo com as filiações partidárias.

1.5A classe média negra paulistana

Segundo Florestan Fernandes, a origem da elite negra pode ser explicada pela concessão que foi dada a alguns escravos domésticos que, por conviver no interior das casas de seus senhores, acabaram por assimilar os valores da família branca. Assim, quando libertos, os negros passaram a reproduzir os valores assimilados e, não raro, a contar com a proteção de seus antigos senhores para adquirir o emprego assalariado. De acordo com a visão do autor, havia uma distinção flagrante entre os negros domésticos e os do campo. Os primeiros muitas vezes eram alfabetizados, vestiam-se

melhor com as sobras de seus senhores, contavam até mesmo com a afeição de suas senhoras; já os do campo eram rústicos, analfabetos, não possuindo, conforme Florestan, nem mesmo a ideia de família. Cria-se, por conseguinte, logo nos anos que seguiram a abolição, uma separação nítida entre os dois segmentos negros, fazendo com que não se misturassem. Separação essa que o autor justifica como sendo natural, pois se houvesse uma disposição de dividir o ganho com tantos desocupados, os negros não teriam condições de reunir o pecúlio necessário para cuidar da família e educar os filhos. Surge daí, uma elite negra formada por médicos, engenheiros, pequenos artesãos que não desejam misturar-se com a vadiagem dos desocupados que, muitas vezes, era, na verdade, uma situação de desemprego criada pela política imigracionista sancionada pelo Estado. Quando os negros que ultrapassaram a linha de miséria em que a maioria fora relegada, após a escravidão, foi para reclamarem da discriminação sofrida em relação à concorrência com os profissionais brancos.

Os negros da elite ou da classe média queixam-se do ciúme dos negros das classes inferiores que preferem, segundo afirmam, consultar um médico ou um advogado branco; e que não votam em negros nas eleições. Seria fácil provar que essa classe alta ou média de cor aceitou e adotou os preconceitos do branco contra os negros. (FLORESTAN, 2008, p. 167a).

Os conflitos existentes, no entanto, não impossibilitaram o surgimento de alguns grupos oriundos da classe média negra, como a Imprensa Negra, a Frente Negra Brasileira, que buscavam denunciar as discriminações sofridas pelos negros, incentivar, mesmo fomentar a alfabetização de adultos e reclamar junto à administração pública melhorias para a comunidade negra. Outras condições históricas são anunciadas pelo autor também como responsáveis pela ascensão do negro que, apesar de apresentar sérias desvantagens em sua formação como operário, encontrou no desenvolvimento econômico as garantias de melhores ocupações.

[...] São Paulo, onde a facilidade de instrução, as oportunidades da industrialização, o enfraquecimento do controle dos brancos devido à dispersão das famílias tradicionais numa imensa cidade, permitiram uma ascensão dos negros já não como indivíduos isolados, mas como grupo social. (FLORESTAN,

2008, p. 173b).

Logo em seguida, além pontuar os diversos mecanismos apropriados pelos negros para ascenderem, como o apadrinhamento pelos brancos, o isolamento e imitação do comportamento dos imigrantes, principalmente dos italianos do Bixiga, Florestan afirma que depois de negligenciar a educação formal, “o negro percebe cada vez melhor o valor dos diplomas e já descobriu a importância das escolas técnicas como meio de ascensão social. Não somente descobriu-o, mas começou a utilizá-lo (FLORESTAN, 2008, p. 174c)”. Vale, no entanto, refletirmos sobre o que realmente explica o desinteresse do negro em relação à educação, naquele período. Será que isso não está relacionado à discriminação e exclusão experimentadas, por essa população, assim que passou a concorrer para as vagas em escolas públicas? Sem dúvida que os escravos, impossibilitados de vestirem-se adequadamente, de comprarem o material solicitado, viram-se rejeitados pelas instituições de ensino. Na verdade, é essa exclusão que explica a existência de grupos, em proporções bem menores do que ocorreu nos Estados Unidos, inclusive de maçônicos e organizações negras como o Centro Cívico Palmares, criando alternativas para oferecer uma formação mínima para os pobres e negros enfrentarem a enorme competição provocada pela entrada dos imigrantes europeus..

Em termos de ascensão de uma coletividade negra significativa, ela somente vai ocorrer durante o governo populista de Vargas (1930), quando este adotou uma política nacionalista que impedia a imigração intensa, “garantindo” a contingência de alguns benefícios aos operários, como carteira assinada, oito horas de trabalho diário, décimo terceiro salário etc. É nessa perspectiva, a de tornar-se operário, que encontra a primeira alteração que se dará na empregabilidade do negro.

Hasenbalg (2005) também atribui o surgimento de uma elite negra ao grupo da população livre mais favorecido durante a escravidão. Mas, em relação a sua ascensão nos anos seguintes, observa que ela resulta do tempo mais longo que os não-brancos tiveram “para conquistar e preservar uma parte das posições superiores na hierarquia social (HASENBALG, p.188)”. O que o autor sugere, com isso, é que só há

uma expansão da classe média negra combinada de um esgotamento de divisas. Em outras palavras, a entrada o trabalhador negro para o operariado somente foi possível quando surgiram outras ocupações, oriundas do desenvolvimento industrial, que imediatamente passou a atrair o interesse da classe média branca.

George Reid Andrews (1998), em seu livro, *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*, faz uma pesquisa minuciosa sobre a ascensão da classe média negra paulistana, demonstrando como essa população foi se estabelecendo no mercado de trabalho desde o período anterior a sua emancipação até a restauração da democracia brasileira. Inicialmente, o autor apresenta os argumentos de que se valeu Florestan para explicar a situação miserável em que se encontrava a população negra. No entanto, através de pesquisa realizada nos arquivos das empresas têxtil Jafet e da distribuidora de energia São Paulo Light, Andrews afirma que os trabalhadores negros, ao contrário das conclusões elaboradas por Florestan, apresentavam boa disposição para o trabalho disciplinado e, quando abandonavam o emprego, era porque percebiam a impossibilidade de uma ascensão dentro da empresa. Outra referência, presente em sua obra, que coloca em questão os argumentos do sociólogo FLORESTAN, é que, da mesma forma que o operário branco, o negro apresentava a mãe como beneficiária do seguro contra acidente. Isso põe em xeque o argumento segundo o qual a desintegração da família era um dos elementos responsáveis pela anomia da população negra.¹²

Mesmo antes da emancipação, o trabalho assalariado livre não era completa anomalia nas fazendas de café de São Paulo. Já em 1850, um censo de 2.600 fazendas de café na província mostrou que a força de trabalho possuía mais de 10 por cento de trabalhadores livres (versus 4 por cento de trabalhadores livres nas 667 fazendas de cana-de-açúcar investigadas na mesma época). (ANDREWS, 1998, p. 94)

Os imigrantes europeus¹³ passam paulatinamente a substituir os nacionais¹⁴ que excediam em números a população escrava. Essa substituição de mão-de-obra

¹² Ainda assim, mesmo anteriormente ao processo de industrialização, antes da abolição da escravatura era possível encontrar trabalhadores livres nas fazendas de café.

¹³ Esses imigrantes são oriundos da primeira campanha do governo Imperial e a Assembleia da província em promover a imigração europeia para fornecer mãos-de-obra para as fazendas de café.

¹⁴ Os nacionais correspondem aos brancos, caboclos e negros livres.

nacional pela imigrante se justificava também pela rejeição dos libertos em aceitar os maus tratos que os fazendeiros impingiam aos trabalhadores livres. O mesmo tratamento violento, rigoroso dado aos escravos, muitos nacionais viam naquelas ocupações como aviltantes e desonrosas, situações, portanto, que deveriam ser evitadas.

Em vista disso, brasileiros e africanos livres preferiam permanecer no setor de subsistência, cultivando seus próprios pedaços de terra e só aceitando emprego nas fazendas em base ocasional e esporádica. Mesmo nesses casos, preferiam um tipo de trabalho que os escravos não faziam, como limpar terra virgem e construir estradas, ambos trabalhos considerados perigosos demais para os senhores ali arriscarem seus escravos. (ANDREWS, 1998, p. 96 b).

É também na perspectiva de criar um grande excedente de mão-de-obra disponível, vislumbrando o aumento do lucro, que se forjara a ideologia de que os nacionais, principalmente o negro e o mulato estavam mais propensos à vadiagem, que provocará, nos períodos de 1860 e 1870, a intensificação do tráfico de escravos. E ainda não satisfeita, sentido o peso do movimento abolicionista, liderados pelas camadas médias, e sob influência do darwinismo social e racismo científico, a elite dirigente paulistana institui a imigração em massa de europeus, com o objetivo de substituir a mão-de-obra negra pela europeia. O que vai se intensificar após a abolição da escravatura em 1888, já que isso aumentará a escassez de mão-de-obra nas fazendas cafeeiras em crescente expansão, mais a indisposição dos fazendeiros em aceitar as reivindicações dos libertos¹⁵. Todo esse movimento criará um excedente de mão-de-obra, a qual os patrões usarão como forma de forçar os baixos salários e inibir os movimentos reivindicatórios, liderados principalmente pelos trabalhadores europeus. Entretanto, segundo Andrews, mesmo usando o negro como fura-greve, não impossibilitou que houvesse uma percepção do operariado, influenciado pelos ideais socialistas, em preferir não estabelecer uma separação étnica no movimento. Vale, no entanto, considerar que não foi unânime a aceitação no sindicalismo do operariado negro, que não encontrando seus anseios contemplados nas discussões da classe, e ao mesmo tempo percebendo que a luta do povo negro ultrapassava a perspectiva

¹⁵ Os negros libertos rejeitavam a ideia de permitir que as mulheres e as crianças fossem submetidas aos rigores do trabalho nas fazendas. Havia também a discussão em torno do tratamento que deveria ser diferente do que tinham durante a escravidão (FLORESTAN, 2007; ANDREWS, 1998).

social, pois se o trabalhador branco era discriminado, o negro sofria duplamente os reveses, às vezes quando não mesmo de companheiros, surge no interior do movimento sindical, os grupos de operários negros – numa outra perspectiva também a mulher – com o objetivo de discutir a sua posição no movimento. Mas para se compreender o surgimento do operariado negro em São Paulo, a evolução de uma minoria dessa população para as camadas médias, é necessário ater-nos aos dados importantíssimos levantados por Andrews.

1.6 Do acesso e ascensão do operário negro paulistano

Os recenseamentos anteriores a 1960 não trazem em seu corpo de pesquisa as informações sobre raça/cor da população brasileira. Assim, no quesito nacional, estão inclusos os brancos nascidos no Brasil, pardos, negros e indígenas. Em 1970, durante a ditadura militar, essas especificidades foram novamente suprimidas, voltando somente na década de 1980, mediante pressão do movimento negro e de intelectuais aliados. Dessa forma, apesar de não conterem as informações que conduzirão a nossa reflexão, em que pese a ascensão do negro paulistano, registraremos como elementos históricos que por si contam a história de São Paulo.

a) Censo de 1893

Setor	Nacionais	Estrangeiros
comércio	28,0	72,0
fábrica	21,0	79,0
transportes	19,0	81,0
artesãos	14,0	86,0

Fonte: Andrews, p. 111.

Nesse ponto, como o autor forneceu apenas os dados relacionados aos estrangeiros, estabelecendo a paridade o valor total cem, subtraiu-se os índices apresentados; chegando-se, dessa forma a uma representação dos nacionais. Deve-se considerar que não temos os números exatos de indústrias, mas o autor nos apresenta os seguintes dados:

Números de empresas industriais em São Paulo

1907	15 empresas
1920	32 empresas
1940	43 empresas
1960	? Maior polo industrial da América Latina.

Fonte: Andrews, p. 150.

A economia paulista até 1920 baseava-se quase que exclusivamente no sistema agrário. Porém, nos anos posteriores, a indústria paulista cresce vertiginosamente, ultrapassando em número o estado do Rio de Janeiro e cidades do Nordeste. Ainda assim, é importante observar que o desenvolvimento industrial da cidade de São Paulo é fruto da política imigracionista que, por volta de 1860 a 1927, criou um excedente de trabalhadores europeus, o que permitiu aos empregadores oferecerem condições

precárias de trabalhos, combinadas com altos lucros advindos dos baixíssimos salários. São esses eventos que facilitarão a formação de uma reserva de capital econômico que será usado para financiar a indústria, fazendo com que São Paulo saía na frente de outros estados antes considerados polos industriais.

Andrews (1998) aponta que o primeiro momento da industrialização, compreendendo o período de 1900 a 1940, foi negativo para o negro, pois a política intervencionista do Estado oportunizou aos imigrantes as melhores ocupações. Mas o estereótipo de vadiagem e inaptidão, usados para justificar essa preferência pelo trabalhador europeu, é logo colocado em questão ao se constatar que em outros estados, onde não ocorreu a imigração europeia subsidiada pelo poder público, a contratação e permanência dos trabalhadores negros eram satisfatórias e permanentes.

O número de imigrantes europeus, principalmente de italianos, combinada com uma política pública higienista, provoca a quase invisibilidade do negro na cidade de São Paulo, durante o período de 1890 a 1915. A negação da existência do negro na constituição da cidade, constatada através da total ausência de referências sobre a presença de nacionais nos movimentos operários, chama a atenção do historiador Carlos José F. dos Santos (1998), que resolve fazer dessa inquietação uma investigação nos registros fotográficos do período. Resultando, daí, o livro *Nem tudo era italiano*. O autor revela-nos que as imagens da cidade de São Paulo apresentam, num primeiro plano, uma metrópole europeizada, mas, em segundo plano, aparece a população negra tentando sobreviver dos expedientes ocupacionais gerados pela urbanização.

[...] quase sempre (o negro) aparece carregando trouxas, cestos, tabuleiros e balaies; lavando roupas; tratando de cavalos; conduzindo carroças; ou talvez esperando carregar mercadorias em frente dos mercados (SANTOS, 1998, p.97).

Assim, justificado pela política higienizadora, em que tinha como seu fiel defensor, o então prefeito de São Paulo, Washington Luís, sob o argumento da necessidade de se eliminar o feio, o sujo, não era raro perseguir, prender os trabalhadores negros.

b) Censo de 1920

	Brasileiros	Imigrantes	Total
Total da população economicamente ativa	50,4	49,6	240.045
Indústria	48,9	51,1	100.375
Comércio	37,5	62,5	30.580
Serviços domésticos	63,1	36,9	15.467
Transporte	41,1	58,9	13.912
Forças armadas, polícia e bombeiros	90,7	9,3	5.783

Fonte: Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920 *apud* Andrews, p. 112.

Os dados acima chamam a atenção para o fato de que, apesar do nacional compor o maior contingente populacional na cidade de São Paulo, ele está sub representado em todos os setores que oferecem melhores condições salariais, sendo super representados nos setores domésticos e forças armadas, ocupações consideradas mais precárias. Mesmo não sendo possível verificar os números de negros que compõem o grupo brasileiro, há o registro de que ele não foi totalmente excluído das indústrias.

E a exclusão dos trabalhadores negros do emprego industrial não era absoluta, pois se encontra menção ocasional a trabalhadores fabris nas colunas sociais da imprensa negra, assim como nos registros de emprego. Mas estas oportunidades eram claramente limitadas, e a grande maioria dos negros era obrigada a realizar serviços domésticos, ou ter os empregos irregulares e mal pagos [...] (ANDREWS, 1998, p. 114/5).

A essa quase ausência de trabalhadores negros na indústria paulistana, Andrews atribui exclusivamente ao preconceito racial como o único responsável pela estagnação da população negra em São Paulo.

[...] a utilização do braço estrangeiro na indústria paulista não decorreu da melhor qualificação do imigrante, que, por sinal, só excepcionalmente trazia uma experiência industrial prévia. (KOWARICK *apud* ANDREWS, p. 124.)

E ainda

Assim, a posição de preferência garantida aos imigrantes 'foi em parte fundamentada na discriminação contra os trabalhadores [brasileiros] nacionais, em especial os negros. Se tivessem sido pagos igualmente, segundo a produtividade e sem distinção de cor, os italianos talvez não tivessem vindo para cá' (DEAN *apud* ANDREWS, p.125).

Essa prática em privilegiar os nacionais somente perderá a sua força quando os imigrantes, devido à organização dos mesmos em greves e articulação em sindicatos, passam a ser considerados como elementos nocivos à sociedade. Tal fato chega a seu ápice durante a ditadura Vargas (1937 a 1945), Estado Novo, em que o novo Ministério do Trabalho criou a Lei de Nacionalização do Trabalho cujo objetivo era, com a redução das cotas de imigração, defender o trabalhador nacional da concorrência estrangeira. A nova lei determinava que as indústrias deveriam ser compostas por, no mínimo, dois terços de brasileiros natos. Nesse contexto surge a Frente Negra Brasileira, a qual apesar de ser influenciada pela ideologia fascista do Estado Novo, consegue em troca do apoio à ditadura Vargas, garantias de alguns benefícios para a comunidade negra, sendo o mais importante o fim da discriminação de negros nas milícias. Vargas, através de um decreto, determina que fossem incorporados quinhentos oficiais negros na guarda nacional.

Por outro lado, a proletarização do trabalhador negro, na década de 1930, acentua quando ocorrem a passagem da primeira onda industrial, representada pelos setores têxteis, roupas, alimentos e bebidas para a segunda onda de industrialização, configurada pelas indústrias altamente capitalizadas e tecnologicamente avançadas, produzindo automóveis, trabalho em metal, produtos elétricos e químicos (cf. Andrews, p. 162). Fato combinado com as ocupações oriundas desse desenvolvimento industrial criou oportunidades bem mais interessantes financeiramente para o operariado branco que passa a concorrer para essas ocupações, deixando, por conseguinte, as vagas nos setores menos rentáveis para o operariado negro egresso.

c) Censo de 1940

O desenvolvimento econômico causará uma mudança na configuração da cidade de São Paulo que, inspirados pelas políticas de incentivo à imigração e seus altos lucros, os setores têxteis, passam a incentivar a migração de mineiros e nordestinos para buscar, com isso, disponibilizar mais uma vez a indústria paulista de mão-de-obra barata e, conseqüentemente, garantir os altos lucros representados pelos baixos salários.

Censo de 1940

	Branco	Pardos	Pretos
Profissionais liberais	30.873	602	428
Proprietários de empresas	55.578	1.267	1.369
Agrícolas industriais	30.795	1.036	977
Transportes comerciais	11.006	78	99
Serviços	16.777	153	293
Funcionários públicos	64.541	2.638	3.573

Fonte: IBGE, Recenseamento geral de 1940. Censo demográfico: Estado de São Paulo, (Rio de Janeiro, 1950), tabela 30, pp. 24-25.

Esse período também se configura em

[...] promover o crescimento de uma classe trabalhadora urbana. A urbanização e o desenvolvimento econômico proporcionaram a base para um índice fenomenal de aumento na classe média. O setor “administrativo” (empresários, executivos e funcionários de escritório, que não havia sequer constituído uma categoria vocacional separada do censo de 1940, agora empregava 1,7 milhões de paulistas e compunha a segunda maior área do mercado de trabalho, excedida apenas pelos trabalhadores da indústria. Impulsionadas por progressos na educação, na medicina e no campo da contabilidade, as fileiras de profissionais liberais cresceram do nível de 32.345, em 1940, até quase três quartos e um milhão (734.753). Quando reunidas estas duas áreas de emprego de colarinho branco (administração e profissionais liberais eram agora responsáveis por quase um quarto (23,8 por cento) da força de trabalho total) (ANDREWS, pp.243/4)).

No entanto, apesar dessa ampliação nas áreas administrativas, o setor público ainda representa a chance de acesso à classe média para o negro brasileiro.

Entretanto, a maior parte desses empregos do setor estatal estava bem distante do status de classe média. Eles incluíam aqueles empregos servis, como varredores de rua, trabalhadores da construção, porteiros, serviços de escritório mal remunerados, como mensageiros e serventes (ANDREWS, 1998, pp. 199/200).

E quando o negro concorria para cargos públicos mais qualificados, não raro, também era vítima da discriminação racial. Porém, ainda assim esse era o meio viável para o negro ascender aos empregos de colarinho branco.

[...] desde 1950 esse índice aumentou muito mais rapidamente entre a população negra do que entre os brancos, e o número de graduados negros no segundo grau e na universidade era agora grande o bastante em termos absolutos para constituir um grupo significativamente numérico de competidores não brancos para ingressar na classe média paulistana (ANDREWS, 1998, p.247c).

Mas encontrariam barreiras para as suas investidas por empregos melhores.

Durante a segunda metade da década de 1900, começou em São Paulo uma segunda fase de competição racial, quando os filhos dos trabalhadores negros e da 'elite' negra anterior a 1940 adquiriram a educação que iria lhes permitir competir por uma maior mobilidade ascendente e admissão nas fileiras dos empregos de colarinho branco. No entanto, quando eles saíram pelo mundo para obter esses empregos, descobriram-se enfrentando barreiras tão difíceis e excludentes quanto aquelas que seus avós haviam enfrentado no nível da classe trabalhadora na virada do século (ANDREWS, 1998, p.248d).

O autor, em conversa com responsáveis pelo recrutamento e seleção de trabalhadores para a indústria privada, recebe a confirmação de que os empregadores recusavam-se explicitamente em receber os aspirantes negros às vagas, mesmo nas funções de *office boys*¹⁶ havia uma exigência exagerada em relação a aparência do candidato.

A “boa aparência” é quase sempre especificada como uma exigência para qualquer emprego que envolva contato direto com os consumidores ou com o público que, segundo supõem os patrões paulistas, não gostam de ser atendido por negro. Em vista disso, os cargos de recepcionistas, vendedores e até garçons dos melhores restaurantes, estão fechados aos afro-brasileiros. Nesse sentido, a discriminação racial no Brasil é até mais severa e mais excludente do que o *apartheid* sul africano, conclui a revista semanal brasileira Veja. ‘Em Johnnesburgo, todos os clientes são brancos – e todos os garçons são negros. Nos melhores restaurantes brasileiros, todos os clientes são brancos – os garçons também’ (ANDREWS, 250).

Está configurada, portanto, a luta que o negro travará durante as próximas décadas: eliminar os estereótipos envolvendo um padrão de beleza cujos traços físicos lembram muito de perto um arianismo remanescente do racismo científico que predominou nos séculos XVIII e XIX. Essa prática discriminatória que perpetua os privilégios dos brancos, e que em proporção avassaladora relega a massa negra e pobre aos bolsões miseráveis, derrubará de vez o discurso segundo o qual vivemos numa sociedade racialmente democrática.

A classe média negra continua em crescente ascensão, mesmo no período da ditadura militar (1964 a 1974). Portanto, em proporções profundamente menores do que a classe média branca, a negra também se beneficiou do crescimento econômico de 1968, conhecido como “milagre brasileiro”.

[...] os afro-brasileiros trabalhadores de colarinho branco e profissionais liberais não tiveram proveito do milagre nem próximo do grau em que o fizeram as suas contrapartes brancas. Enquanto os trabalhadores industriais, da construção, da prestação de serviços e da agricultura viram-se mais ou menos no mesmo barco de seus colegas brancos, os profissionais liberais e funcionários de escritórios negros experimentaram um abismo substancial separando-os de seus contrapartes brancos, que só pareceu se ampliar à medida que os negros que buscavam trabalho melhoravam suas qualificações educacionais e profissionais.

Em meados de 1970, um número crescente de aspirantes negros ao status de classe média tornou-se cada vez mais consciente das barreiras – e por elas exasperado – que os impediam de receber sua parcela justa dos benefícios do rápido crescimento econômico (ANDREWS, p.299).

d) Censo de 1980

Ganhos Médios dos Trabalhadores em Áreas Seleccionadas da Economia, Estado de São Paulo, 1980.

	Branços	Pardos	Pretos	Branços/Pretos
Total da população economicamente ativa	2,3	1,7	1,5	1,39

Áreas que Mostram Desigualdade Acima da Média

Profissões liberais	4,7	3,0	2,9	1,58
Comércio	2,6	1,7	1,6	1,47
Administração	3,8	2,6	2,5	1,47

Áreas que Mostram Desigualdade Abaixo da Média

Outras e áreas não classificadas	1,9	1,7	1,6	1,12
Indústria e construção	2,1	1,9	1,8	1,10
Serviços	1,1	1,0	1,0	1,10
Agricultura	1,1	1,0	1,0	1,10
Transportes e Comunicações	3,1	2,9	2,8	1,08

Fonte: Departamento e Estudos e Indicadores Sociais (DEISO), IBGE *apud* Andrews, p. 254.

Percentagem de Distribuição da Força de Trabalho em Áreas Seleccionadas da Economia, Estado de São Paulo, 1980, por Raça.

	Branços	Pardos	Pretos	Nº
Total da população economicamente ativa	73,1	19,2	5,3	10.411.726
Profissionais liberais	86,6	6,7	12,1	734.753
Comércio	79,9	13,2	2,3	894.371
Administração	85,0	9,2	1,9	1.747.025
Miscelânea e não classificadas	66,3	24,4	6,4	844.752
Indústria e construção	67,9	24,7	6,2	2.862.239
Serviços	62,3	26,9	9,7	1.403.273
Agricultura	70,9	20,3	6,6	1.071.072
Transportes e Comunicações	75,5	18,8	4,2	544.901

Fonte: Andrews, p. 256.

Resultado dessa realidade possibilitou o surgimento de “um novo movimento negro”, formado majoritariamente por artistas, intelectuais, população negra em geral. São desse período, o Centro de Cultura e Arte Negra, no Bixiga, e o Grupo de Trabalho de Profissionais Liberais e Universitários Negros, os quais, respectivamente, centravam na recuperação da identidade afro-brasileira e na discussão e treinamento para aspirantes a cargos de colarinho branco (ANDREWS, 1998). À medida que esses intelectuais aprofundam a percepção crítica de seu ‘status de negros em uma sociedade racialmente estratificada’, o conhecimento dos movimentos “Black Power”, nos EUA, a independência dos países africanos do jugo europeu, mais a morte do operário negro, Robson Silveira da Luz, pela força de repressão militar, e a discriminação sofrida pelos quatro atletas negros, no Clube Regatas Tietê¹⁶ faz surgir o Movimento Negro Unificado.

e) Alguns indicadores da década de 1990

Em %

	Branças	Pretas
Empregadas domésticas	10,6	79,4
Secretárias ¹⁷	92,6	7,4
Técnicas Administrativas ¹⁸	94,7	5,3 ¹⁹

IBGE/PNAD 1990 *apud* SANTANA, s/d.

Os dados acima evidenciam a discriminação racial sofrida pelas mulheres no mercado de trabalho. Todas as funções qualificadas, as mulheres negras estão invisíveis, enquanto que nos ofícios de lavadeiras, cozinheiras e serventes (conforme

¹⁶ Os atletas jogavam no time de vôlei do Clube Regatas Tietê e foram barrados na entrada do clube durante uma competição. Da mesma forma o ator Milton Gonçalves foi impedido de entrar durante um baile de carnaval e hoje abriga a sede da Unipalmareis.

¹⁷ Refere-se a recepcionistas revendedoras.

¹⁸ Estão computadas também as funções técnicas científicas e artísticas.

¹⁹ Na verdade há uma variável de 5,3% a 10%.

empregadas domésticas) a pirâmide se inverte, convertendo as mulheres negras o maior contingente nesse setor.

Marcelo Paixão (2003) nos apresenta alguns dados sobre a expectativa de vida da população negra durante a década de 1990.

Segundo o IBGE, a expectativa de vida da população brasileira como um todo no ano de 1997 chegava a 66,8 anos. Os dados levantados sobre a esperança de vida ao nascer no Brasil desagregado por etnia (referente ao período 1990-1995) indicaram que a esperança de vida ao nascer da população afro-brasileira continuava seis anos inferiores à da população branca, respectivamente 64 anos e setenta anos. A população afro-descendente não havia atingido o patamar de tempo médio de vida dos brancos de quinze anos antes. Ou, dito de outro modo, se em quarenta anos essas diferenças nas esperanças de vida encolheram somente 1,5 ano, continuando essa média devemos esperar mais 160 anos para que tais disparidades sejam dissipadas (PAIXÃO, 2003, p.45).

Os dados estatísticos, principalmente os desagregados por etnia terão um papel fundamental para denunciar as desigualdades produzidas pela discriminação no acesso dos bens e serviços. Partindo de uma comprovação irrefutável, o movimento negro se posiciona no sentido de denunciar essa realidade que alija os negros das melhores oportunidades de trabalho, das vulnerabilidades em que se encontra.

f) Indicadores de 2001, 2003 e 2005

2001

	Branco	Negro	Amarelo
Quadro executivo	95,2	2,6	2,0
Gerência
Supervisão
Quadro funcional

Fonte: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
apud Revista Afirmativa Plural, nº 13, 2006, p. 80.

2003

	Branco	Negro	Amarelo
Quadro executivo	96,5	1,8	1,7
Gerência	89,0	8,8	2,1
Supervisão	84,2	13,5	2,2
Quadro funcional	74,6	23,4	1,8

Fonte: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
apud Revista Afirmativa Plural, nº 13, 2006, p. 80.

2005

	Branco	Negro	Amarelo
Quadro executivo	94,4	3,4	2,2
Gerência	89,0	9,0	1,9
Supervisão	84,1	13,5	2,3
Quadro funcional	68,7	26,4	4,2

Fonte: Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social
apud Revista Afirmativa Plural, 2006, nº 13 , p. 80.

Comparando os três quadros acima, eles nos mostram que a população negra vem lentamente conseguindo avançar em setores antes sem nenhuma representação. O quadro executivo houve um crescimento de 1,8%, em 2003, para 3,4%, em 2005. Outro progresso considerável está no quadro funcional que em 2003 representava 23,4%, e em 2005 chega a 26,4%. No entanto quando comparados com o percentual dos brancos, os índices dos negros tornam insignificantes. O que ainda mais se evidencia no quadro abaixo. São também esses dados que serão usados pelo movimento negro para denunciar a discriminação racial nas carreiras executivas. Desmascara-se, portanto, o discurso pautado na desqualificação da mão-de-obra negra, que serviam para justificar a sua posição subalterna e os salários inferiores ao do trabalhador branco.

Salários de Brancos e Negros Em R\$ (fev.07)

	1995	1997	1999	2001	2003	2005
Brancos	715	758	693	679	586	632
Negros	402	398	381	392	352	421

Fonte: Relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) *apud* Revista Afirmativa Plural, 2007, nº 19, p.79.

g) Distribuição dos Ocupados, segundo Setor de Atividade, por Raça/Cor.

Região Metropolitana de São Paulo

Outubro de 2006 a Setembro de 2007

Em%

Setor	Negros	Não-Negros
INDÚSTRIA	65,2	34,8
COMÉRCIO	33,8	66,2
SERVIÇOS	31,6	68,4
CONSTRUÇÃO CIVIL	49,4	50,6
SERVIÇOS DOMÉSTICOS	54,9	45,1

Fonte: SEP. Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

Apesar de demonstrar certo avanço nos setores de comércio e serviços, os negros continuam tendo uma representação mais que o dobro nas ocupações com baixos salários. Em relação à indústria, parece que ainda prevalece a perspectiva apontada por Andrews (1998) de que o acesso do negro às indústrias está relacionado ao surgimento de melhores oportunidades em outros setores para os brancos. O que

podemos deduzir, com isso, que a indústria que emprega a mão-de-obra negra são aquelas que utilizam uma tecnologia menos avançada.

g) Distribuição dos Ocupados, segundo Posição na Ocupação, por Raça/Cor.
Região Metropolitana de São Paulo
Outubro de 2006 a Setembro de 2007

Em %

Posição na Ocupação	Total	Negros	Não-Negros
Total	100,0	100,0	100,0
Assalariados	66,2	64,6	67,0
Setor Privado	57,8	58,4	57,5
Com Carteira Assinada	44,6	44,2	44,8
Sem Carteira Assinada	13,2	14,1	12,7
Setor Público	8,4	6,2	9,5
Autônomos	19,3	19,9	18,9
Trabalham para Empresa	7,6	7,5	7,6
Trabalham para o Público	11,7	12,3	11,3
Empregadores	4,2	1,7	5,5
Empregados Domésticos	8,1	12,8	5,6
Demais	2,2	1,0	2,9

Observam-se nos dados acima que apesar de o emprego público ser considerada a porta de entrada do negro para os cargos de colarinho branco, ainda assim estão menos representados nesse setor do que os brancos. Diminui a proporção entre indivíduos negros e brancos com carteira assinada, o que assinala um avanço da sociedade brasileira em relação às garantias de uma

sociedade democrática. Entretanto, retomando a nossa intenção inicial, qual seja a de apresentar um panorama sobre como vem se dando a absorção do trabalhador negro no mercado de trabalho, tentando apreender as mudanças positivas que possam sinalizar a ascensão desse grupo étnico. Muito distante de resolver as discrepâncias entre os índices demarcadores da posição de trabalhadores brancos e negros, não podemos desconsiderar que houve algumas conquistas. Os dados esclarecem, não de outra forma, a pauta de reivindicações do segmento negro: denunciar a discriminação como fundamento de empregabilidade nos cargos de colarinho branco.

1.7 A classe média negra na imprensa atual

Nos últimos anos, a imprensa vem abordando a classe média negra em inúmeras matérias jornalísticas. A primeira que se tem notícia saiu na revista *Veja*, ano 32, de agosto de 1999, cujo título e subtítulo são bastante sugestivos: “A Classe Média Negra – advogados, professores, médicos, vendedores, empresários. Já são oito milhões e movimentam 50 bilhões de reais por ano”. Em linhas gerais, a jornalista Daniela Pinheira mostra-nos as experiências individuais de negros bem sucedidos que de um passado pobre, conseguem a superação compensada na forma de, após finalizar o curso universitário, ou mesmo uma especialização no exterior, serem as suas carreiras marcadas pela plena realização.

O resultado é que se tornou cena frequente encontrar uma moça negra na sala vip do aeroporto ou um senhor negro esperando mesa em restaurantes cinco estrelas. Até muito pouco tempo atrás, esse era um privilégio reservado a negros artistas ou atletas (PINHEIRO, *Veja*, p. 63).

Obviamente há os relatos onde os entrevistados nos informam da discriminação sofrida nesses lugares, mas em última análise, segundo a jornalista, não se podem ignorar esses negros como consumidores potenciais.

Quem fecha os olhos para o negro vira um fóssil. Hoje não há espaço para piadas ou posturas racistas. O negro tem dinheiro e paga pelo produto que quer, afirma o publicitário Nizan Guanaes, responsável pelo anúncio [do banco Itaú usando modelos negros] (PINHEIRO, Veja, p. 64)

Em seguida, a jornalista sinaliza a dificuldade em relação aos dados reais de quantos profissionais liberais negros existem no Brasil, porque o Conselho Federal de Medicina, a Ordem dos Advogados do Brasil e até mesmo o sindicato dos professores, alegando não ser importante a cor da pele, mas a competência dos profissionais, deixam de registrar a etnia de seus associados. Com isso, tornam-se impossível uma série de dados que poderiam informar a quantidade real desses profissionais e, quem sabe, esclarecer o comportamento desse grupo no mercado de trabalho. No final da matéria, Daniela Pinheiro coloca o seguinte questionamento, o qual talvez nos auxilie a compreender a posição assumida por alguns integrantes brancos da classe média que adotaram uma posição incisiva em relação às políticas públicas voltadas para a população negra.

Até agora, tem sido confortável para os brancos festejar o sucesso dos negros já estabilizados na profissão. Mas uma coisa é aplaudir quando o número de negros bem-sucedidos é pequeno. Outra é continuar o aplauso no momento em que um contingente expressivo de negros bem preparados começar a tomar postos de trabalho de altos salários da fatia mais clara da população (PINHEIRO, Veja, p. 68).

A revista *Raça Brasil* é uma mídia similar à revista norte americana Ebony. Seu conteúdo põe em perspectiva o *glamour* da comunidade negra, tendo como foco o negro consumidor de produtos sinalizadores de status. Provavelmente, vem daí o sucesso da revista, mesmo entre as camadas mais baixas. Seus temas são, frequentemente, aqueles ligados à classe média negra brasileira. No ano 2000, a revista *Raça Brasil*, em seu ano quatro, nº 41, traz na capa a seguinte manchete: “Classe média consciente – A força de quem subiu na vida sem perder as raízes”. Como o título sugere, a matéria relata a história de negros que, mesmo ascendendo para a classe média, não perderam a ligação com seus familiares e amigos da periferia. Apesar de afirmar que os negros apresentados na matéria moram em condomínios fechados, possuem casa na praia, seus filhos estudam em escolas privadas, o enfoque

dado é a maneira como esses negros que atingiram o sucesso financeiro continuam relacionarem-se de forma saudável com a sua origem. Já em 2004, no nº 80, ano oito, nas páginas 72 a 75, a matéria *“NOSSA CLASSE MÉDIA EXISTE – As histórias de negros que uniram e lutaram em busca de uma sociedade igualitária. Hoje, são respeitados na vida profissional, construíram um patrimônio respeitável, têm ascensão social e se dão ao luxo de dizer ‘somos vencedores!’”*. São histórias de negros que conseguiram ascender economicamente, apresentando altíssimo padrão de consumo. Assim os depoimentos que aparecem destacados em letras maiores são:

“Adoro jóias e brilhantes, mas sei que para tê-los é preciso trabalhar muito. (M. Rita Francisco de Sá-dona de três bufês, p. 73)”.

“Fomos à República Dominicana, passamos uma semana em Boston e valorizamos as belezas do Brasil. Nos 25 anos de casados, trocamos uma romântica viagem a Paris por uma cerimônia ao lado dos amigos e das nossas filhas (Neusa dos Santos, empresária no setor de galvanoplastia – p. 74)”.

“Gosto de bons perfumes, roupas de grife e, quando não vamos jantar fora, trazemos o restaurante para dentro de casa. Conclusão: as coisas boas são caras, mas, para ser ter dinheiro, é preciso trabalhar. (Eunice Aniceto, gerente, p. 75)”.

O que se pode perceber, através dos depoimentos, é que há uma forte orientação em relação às expectativas do estado liberal, no que pese a ideologia segundo a qual é possível conquistar posições vantajosas economicamente quando se trabalha muito, que isso trará o acesso ao paraíso do consumo de bens, de status, prestígio. Dessa forma, os valores explícitos nas entrevistas são aqueles que concordam com a ideologia do sistema capitalista. A livre concorrência premiando os esforços individuais. Ao leitor fica a lição de que tudo está organizado de forma justa, de que é necessário trabalhar muito para também conquistar as suas posições.

Na coleção Os Negros – Américas Negras, da revista Caros Amigos, fascículo 15, página 453, Hamilton Octavio de Souza entrevista o historiador Joel Rufino dos Santos que apresenta-nos uma visão interessante em relação à luta travada pelo negro contra o racismo.

A luta organizada contra o racismo nas Américas seguiu caminhos diferentes conforme a região, o que têm em comum é serem lutas anti-sistêmicas, mesmo quando o objetivo explícito não é a reforma do sistema; a luta organizada contra o racismo é anti-sistêmica por uma razão simples: o racismo é um dos pilares do nosso sistema social. Nem sempre os negros compreendem isso, acha possível liquidar o racismo sem mudar o sistema (SANTOS apud SOUZA).

Nessa perspectiva, podemos considerar as histórias da classe média negra como sendo exemplo de uma luta anti-sistêmica? Ou suas histórias exemplares são práticas que reforçam apenas o quanto o sistema liberal é justo em suas premiações? Bastando aos aspirantes em ascenderem, seguirem os modelos bem-sucedidos para também vencerem e passarem a consumir os mesmos produtos. Hasenbalg (2005) interpreta essa prática de buscar em histórias de pessoas bem sucedidas como práticas do sistema capitalista.

Sob o disfarce de trocas competitivas entre parceiros formalmente livres e iguais, as relações ideológicas capitalistas envolvem, como *tendência dominante*, não a consciência dos atores de sua condição social como função das relações de produção, mas uma consciência imediata baseada em diversas dimensões distributivas e probabilidades de vida na esfera do consumo. Aqui, os sempre disponíveis exemplos dos homens que 'se fizeram' partindo do nada mantêm a visão de oportunidades abertas (HASENBALG, 2005, p.114).

As dúvidas levantadas, por Joel Rufino e Hasenbalg, dadas as suas complexidades, proporcionariam outra pesquisa. Se considerarmos a perspectiva do primeiro autor, tendo, portanto o sistema capitalista alijando os negros de uma participação efetiva nos meios de produção, ele é branco em quase sua totalidade. Assim, os grupos que empreendem esforços no sentido de criar a sua representação nesse sistema, podem ser considerados como sendo uma luta anti-sistêmica. Mas é necessário lembrar que o sistema capitalista aqui não é visto como pernicioso. Por outro lado, quando Hasenbalg nos aponta que as relações ideológicas capitalistas “não desenvolvem a consciência de sua condição social (...)”, remete-nos à percepção de que tais grupos creem nesses valores, por isso não tencionam a sua derrubada. E a tendência dominante que se percebe quando a imprensa aborda a classe média negra é a sua inclinação exagerada para o consumo de bens materiais. Mas é necessário não

deixar de considerar os objetivos que parecem orientar algumas dessas publicações. A verdade é que todas as revistas têm o seu conteúdo formulado de acordo com o público que deseja atingir. Há uma outra questão relevante a ser considerada; a criação de imagens positivas representa a reafirmação identitária significativa, sendo seu único perigo o de criar a ansiedade por consumo. Voltaremos a essas questões no capítulo três, quando tencionamos analisar a revista *Afirmativa Plural*.

2 A FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES

2.1 Acesso dos negros ao ensino superior

A história da escolarização da população negra no Brasil sempre esteve marcada pela negligência do Estado em se fazer aplicar a lei, pela resistência da população branca, pelas dificuldades de ordem econômica e social dessa população. São esses entraves que serão necessários ultrapassar para se chegar ao que estamos vivenciando hoje: a demanda de um grupo de negros, que vencidas a fase inicial de escolarização, passam a aspirar o ensino superior.

Durante o regime imperial o Decreto de número 7.031, de seis de setembro de 1878, proposto por Leôncio de Carvalho, institui a obrigatoriedade do ensino dos sete aos 14 anos, elimina também o veto que proibia os escravos de frequentarem as escolas públicas. O preconceito racial, no entanto, seguido do receio de que a aprendizagem da leitura, escrita e as operações matemáticas expandissem a intelectualidade e, com isso, a consciência dos direitos no escravo, tornaram-se sérios entraves para que os escravos tivessem a permissão de seu senhor para ter acesso à instrução primária (BARROS, 2005). Por outro lado, a situação do liberto não era diferente, pois a liberdade não confiava a ele uma outra imagem, nem os recursos econômicos necessários para frequentar uma escola. Altera-se o regime imperial pelo republicano, aqueles que ainda permaneciam na condição de escravos, conquistam finalmente a liberdade, porém o quadro educacional permanece o mesmo. As

instituições de ensino oficial aceitavam os negros sob algumas condições que passaram a representar obstáculos intransponíveis. Exigiam-lhes “vestimentas adequadas”, aquisição de material escolar, merenda e ainda que um adulto responsável realizasse a sua matrícula. Vencidas essas etapas, a criança negra esbarrava-se no preconceito dos brancos que não desejavam que seus filhos convivessem com os “filhos de todas as classes” (BARROS, 2005, p. 83).

O mesmo mal estar das escolas publicas se observa nas privadas, e illudem-se quem imputa a existencia d'estas aos defeitos d'aquellas. Pessoas ha que não admittem o contacto, que se dá nas instituições publicas, de seus filhos com os de todas as classes, e essa é a causa mais influente da manutenção do ensino particular em competencia com o da Provincia, aliás, gratuito (Relatório do Inspetor Geral da Instrução Pública da Província de São Paulo, 1863, p.22 *apud* BARROS, 2005 p.83b).

Nesse quadro de abandono é que surgem algumas organizações civis, como os abolicionistas, alguns anos mais tarde, os clubes recreativos negros que ofereciam assistência, cursos de alfabetização e profissionalizantes para adultos. No estado São Paulo, de 1906 a 1940, havia várias associações de assistência, das quais citaremos apenas duas: o Centro Cívico Palmares, fundado em 1926, e a Frente Negra Brasileira, fundada em 1936. Havia também a imprensa negra dirigida por uma exígua elite negra alfabetizada que, influenciada pela ideologia da época, buscava imprimir na comunidade negra “valores civilizatórios” e valorizar a educação formal.

A educação era concebida como solução para todos os males. Por essa razão, o lema de praticamente todos os jornais era incisivo; educar os descendentes de escravos. O conceito de educação articulada não tinha uma conotação estritamente formal, e sim um sentido mais amplo: o aprimoramento moral (isto é, do caráter) e o aprendizado dos valores civilizatórios que amiúde transcendiam a instrução escolar. ‘Educação corresponde a um conjunto de princípios de ordem social em que impera a delicadeza, a gentileza e a civilidade. Educação é, pois, o conhecimento e pratica dos usos da boa sociedade’ (O Clarim da Alvorada, São Paulo, 3 jun. 1928, p.4 *apud* DOMINGUES, p.53).

Essa mobilização através da imprensa negra, no sentido de levar a população negra para as escolas, no entanto encontravam barreiras no próprio sistema

educacional. Não existiam escolas em números suficientes para abrigar todo contingente em idade escolar, por isso era comum aparecerem denúncias de que algumas instituições de ensino públicas rejeitavam as crianças negras. Outra barreira na educação do negro está relacionada à miséria em que se encontrava a família negra, o que obrigava as crianças a terem que trabalhar para ajudar no orçamento doméstico.

Durante a primeira metade do século, poucos paulistas eram capazes de completar sequer o segundo grau, que dirá o curso superior. Isso acontecia devido ao número limitado de escolas de cada nível no Estado, e em parte porque a maior parte das famílias precisava enviar seus filhos para a força de trabalho relativamente cedo, em geral antes de eles terem terminado a escola primária. Em vista disso, em 1940, menos de 2 por cento da população de São Paulo graduou-se no segundo grau ou na universidade (ANDREWS, p. 244).

De 1940 a 1950 é significativo o aumento de alfabetizados. A taxa de pessoas com cinco anos ou mais alfabetizada no Brasil mostra a existência de um fosso separando brancos e negros.

Brasil	Em %	
	1940	1950
Branco	46,9	52,7
Pretos	22,6	25,7

Fonte: Hasenbalg, 2005, p. 173 a.

Em %	Sudeste	
	1940	1950
Branco	56,7	62,0
Pretos	36,6	42,8

Fonte: Hasenbalg, 2005, p. 192.

Ao se comparar os dados correspondentes ao percentual de pessoas alfabetizadas, no território nacional e sudeste, evidencia-se que, apesar de ainda representar os piores números, a população negra encontra melhores condições educacionais no sudeste. Isso é resultado do desenvolvimento urbano que propiciou o surgimento de melhores oportunidades educacionais. O quadro não é diferente quando se observa o número de pessoas com dez anos, ou mais, que conseguiram concluir o primário, o secundário e a universitário.

Em %

	1940	1950
Branços	9,6	24,8
Mulatos	2,9	6,3
Negros	1,5	5,7

Fonte: Hasenbalg, 2005 p. 173 b.

Esses dados sinalizam para o que os estudiosos definiram como a existência de dois brasis, dois sistemas de ensino, duas realidades excludentes. Influenciados pelos ideais iluministas, o projeto de um Brasil moderno está associado ao desafio de erradicar o analfabetismo em que se encontrava a população brasileira quase que em sua totalidade. No entanto, como se pode perceber através dos dados acima, a população negra, apesar de experimentar um aumento considerável no acesso à formação básica, ainda assim, a diferença é discrepante quando comparados com a população branca. Todo esse avanço educacional corresponde ao projeto de modernização do Brasil que já vinha sendo calorosamente debatido pelos políticos e intelectuais há algumas décadas.

A década de sessenta, principalmente após o golpe militar, em 1964, representará uma certa estagnação no sistema educacional público. Isso fará com que a classe média e alta, não encontrando na escola pública a resposta para as suas necessidades educacionais, provoque a expansão das escolas privadas. Tudo isso refletirá imediatamente na concorrência para os cursos superiores em universidades

públicas que não tendo uma política de expansão de vagas, passa a adotar, cada vez mais, altos índices de concorrências em seus vestibulares.

O fato mais marcante na política educacional brasileira depois de 1964, ou seja, depois da derrota das forças nacionalistas que entretinham um projeto socialista para o país, foi à estagnação da rede de ensino público universitário, conjuntamente com a expansão do ensino privado em todos os níveis de educação – o elementar, o médio e o superior. Esse relativo abandono da educação por parte do Estado brasileiro é parcialmente responsável pelo fato de que apenas 7,8% da população brasileira de 18 a 24 anos estivesse nas universidades em 1998 (GUIMARÃES, 2002, p.4 *apud* IBGE *apud* Sampaio, Limongi, Torres, 2000).

Assim, estabelece o paradoxo: a escola pública não consegue preparar os alunos para os vestibulares que, cada vez, tornam-se mais seletivos, já a classe média e alta garante o seu acesso às universidades públicas. E aqueles oriundos do sistema de ensino público, em sua maioria composta por negros, encontram nas faculdades privadas a garantia de um diploma de ensino superior. Contudo, ao contrário do que ocorria no sistema privado de ensino fundamental e médio, devido os altos custos da formação acadêmica e da pesquisa científica, o que estas ofereciam eram diplomas desvalorizados, o que, segundo Guimarães, aumentava ainda mais a discriminação racial.

O que há de novo, portanto, é que, ao contrário dos anos de 1960, não foram às classes médias “brancas”, mobilizadas em torno de ideais socialistas e empenhadas numa política de alianças de classes, pretendendo-se, no mais das vezes, os porta-vozes de camponeses e operários, que tomaram a cena política. Quem empunhou a nova bandeira de luta por acesso às universidades públicas foram os jovens que se definiam como “negros” e se pretendiam porta-vozes da massa pobre, preta e mestiça, de descendentes dos escravos africanos, trazidos para o país durante mais de trezentos anos de escravidão. Essa juventude estudantil negra começa a realizar assim o ideal de luta socialista verbalizado por Florestan Fernandes (1972), no final dos anos de 1960: o negro seria o mais oprimido e explorado de todos, e sua luta a mais radical das lutas de emancipação (GUIMARÃES, 2002, p. 6).

As consequências naturais, dessa onda de questionamento e insatisfação, são as diversas manifestações públicas, seminários para debater a situação do negro na

sociedade brasileira.²⁰ E inspirados ao que ocorreu nos Estados Unidos, durante a década de 1960, o movimento negro brasileiro consegue criar as condições ideais, tanto no território nacional quanto internacional, para que o aparelho de estado assuma como sendo uma sociedade segregacionista, sedimentada no preconceito racial.

Longe de pretender esgotar o assunto, passaremos a sinalizar alguns dados estatísticos que mostram a presença dos negros nas universidades públicas. Vale lembrar que há uma insuficiência de dados estatísticos sobre o acesso do negro na universidade brasileira, já que até o ano de 2000 não havia a informação sobre a identidade étnica de seus egressos. Vejamos alguns dados: na Universidade de São Paulo - USP -, em 2001, havia 8,3% de "negros" (ou seja, 7% de "pardos" e 1,3% de "pretos") para uma população de 20,9% de pardos e 4,4% de "pretos", no Estado de São Paulo. A USP, com 34 mil estudantes na graduação, é praticamente a única universidade pública na Grande São Paulo (região em que habitam 17 milhões de pessoas.) (GUIMARÃES, 2002, p. 11).

A Folha de São Paulo, em 23 de novembro de 2008, no caderno especial sobre o racismo, nos oferece alguns dados importantes sobre a educação no estado.

1995	Em %			
	Total	Branca	Parda	Preta
Fundamental	62	57	65	65
Médio	29	30	29	29
Superior	9	13	6	6

Fonte: Folha de S. Paulo, 23/11/2008.

2008	Em %			
	Total	Branca	Parda	Preta
Fundamental	47	45	42	64
Médio	41	39	46	31
Superior	12	15	11	5

²⁰ Culminando na presença significativa na Conferência Mundial contra as Discriminações Raciais, ocorridas em Durban, África do Sul, (em 2001).

Fonte: Folha de S. Paulo, 23/11/2008.

O jornal introduz os dados com a frase “Cresce a presença de pretos e pardos no ensino médio”, numa clara intenção de desviar a atenção do leitor para o fato de que o mesmo não acontece em relação ao acesso ao ensino superior, onde apresenta uma queda de 6% para 5%. Houve um crescimento de 3% no número de vagas nas universidades públicas, no estado de São Paulo, porém a população negra não se beneficiou disso. O crescente número de pardos e negros concluintes do ensino médio justifica as reivindicações pelo acesso ao ensino superior. Tais questionamentos e reivindicações em se adotar o sistema de cotas para negros, indígenas, apesar de já ter sido adotado em algumas universidades, em São Paulo, a USP e Unicamp preferiram o sistema de pontuação para os alunos oriundos do sistema de ensino público. O que, em parte, pode ser explicado como sendo resultado de embates acirrados pela manutenção do poder.

Estudantes de nível superior

Em %

	1995	2001	2007
Branco	80	77	67
Pretos e Pardos	18	22	31

Fonte: Relatório Anual das Desigualdades reais no Brasil, a partir do Pnad/IBGE *apud* Folha de S. Paulo 23/11/2008.

Os dados acima demonstram algumas conquistas da população negra, no entanto há algumas peculiaridades que os números não dão conta. Os estudantes negros estão alocados, quase em sua totalidade nas faculdades privadas e, quando nas públicas, estão em cursos de menos prestígio. Dessa forma, as reivindicações, legítimas, do movimento negro vão ao encontro de uma melhor distribuição dessas vagas ocupadas apenas pela elite branca. O questionamento é que se o Estado não oferece as condições adequadas para a formação sólida de sua população de baixa renda, sendo também o processo seletivo já colocado em xeque por não considerar

outras habilidades dos concorrentes, não faz sentido os recursos públicos continuarem a financiar a educação da elite dirigente.

Essas questões são complexas, pois implicam uma discussão crítica em torno do que se configura como o estado de direitos, cuja ideologia apregoa os princípios de igualdade de oportunidades. Por isso, a defesa acirrada pela manutenção dos privilégios de classe tão amplamente ajustados por esse segmento. E, não de outra forma, o surgimento de alternativas como PROUNI (Programa Universidade para Todos), expansão dos créditos educativos e, por que não dizer, o surgimento da própria Unipalmares. Ela surge, dessa forma, num momento de intensa discussão sobre o estabelecimento de cotas para negros em universidade públicas. A sua existência cumpre a lógica do momento: há um contingente numeroso de negros concluintes do ensino médio demandando pelo ensino superior.

2.2 A pesquisa de Maria da Glória Calado

Maria da Glória Calado (2007) atuando como professora e coordenadora de estágio na Faculdade Zumbi dos Palmares, desenvolveu como dissertação do Mestrado em Psicologia, pela Universidade de São Marcos, a pesquisa: *Como uma Faculdade Voltada para a População Negra Favorece o Enfrentamento da Discriminação Racial, o Aumento da Escolaridade e a Inserção no Mercado de Trabalho Desta População*. Calado, a partir da observação direta e do depoimento de quatro estudantes e a aplicação de questionário fechado com 1264 alunos do curso de Administração de Empresas, busca responder ao seguinte questionamento: a Faculdade Zumbi dos Palmares favorece a formação da identidade étnica e profissional para os alunos do curso de Administração de Empresas? Concentrando a sua atenção aos programas de estágios em grandes empresas financeiras, ao final, a autora conclui que a permanência dos universitários nesses ambientes faz com os mesmos acionem mecanismos de enfrentamento quando discriminados, os entrevistados veem de forma positiva o aprendizado adquirido. Mas como a nossa pesquisa está voltada mais para uma perspectiva que busque traçar o perfil ideológico da instituição, tentando apreender

se ela apresenta as características inerentes à classe média, e por considerar que os dados coletados por Calado, em 2006, são importantes no sentido de traçar o perfil dos alunos, passaremos imediatamente para esse aspecto da pesquisa.

2.3. Perfil dos alunos

a) Faixa etária Em %

21 a 24 anos-----	28,5
25 a 30 anos -----	24,7
Mais de 30 anos-----	19,9
18 anos-----	15,2
20 anos-----	6,6
19 anos -----	4,3
Não respondeu-----	0,8

Fonte: Calado, 2007, p.93.

Calado conclui que a faixa etária dos estudantes da Unipalmares é jovem. Mas se observarmos esses dados com mais acuidade, eles poderão nos fornecer outras informações interessantes, pertinentes à situação em que se encontra grande parte dos universitários negros. Somados os maiores índices 28,5 e 24,7, chega-se a conclusão de que 53,2% desses alunos estão fora da idade ideal. O que nos faz elaborar outras questões sobre a trajetória escolar desse grupo. Esses alunos interromperam seus estudos e agora estão retornando ou finalizaram-nos, entraram para o mercado de trabalho e agora dão continuidade aos estudos? O que os fazem buscar um curso superior? E no caso específico da Faculdade Zumbi dos Palmares²¹, o que os motivou a ingressar e concluir o curso de Administração de Empresas? Embora já existam umas séries de informações que explicam a trajetória escolar acidentada, marcada pelas interrupções, repetência, principalmente da população negra, ainda assim uma

²¹ Quando esses alunos entraram, a Unipalmares oferecia somente o curso de Administração.

pesquisa exploratória acerca da realidade dos estudantes da Unipalmarens é extremamente importante para se conhecer as singularidades e motivações características desses universitários negros.

b) Local de Moradia

Em %

Leste-----	30,5
Norte-----	21,5
Sul -----	19,2
Oeste -----	14,3
Central-----	2,9
Outras-----	11,6

Fonte: Calado, p. 94.

A essa maioria, 30,5% serem moradores da região leste, a autora afirma ser esta predominância respaldada no fato de ser esta região “onde grande parte de seus moradores têm baixo poder aquisitivo” (CALADO, 2007, p.94). Entretanto a relação entre rendimento e as áreas residenciais nem sempre são correspondentes. Danilo Sales do Nascimento França vem desenvolvendo uma pesquisa de mestrado que analisa a segregação residencial em São Paulo, tendo como foco a população negra nas faixas de renda mais alta. Sua hipótese é que os negros de classe média ‘tendem a concentrar-se mais em áreas residenciais periféricas quando comparados com a população branca de mesmo estrado’(FRANÇA, 2009, p.1)²².

Nos estudos sobre segregação no Brasil destacam-se na pesquisas sobre a periferia das grandes metrópoles como espaços concentradores da pobreza urbanas e marcados pela ausência do Estado, pelas más condições de vida e pelo difícil acesso ao mercado de trabalho e aos serviços do Estado.

Entretanto, o atual debate sobre a distribuição dos grupos sociais no espaço urbano de São Paulo tem destacado uma maior complexidade do espaço, com a presença de classes altas na periferia – por exemplo, através da auto-segregação nos enclaves fortificados – e de favelas e bolsões de pobreza em áreas nobres. Constatando-se, nas áreas periféricas, uma maior diversificação

²² Tive contato com a pesquisa de Danilo França durante o 36º Encontro de Estudos Rurais e Urbanos. (USP-CERU, 2009).

social, havendo distintas configurações de pobreza e de segregação, assim como melhorias na infra-estrutura urbana e maior acesso aos serviços oferecidos pelo Estado. Impõe-se a necessidade de falarmos em periferias, no plural, e não mais em uma periferia homogênea (Marques e Torres, 2005 *apud* FRANÇA).

Preferimos, portanto, adotar a cautela de França em relação ao diagnóstico a que chegou Calado. Será que morar na região Leste significa realmente ter baixo poder aquisitivo? Essa questão merece uma melhor investigação, talvez confrontando renda, ocupação etc. Em seguida, França traz à luz alguns estudos que buscaram tematizar a questão dos moradores da periferia.

Alguns autores (Rolnik 1989; Carril 2003; Silva 2004; Vargas 2005), ao proporem esta reflexão, tomam como objeto de pesquisa favelas bairros periféricos, através de noções como “territórios negros” ou “espaços racializados”, para trabalhar as idéias de que lugares com alta concentração de negros proporcionam uma sociabilidade menos problemática para eles, e de que estigmas atribuídos ao negro estão também associados às representações de determinados espaços da cidade, podendo ser ressignificados na forma de discursos identitários (FRANÇA, p.2b).

O espaço de moradia e, por que não dizer, os lugares de estudo e diversão podem representar algumas estratégias usadas pela população negra no sentido de buscar uma socialização menos problemática. França finaliza seu artigo definindo qual o pressuposto assumido na sua pesquisa de mestrado em andamento.

Além disso, partirei do pressuposto que o local de moradia pode ser tomado como um importante referencial identitário (Andrade e Mendonça 2007), podendo conformar, inclusive, determinados modos de vida e visões de mundo. Pierucci (1989), por exemplo, analisa um certo segmento da classe média cujo local de moradia (bairros da Zona Leste de São Paulo) é um traço inferiorizador do seu *status*, implicando em uma auto-percepção, auto avaliação e num auto-recorte específico com relação à classe média em geral. De maneira que este grupo rejeita a visão de mundo e o estilo de vida da classe média “chique e *in*”, distante social e geograficamente deste grupo. Assim, ocupar uma posição mais privilegiada na hierarquia social e residir em um bairro com uma posição desfavorecida na hierarquia espacial pode indicar uma especificidade de determinado grupo ou fração de classe (FRANÇA, p.12).

d) Onde concluíram os estudos

	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Todo na escola pública	86,7	85,3
Maior parte em escola pública	7,0	6,6
Toda em escola privada	3,2	5,4
Maior parte na escola privada	3,1	2,7

Fonte: Calado, p. 95.

Os índices quase absolutos mostrando que os alunos pesquisados, 86,7% e 85,3%, concluíram o ensino fundamental e médio em escolas públicas é justificado por Calado como sendo a causa disso, as dificuldades financeiras enfrentadas por esta população. Mais uma vez, faz-se necessário lembrar que, as considerações sócio-econômicas são determinantes nas escolhas dos indivíduos, porém não podemos deixar de considerar as hipóteses de Danilo França. Será que podemos atribuir apenas a questões de ordem econômica, as escolhas de um grupo? São as escolas privadas o destino natural do aluno negro de classe média? Em que instituições eles estão melhores representados? E ainda, considerando-se que várias pesquisas educacionais constataram que há diferenças significativas entre escolas públicas centrais e periféricas, sendo marcante, portanto, os deslocamentos de alunos da periferia para as escolas mais organizadas, famosas por oferecerem melhores condições de formação. Outro fator determinante nessa busca por uma formação significativa, em áreas de concentração de classe média branca, pode ser explicado pelo fato de que esse grupo parece ainda ser determinante em exigir certa coerência do aparelho escolar com seus anseios de ascensão social.

e) número de vestibulares prestados

Em %

Nenhum	51,1
Um	15,2
Dois	18,1
Três	6,6
Mais de três	9,06

Fonte: Calado, p.97.

f) frequência em cursinho pré-vestibular

Em %

Não	76,2
Sim, menos de um semestre.	11,5
Sim, um semestre.	5,9
Sim, um ano.	5,7
Sim, mais de um ano.	0,7

Fonte: Calado, p, 98.

Calado justifica os altos índices de entrevistados, 51,1%, que não havia realizado nenhum vestibular e a não frequência em cursinhos pré-vestibulares, 76,2%, como causa imediata das dificuldades financeiras dos alunos. Algumas questões, no entanto, são imediatamente impostas quando nos defrontamos com tais indicadores. Uma investigação que buscasse apreender as motivações que levaram esses alunos a buscar o curso superior, talvez pudesse nos fornecer uma melhor compreensão da essência do projeto da Faculdade. Pois, se considerarmos que mais da metade dos alunos estão entre 21 e 30 anos e que, conforme a autora, 76,2% são solteiros, a pergunta que se coloca é: O que levou esses jovens a mudarem de direção, buscando a formação superior?

g) escolaridade dos pais

	Em %	
	Mãe	pai
Ensino fundamental incompleto	38,2	37,1
Ensino fundamental completo	19,5	19,2
Ensino médio incompleto	10,0	8,1
Ensino médio completo	17,9	17,2
Superior incompleto	3,1	3,8
Superior completo	2,9	4,6
Analfabeto	8,4	6,3
Não respondeu	---	3,7

Fonte: Calado, pp.98/9

h) Ocupação e renda

Em %	
Trabalha -----	83,9
Não trabalha -----	16,1

Fonte: Calado, p.100.

Renda individual	Em %
Não tem renda própria.	15,2
Inferior a dois salários mínimos.	36,4
Entre dois e quatro salários mínimos.	41,2
Entre cinco e sete salários mínimos.	6,3
Entre oito e dez salários mínimos.	0,9

Fonte: Calado, p.101.

Renda Familiar	Em %
Inferior a dois SM.	10,2
Entre dois e cinco SM.	62,0
Entre seis e dez SM.	24,7
Entre dezesseis e vinte SM.	2,3
Mais e vinte SM.	0,7
Não respondeu.	0,1

Fonte: Calado, p. 102.

Os intervalos relacionados ao número de salários entre cada grupo parecem produzir certos estranhamentos. Há 62,0% de alunos cuja renda familiar varia entre dois e cinco salários mínimos. Porém é interessante sabermos qual o percentual de famílias com renda de dois salários mínimos. E de cinco salários? A impressão que se tem é que os dados não dão conta de retratar a real situação financeira dessas famílias. Por exemplo, é notória a diferença entre uma renda familiar de R\$1.020,00 e a outra de R\$2.550,00. Dessa forma, acreditamos que para se ter uma descrição realista da renda familiar desses entrevistados, é pertinente que se diminua os intervalos no interior dos agrupamentos.

Pessoas que vivem da renda familiar	Em %
Uma -----	6,1
Duas -----	18,8
Entre três e cinco-----	62,0
Acima de cinco-----	12,9
Não respondeu-----	0,2

Fonte: Calado, p. 103.

O que para Calado

O gráfico [renda familiar] é muito importante, pois traz a resposta da situação financeira da família, além de confirmar a necessidade dos alunos entrevistados em trabalhar para complementar a renda familiar, já que 62% responderam que entre três e cinco pessoas da família vivem desta renda (CALADO, 2007, p.103b).

A renda *per capita*, combinada com a mensalidade acessível, são os fatores que determinam as escolhas dos jovens negros em estudar na Faculdade Zumbi dos Palmares, nos informa Calado. Concordamos com a autora, mas acreditamos que a essa realidade deve-se agregar outras questões como sociabilidade, adesão à perspectiva de ascensão social, como sendo, a nosso ver, determinantes na escolha da

faculdade Unipalmares por esses alunos. É a própria maneira de se comportar do brasileiro que fundamenta a nossa reflexão. Sendo característico no comportamento nacional, repudiar as práticas de segregação explícitas, o que motiva esse grupo a preferir estudar numa faculdade para negros? O cartaz de divulgação do seu vestibular associa a escolha pela faculdade como sendo uma ação pessoal que proporcionará mudança de vida. Sociabilidade positiva presente na frase de divulgação: “corpo discente cerca de 90% de alunos negros declarados” parece ser um elemento que serve para atrair novos alunos. Esse argumento sugere que um dos critérios considerados importantes pelo estudante negro está em escolher um ambiente onde a maioria é negra. Esse comportamento nos faz refletir sobre a necessidade do negro brasileiro em criar para si algumas zonas de conforto, distantes dos julgamentos engessados da condição de ser negro, de ser humano. Fato este que, combinado com o desejo de ascensão social, parece ter correspondência no anúncio publicitário da Unipalmares.

Para dar a oportunidade àqueles que **querem mudar sua vida**, estão abertas as inscrições para o vestibular do segundo semestre da Faculdade Zumbi dos Palmares, a primeira na América Latina a ter em seu **corpo discente cerca de 90% de alunos negros auto-declarados**.(Portal da Faculdade, cf. 6)

Trabalhamos, então, com a hipótese de que a adesão bem sucedida dos negros à Unipalmares responde a dois princípios: a sociabilidade e o desejo de ascensão social. Contudo, há a presença daqueles alunos que buscam na faculdade a possibilidade de estabelecer uma leitura crítica em relação à condição de estudantes negros num país marcado por práticas discriminatórias. Entretanto tais ideais nem sempre encontram ressonâncias nas práticas pedagógicas da Unipalmares. Isso acaba por produzir questionamentos entre alguns alunos sobre a função da universidade em refletir sobre a sociedade. Esse conflito transparece em algumas entrevistas elaboradas por Maria da Glória Calado.

Valmir: Eu me sinto bem. [...] Agora tem bastante gente [...] eu gostaria que algumas coisas fossem diferentes na faculdade [...] que o pessoal fosse mais unido, principalmente, a direção né, **que os alunos focassem um pouco mais na sociedade em vez de si próprio**. Eu vejo que muitos alunos vêm, até mesmo pela aquela **propaganda que é feita: bancos, parcerias, estágios então a pessoa vem muita em busca disso** né. É vou arrumar um estágio, vou arrumar... Na verdade e eu acho que a função da Universidade é você vim aprender e aplicar aquilo que você aprendeu pra sociedade. A faculdade, não só a pública, mas ela tem que dar um retorno pra sociedade (CALADO, p.)

O questionamento do aluno Valmir revela a sua inquietação em relação ao que ele percebe ser o comportamento típico dos ingressantes na Unipalmarenses: atendendo aos reclames publicitários da própria faculdade, entram com fortes determinações para um projeto de realização pessoal de ganhar dinheiro, ser bem sucedido. No entanto, Valmir não está de acordo com isso, pois acredita ser a responsabilidade da Universidade produzir conhecimentos que possam ser aplicados para a melhoria da sociedade.

É possível também perceber através de alguns entrevistados, os conflitos existentes na instituição, principalmente no que se refere à situação profissional de professores e diretor. Apesar de não revelar explicitamente os motivos causadores dos desligamentos de profissionais do projeto, o depoimento a seguir pode nos dar algumas pistas as quais somente terão validade quando confrontadas com outras visões futuras do projeto. O que estamos buscando nos depoimentos dos alunos são elementos que nos orientem para uma compreensão da ideologia do projeto, que não seja apenas a manifesta na forma de propaganda que quase sempre traduz as aspirações em seu estado idealizado. Sendo, portanto, as ações a configuração concreta dos ideais, são elas que nos sinalizam sobre a congruência entre os dois pressupostos.

Valmir: É saiu professores, **teve um diretor que foi mandado embora e não sabe nem porque** e a gente ficava [...] aí veio um outro que tomou posse e depois passou um tempo e saiu né então o que passa pela cabeça pô eu vou investir quatro anos e como que vai ser já tá assim como que vai ser então [...] (CALADO, anexo).

É interessante observar que apesar da insegurança experimentada pelo aluno em desconhecer o motivo do desligamento do diretor, sua substituição por outro que

também não permaneceu, sugere um envolvimento do aluno com a instituição, diferente do que normalmente ocorre em universidade privadas. Nessas o aluno é o cliente e os funcionários, em geral, devem desempenhar as suas funções com competência, do contrário serem demitidos é uma variável com muitas possibilidades de acontecer. Em relação à Unipalmares, talvez o tamanho do projeto, o número ainda reduzido de alunos promova um envolvimento consistente entre alunos, professores e diretor. Mas também pode caracterizar um diferencial da faculdade.

Valmir: Teve o professor [...] Hudson que, infelizmente, não está conosco mais que deveria tá porque **ele abraçou o projeto forte** também que **nos ensinou a racionar, a pensar. Não ser como uma máquina de manobra que ouve e já sai falando, reproduzindo, mas pensar em toda uma situação.** Isso, acho que nos ajudou a estudar bastante também assim, você lê mais e entende o assunto **não simplesmente só ouvir.**(CALADO, anexo).

Nesse fragmento, Valmir apresenta na metodologia do professor Hudson um diferencial que, provavelmente, não parece algo comum na Unipalmares. Os elementos usados para descrever o professor como “ele abraçou o projeto”, “nos ensinou a raciocinar”, “Não ser uma máquina de manobra que ouve e sai falando [...]” são evidências de que Hudson vinha desenvolvendo de forma satisfatória o seu trabalho.

Claudia: [...] o 1º ano tivemos professores maravilhosos e como continuamos tendo até hoje, **só que alguns, infelizmente, deixam a desejar [...].** E aí o professor Zé Vicente [...] fez um **discurso bonito, apresentou uma pessoa maravilhosa** e aí **do nada [...]** não teve aula, uma **reunião ninguém sabia o que estava acontecendo. O diretor da faculdade tinha sido mandado embora e o filho dele nos dava aula e ele pediu a conta porque ele achou que a forma que foi feita [...]** ligaram pra ele e dizendo que ele não fazia mais parte do quadro de funcionários. (CALADO, anexo)

A estudante Claudia demonstra certa inquietação em relação a chegar à faculdade e descobrir que terá aula. Em seguida, a aluna entrevistada informa-nos sobre a habilidade do reitor José Vicente em contornar a situação com o seu “discurso

bonito”. No entanto não tivera aula porque o diretor fora desligado da faculdade pelo telefone.

Cláudia: Foi em [...] 2004 [...] no 1º ano de faculdade só que [...] nós não sabemos a verdadeira versão [...] porque a faculdade não se prontificou em passar a versão dela [...] ficamos com o que o professor falou. Resumindo **ficamos sem professor [...] uma semana pra ter prova**, tivemos um outro professor, **nesse mesmo dia foi apresentado um outro diretor** que era o_____. (CALADO, anexo.)

Mais uma vez a aluna apresenta a sua inquietação em relação à instabilidade provocada pela ausência de profissionais, “ficamos sem professor [...] uma semana pra ter prova [...]”. O acontecimento também revela um outro dado em relação à Unipalmarens, os fatos relatados pelos alunos evidenciam que não parece existir um conselho administrativo com a função de decidir sobre contratações e demissões de funcionários.

Em síntese, a questão desenvolvida por Maria da Glória Calado (2007) em sua dissertação de mestrado tem como propósito tecer uma reflexão sobre a ocorrência (ou não) do aumento de anos de estudos e se a faculdade contribui para a inserção de negros no mercado de trabalho. A autora constata, ao final de sua investigação, que isso acontece. Considera que vem ocorrendo no mercado de trabalho brasileiro a tendência das empresas reduzirem seus gastos contratando estagiários que acabam desempenhando mais que a função de aprendizes, mas ganhando um salário bem reduzido. Sem desenvolver uma análise acerca das percepções desses estagiários em relação à precariedade do trabalho, logo Calado passa a considerar as contribuições que a aquisição de conhecimentos práticos, a convivência no ambiente tenso das empresas financeiras, acabam trazendo para os alunos. Outro aspecto interessante abordado na pesquisa são as relações que se estabelecem entre os estagiários brancos de faculdades renomadas e os da Unipalmarens. Calado analisa como essas relações são travadas, observando que muitas vezes são elas tensas e, demandam, por isso, um enfrentamento do aluno discriminado, o que, segundo a autora, demonstra um aspecto positivo, pois cria as condições ideais de pertencimento. Mas Calado não

tece uma reflexão sobre algumas críticas que aparecem nas falas dos alunos em torno dos objetivos que são propostos pela faculdade e aqueles que são realmente perseguidos. O que se pode, parcialmente, ser explicado como sendo característicos de pesquisas em que pesquisadora e objeto estão implicados numa mesma rede de significados.

.2.4 A estrutura da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Durante esses seis anos de funcionamento, a Faculdade Zumbi dos Palmares mudou de endereço três vezes. Primeiro funcionava próximo ao metrô Armênia, depois foi transferida para o bairro Barra Funda, lugar considerado, no passado, de maior concentração negra, mas que devido ao desenvolvimento da cidade foi sendo empurrada para a periferia mais distante. Está funcionando atualmente no Clube Regata Tietê, o mesmo que na década de 40 reunia para a prática esportiva e lazer a elite paulistana; também é o mesmo que não permitia a entrada de negros em suas dependências²³. Atualmente o clube encontra-se quase que totalmente abandonado, pois o mesmo desenvolvimento que outrora rejeitara e excluía os negros, em outro contexto, provocou a debandada da classe média branca, a qual fugindo dos problemas causados pelo desenvolvimento desenfreado da metrópole, encontraram no condomínio fechado ofertas mais interessantes de lazer. Assim o clube Tietê, como outras áreas urbanas da cidade de São Paulo passarão a ser o tema recorrente de discussões sobre a necessidade de se criar mecanismos que garantam a revitalização desses lugares. Os centros ociosos passam a fazer parte de uma dinâmica cujos objetivos são facilitar a sua ocupação pela população mais pobre e, por que não dizer, pelos dos negros. Fato este que é vista de forma simbólica e significativa pelo mentor da Faculdade Zumbi dos Palmares, José Vicente.

O reitor [José Vicente] interpreta as “andanças” da sede em termos simbólicos. “Elas retratam o tema do nosso lugar no imaginário, na educação. É uma luta difícil, exige ações objetivas, mão na massa, dinheiro, tanto que às vezes é

²³ O ator Milton Gonçalves foi impedido de participar de um baile de carnaval em 1940. E em 1978, o protesto contra a discriminação racial sofrida por quatro atletas negros, fez surgir O Movimento Negro Unificado (MNU) (Carta Capital, 2009, p. 12).

mais fácil ficar na utopia. (...) Temos andado sempre para frente, não de lado". Além do crescimento dos 2 mil metros quadrados iniciais para os 20 mil de hoje, as andanças têm levado a faculdade aos Estados Unidos, dentro de um programa de ações afirmativas firmado por Condoleeza Rice no governo Bush e mantido por Barak Obama. (*Revista Carta Capital*, ano XV, nº 544, de 6 de maio de 2009, p15).

Os lugares reservados ao negro no 'imaginário' e na 'educação' paulista, inclusive a brasileira, são aqueles que não se constituem uma ameaça ao *status quo*, um atentado aos direitos adquiridos dos brancos. E é nessa perspectiva de possibilitar o trânsito de pessoas negras nos lugares considerados elitizados, que José Vicente acaba por revelar uma espécie de segregação racial. Os espaços que ainda permanecem atraindo uma elite também são almejados por José Vicente.

O Teatro Municipal [...] esse espaço, apesar de ser público, é muito elitizado e os negros, praticamente, não tem acesso a ele [...] por isso, José Vicente procura realizar suas comemorações sempre em locais simbólicos, onde os negros, dificilmente, teriam acesso, como Jockey Clube de São Paulo ou o Hotel Macksoud Plaza [...] (*Revista Afirmativa Plural*, 2003, nº 0).

A Unipalmes, juntamente com a ONG Afrobras, realiza anualmente dois eventos, o Troféu Raça e a entrega da Medalha do Mérito Cívico. O primeiro evento é a versão Oscar da comunidade negra, quando durante uma festa de gala, ocorre a entrega da estatueta Zumbi dos Palmares às personalidades nacionais e internacionais, em reconhecimento pelo trabalho em prol do desenvolvimento do negro na sociedade brasileira. Isso ocorre durante as comemorações da Semana da Consciência Negra, no mês de novembro.

16 de novembro de 2008, Sala de Concertos São Paulo, uma das mais belas casas de espetáculos do mundo. Trajes a rigor. Autoridades de diferentes áreas, artistas, atletas e convidados se conglomera num momento especial: premiação do Troféu Raça Negra, as festividades do Dia Nacional da Consciência Negra [...] (*Afirmativa Plural Especial Troféu Raça Negra 2008*).

Já a entrega da medalha do Mérito Cívico Afro-Brasileiro foi criada com “o objetivo de reconhecer as iniciativas de pessoas físicas e jurídicas, que, com ações diretas ou indiretas, contribuem para a inclusão, elevação, valorização e respeito ao negro [...]” (Afirmativa Plural, 2006, nº 14, p. 19). A entrega da condecoração está associada a duas datas importantes, dia 21 de março - Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial e 13 de maio – Dia da Abolição da Escravatura. Além desses momentos em que colaboradores da Unipalmes são lembrados, a biblioteca da instituição recebe o nome Joseph Beasley, presidente da African Ascension e representante da Afrobras nos EUA; o auditório chama-se João Carlos Di Gênio em homenagem ao professor e proprietário do Colégio Objetivo e da Universidade de São Paulo (Unip). Emprestar o nome de empresários, empresas às suas salas parece ser o objetivo da Unipalmes que, numa campanha lançada na revista Afirmativa Plural, de 2007, nº 21, traz a imagem do ex-governador Geraldo Alckmin, convidando os empresários a adotarem uma sala de aula.

A Unipalmes está com o programa *Adote uma Sala de Aula*. E o setor privado precisa entender que a melhor maneira de fazer a responsabilidade social é através da educação, promovendo a igualdade e resgatando uma dívida social e histórica com os afrodescendentes. Assim sendo, deve apoiar a universidade e a capacitação profissional que ela vem empreendendo (Geraldo Alckmin, 2007, p.21)

No mês de novembro, acontece o Seminário sobre a Diversidade, quando estudiosos apresentam uma série de palestras, abertas ao público. O seminário finaliza com a atividade cultural no dia 20 de novembro, reunindo artistas negros famosos e a comunidade negra, em geral²⁴.

Uma vez por semana há apresentação do Programa televisivo Negros em Foco, com apresentação de José Vicente, transmitido pela TV aberta (canal 9, da Net), pelo RBI (Canal 14 UHF) e Rede Mundial (Via Satélite).

²⁴ O contraponto desse evento é a passeata que ocorre na Avenida Paulista no dia 20 de novembro, organizada pelo movimento negro com vistas a denunciar a discriminação de que ainda são vítimas, exigindo seus direitos a uma cidadania plena. Ambos os segmentos apresentam formas diferentes de lembrar a morte do grande líder negro Zumbi dos Palmares, o movimento negro como forma de protesto caminhando pelo centro financeiro do país, a Unipalmes com suas festas “chiques”, reunindo personalidades em shows e jantares.

O programa Negros em Foco tem tudo o que interessa à comunidade afrodescendente. E também a todos aqueles que se interessam pela liberdade, pela inclusão social, pela afirmação do negro na sociedade brasileira. Entrevistas, política, saúde, emprego, variedades. (Revista Afirmativa Plural, 2009, nº30, p. 103).

Através de convênio firmado com o Senai, Instituto Paula Souza e Incor, a Unipalmars está oferecendo cursos técnicos profissionalizantes: Enfermagem, Análise de Sistemas, Administração e Eventos. O Colégio Zumbi dos Palmars funciona à tarde, no próprio prédio da Unipalmars. O processo seletivo para os cursos ocorre separado do seu vestibulinho tradicional.²⁵

Em 2004, a faculdade oferecia apenas o curso de Administração, mas no ano seguinte, apresentava outras opções como Direito, Tecnologia de Transportes Terrestres, Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, Pedagogia. Como parte do sistema de formação, criou os laboratórios de reforço extracurricular nas matérias de Português, Matemática, Inglês e Informática; além do Centro de apoio Pessoal com psicólogo (NAP-Núcleo de Apoio Psicológico), assistente social, orientadores educacional e profissional. O currículo é trabalhado de forma transversal, tendo as matérias básicas Comunicação e Expressão tratando da Língua e Cultura. Desenvolve também, em Sociologia, a relação racial e de classe; já em Direito, a Justiça e a Igualdade, em Filosofia, a Ética, a Isonomia e a Equidade. Para completar, oferece a disciplina História do Negro, mas a questão racial deve ser abordada por todas as disciplinas. Havia também uma disciplina que abordava a Economia do Negro, mas segundo a ex-diretora da instituição Rosângela Hilário²⁶, durante a segunda visita da pesquisadora a Unipalmars, o MEC exigiu que fosse retirada da grade curricular tendo como o argumento de que a disciplina trazia aspectos discriminatórios.

O estágio apresenta como objetivo proporcionar ao estudante atividades práticas que deverão ser desenvolvidas na comunidade, nas instituições e nas empresas, relacionadas à sua futura área profissional.

²⁵ Uma funcionária do Instituto Paula Souza que recebia as inscrições para o processo seletivo afirmou que a formação é a mesma, mas a Unipalmars divulga que os alunos terão conteúdos relacionados a etnicidade.

²⁶ Rosângela Hilário durante conversa informal com a pesquisadora.

3 REVISTA AFIRMATIVA PLURAL

3.1 Características gerais da revista

A revista *Afirmativa Plural* é uma publicação bimestral da ONG Afrobras, instituição responsável pela fundação da Unipalmarens. Nos primeiros números os seus conteúdos estão direcionados para os estudantes do curso de Administração, e, assim que vão ampliando as áreas de formação oferecidas pela instituição, vão adequando os conteúdos da revista para atender às diversas expectativas dos estudantes. Assim, os temas geradores são reunidos em pertinência à formação profissional, com enfoque para a temática étnica, evidenciando-se a projeção de personalidades negras do universo esportivo, cultural e empresarial - nacionais e estrangeiros – com predominância para os afro-americanos. Há forte destaque para os parceiros do projeto. Por isso é comum encontrar artigos, entrevistas, fotos de página inteira, onde nitidamente o que prevalece é a divulgação de um “certo verniz” de preocupação social. Se o parceiro faz parte dos campos político ou empresarial, o texto aparece para revalidar a imagem, mas quando faz parte do campo artístico, a imagem é absoluta.²⁷ O que nos faz refletir sobre os significados desses campos no cenário nacional. Há, por outro lado, as colunas de Maurício Pestana (que também escreve para a revista *Raça Brasil*), Rosenildo Gomes (colunista da *Istoé Dinheiro*), Célia Malaquias (psicóloga da Unipalmarens) e Francisca Rodrigues (jornalista responsável pelo editorial da revista). A função principal da revista é divulgar o pensamento de quem faz a Unipalmarens acontecer. Com isso, como o próprio reitor da faculdade, José Vicente, definiu ser a Unipalmarens é “um palco iluminado e eclético”, transitam pela revista todos os segmentos sociais representativos que podem, de alguma forma, imprimir ao projeto credibilidade.

²⁷ Há um espaço na revista destinada a divulgar as visitas dos famosos a Unipalmarens, o que nos dá a sensação de ambiente em formato de grandes eventos, onde será possível encontrar artistas globais, cantores internacionais etc.

São, por conseguinte, inúmeras as possibilidades de análise da revista *Afirmativa Plural*, porém, sendo o nosso objetivo compreender a ideologia do grupo que está por trás da formação da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares, acreditamos ser a análise dos editoriais da revista *Afirmativa Plural*, a melhor via para atingir os nossos propósitos.

Aurélio Buarque de Hollanda define o vocábulo editorial como sendo **Artigo que exprime a opinião do órgão, em geral escrito pelo redator chefe, e publicado com destaque**; artigo de fundo. (HOLLANDA, 1988, p. 234). Essa tipologia textual traz, portanto, de forma condensada os conteúdos tratados em cada edição, considerados mais relevantes. Assim as seleções desses conteúdos podem revelar o posicionamento ideológico dos responsáveis pela publicação da revista e, em última análise do grupo fundador da Unipalmares. Dessa forma, ao final de uma leitura crítica dos editoriais, provavelmente será possível responder algumas questões como: qual é o ideal profissional a Unipalmares busca imprimir em seus alunos? São aspirações próprias da classe média? A educação é vista como sinônimo de sucesso profissional ou aparece o ideal de uma formação humanística? Insinua-se um projeto de vida pautado no sucesso profissional, marcado pelo consumo? Ou há uma orientação sedimentada na responsabilidade social?

3.2 Análise dos editoriais

Serão analisadas vinte e seis edições da revista *Afirmativa Plural*, já que as de número 0 (2003), 10 (2005), 11 (2006), 17 e 18 (2007) estão esgotadas.²⁸ Outras três edições especiais da entrega do troféu serão usadas apenas imagens. Excetuando-se o editorial da edição de número 22, de 2007, assinado pelo reitor, José Vicente, todos os outros artigos são da jornalista Francisca Rodrigues.

²⁸ Buscamos esses exemplares na biblioteca da Unipalmares, mas como seus conteúdos não colaboram de forma diferente ao que foi reunido na vinte sete edições, consideramos a supressão daqueles números não trarão prejuízo à análise da revista.

1) Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO I - Nº 1 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.

Título: “QUE VENHA A CONSTITUINTE”

Francisca Rodrigues elege a nova Constituinte e o novo Ministro da Educação, Tarso Genro, como ponto de partida para indicar a esperança de que a mudança favoreça a diversidade, configurada no ingresso de mais negros nas universidades públicas.

“Orai e vigiai para que de fato a Constituinte nos brinde com umas universidades modernas, ágeis, comprometidas com os valores da diversidade e que preveja instrumentos que garantam o acesso e a permanência em suas hostes para todos os brasileiros (RODRIGUES, 2004, p. 3^a.)”

Em seguida, afirma que mais de “sete mil negros vão estudar em universidades públicas graças à política de cotas”, mas diz que esse número ainda é muito pouco representativo quando comparado aos 45% da população negra. A jornalista tece uma crítica ao presidente Lula e ao Movimento Negro.

Avanço esse que poderia ser maior, caso o presidente Lula tivesse assinado a MP instituindo cotas para negros no ensino superior e nos cursos profissionalizantes do ensino médio. ‘Faltou mais articulação política junto à sociedade civil. Tivessem as entidades do Movimento Negro participado da discussão do Grupo de Trabalho, maciçamente, o quadro seria outro’, diz um dos nossos entrevistados, o advogado Humberto Adami (RODRIGUES, 2004, p.3b.).

Apesar de anunciar a inauguração da sede da Faculdade de Administração Zumbi dos Palmares e seu primeiro vestibular, o que prevalece nesta edição é a visão crítica em relação a implementação do sistema de cotas para negros em universidades públicas, à administração do presidente Lula em não oferecer aos cotistas as condições

econômicas para se manterem durante o período de estudos, o que é visto como consequência da falta de articulação do movimento negro.

2) Revista: AFIRMATIVA Plural-ANO I - Nº 2 - ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.

Título: “Há partículas de ouro no ar!”

Há partículas de ouro no ar! Sabe aquela sensação de que alguma coisa vai acontecer ou já está acontecendo e você não sabe direito o que é? Mas que, apesar de não conhecer, dá uma sensação, uma certeza de que está te rondando e que vai explodir, logo, logo? E mais ainda, que já não era sem tempo?

Pois é! Essa “coisa” com certeza é a grande mudança no cenário da comunidade negra, que já vem lutando há mais de cem anos no Brasil por seu lugar ao sol (RODRIGUES, p.3 a).

Como se pode observar, o destaque nesta revista é a mudança que vem operando na sociedade brasileira, em relação à superação da discriminação sofrida pela população negra. Há o destaque para a matéria “Um Brasil de 800 bilhões de dólares”, do presidente da Afrobras, José Vicente, cujo conteúdo sinaliza que

[...] ações políticas, sociais, econômicas, culturais e empresariais, isoladas e ou conjugadas, de governos, instituições e Representações da sociedade civil, têm culminado numa grande produção de ações e medidas de impacto na valorização, inclusão e visibilidade do negro, compreendendo a necessidade de integrá-lo nos postos de trabalho, na comunicação de seus produtos e no rol de seus fornecedores e, especialmente de consumidores (RODRIGUES, p. 3b.).

Após anunciar os dados econômicos, usados pelo Reitor para mostrar o poder aquisitivo da comunidade negra, a jornalista afirma que “É prova dessa movimentação e do crescente poder aquisitivo da comunidade negra, é que os estrangeiros – principalmente os norte-americanos – estão chegando, expandindo os seus negócios, conquistando espaços que, aliás, poderiam até ser conquistado por brasileiros mesmos (idem). Reconhece, por outro lado, que” embora de forma lenta, já estamos nos mexendo e com instituições dando um bom suporte (RODRIGUES, p.3c)”.

Um exemplo é o Integrare – Centro de Integração de Negócios, que visa aproveitar os recursos humanos, técnicos e financeiros do mundo empresarial, para alavancar a inclusão e integração social dos grupos tradicionalmente desfavorecidos [...] Seu principal objetivo é criar oportunidades de negócios aos negros, portadores de deficiência e/ ou indígena. Nesse caminho também, a Afrobras criou o “Clube do Whisky” [...] com o objetivo de unir empresários negros em um mesmo espaço, aumentando o networking entre a própria “raça”, possibilitando o fortalecimento e crescimento econômico social (RODRIGUES, p. 3d).

Sintetizando, nessa edição fica evidente a sequência de fatos desejados que norteiam os objetivos da Unipalmarenses. Há negros com poder aquisitivo para consumir, portanto existe um nicho potencialmente propício a investimentos, para isso a Unipalmarenses contribuirá para a formação desses negros empreendedores.

3) Revista: AFIRMATIVA plural - ANO I - Nº 3 - ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.

Título: “Mudanças, encontros, reencontros e orgulho da nossa raça”

Após apresentar os dados relacionados à desigualdade racial no mercado de trabalho, Rodrigues convida o leitor a observar essa realidade no seu cotidiano: “Da próxima vez que for a um shopping center, por exemplo, procure por negros e pardos vendedores e/ ou gerentes nas lojas e você constatará que a presença deles é muito pequena (RODRIGUES, p.3 a).” Mas logo em seguida, passa dessa constatação, numa perspectiva positiva da realidade, alojada nas ações inconscientes da elite em relação à opressão e discriminação que historicamente impeliu ao negro.

Mas como em outros setores da sociedade, os sindicatos **estão acordando** para esse fato e procurando adotar medidas para minimizar essa situação. O primeiro a tomar uma posição quanto a isso foi o Sindicato dos Empregados do comércio de São Paulo, que fechou acordo com duas grandes redes de lojas em São Paulo, a camisaria Colombo e o Têxtil Abril, que estabeleceram que 20% das contratações feitas serão de funcionários negros (RODRIGUES, p.3b.).

Em seguida, mostra que a ação expande para o judiciário.

A máquina de investigação do Ministério Público também começa a se mexer no mês passado, o MP abriu inquérito civil público contra a Fiat automóvel em Minas Gerais, e de procedimento investigativo contra o Bankboston em São Paulo, em resposta às representações da desigualdade racial no mercado do trabalho, efetuadas de uma só vez junto aos 28 pontos regionais do MPTR [...] (RODRIGUES, p.3c).

A nosso ver, há dois aspectos a serem considerados nessa edição. O primeiro de caráter positivo, nos parece remontar ao que aconteceu nos EUA, durante a década 60, quando se tornou comum os afro-americanos impetrarem ações judiciais pelos direitos civis do negro. Pode-se mesmo atribuir a esse aspecto grandes conquistas na legislação norte-americana. Outro aspecto marcante, expresso na afirmação da editoralista Francisca Rodrigues, é o discurso conciliador. Isso parece minimizar as lutas históricas do movimento negro. Atribuir a discriminação racial e a desigualdade social em que se encontra a população negra a uma espécie de sono da elite, por isso a mudança que passa a ser operada a partir do momento em que “se acorda”, parece-nos representar uma maneira brasileira tradicional de se encontrar saídas saudáveis para os conflitos. Entretanto tais medidas acabam por isentar a elite brasileira de fazer uso de medidas que garantam a manutenção do poder, numa prática contínua de desvalorização da luta das classes exploradas. Dessa forma, o que permanece é o mito do “bom senhor”, substituído pelo “homem cordial” que, enfim, assume na revista *Afirmativa* a expressão de “sono da elite”. Sono este que durou mais de cem anos e sacrificou toda uma etnia de ver garantidos os seus direitos humanos mais elementares – o direito à sobrevivência.

4) Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO I - Nº 4 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.

Título: “Orgulho da cidade!”

[...] os beneficiados (estudantes da Unipalmarenses), ainda não conseguiram captar e “vestir” a real importância desta faculdade, única no Brasil e na América Latina, que tem em seu corpo discente 80% de negros e afro-descendentes. Nunca vimos por aqui, uma classe como a nossa, com 50 negros e 10 brancos.

Sempre que passo pelas classes e vejo essa imagem, sinto uma forte emoção e ao mesmo tempo, uma inveja saudosa, pois queria ter estudado em um ambiente como esse, onde me visse refletida num espelho (RODRIGUES, p.3).

Rodrigues, inicialmente, apresenta o trecho da fala do então Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, durante aula Magna, na Unipalmarenses para em seguida, em tom de desabafo reclamar da postura dos “beneficiados” da faculdade. Mas o que não fica explicitado, ao longo do texto, é o que a jornalista considera como “vestir” e “captar a real importância desta faculdade”. Em relação ao ambiente, parece-nos que talvez seja esta a motivação dos alunos ao escolher a faculdade, está em encontrar na faculdade “um ambiente” onde se veem refletidas [os] como “num espelho”. Essa perspectiva de estudar num ambiente em que a maioria é negra, parece criar nos estudantes, em relação a Unipalmarenses, uma enorme expectativa. O que, provavelmente, fará com que haja um direcionamento dos conteúdos, no sentido de ir além de uma visão eurocêntrica, ainda tão fortemente presente na educação brasileira, para se valorizar a diversidade marcada pelo pertencimento.

**5) Revista: AFIRMATIVA Plural- ANO I - Nº 5 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2004.
Edição Especial**

Título: “Troféu Raça Negra, uma homenagem a todos.”

A entrega do troféu Raça Negra para os “negros de todas as cores” que contribuíram com o projeto, é justificada pela ausência de quaisquer referências a esta etnia, durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, e os 450 anos de São Paulo.

Nem nas comemorações o negro é lembrado. Foi o caso dos 500 anos de descobrimento do Brasil, onde todas as raças foram prestigiadas, menos os negros. E, agora no aniversário de São Paulo, onde temos o maior contingente de negros do país – 3,5 milhões – que, com certeza ajudaram a construir esse gigante, o negro foi novamente esquecido. Por isso, a Afrobras, mais uma vez, a exemplo de 2000, resolveu ajudar na luta contra essas desigualdades e promove a entrega do Troféu Raça Negra 450 Anos de São Paulo (RODRIGUES, p.3).

6) Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO II - Nº 6 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2005.

Título: “Novo ano com grandes projetos”

O editorial, nessa edição, não apresenta a síntese dos principais assuntos que serão abordados na revista. Informa apenas das conquistas da faculdade em relação ao número de alunos, que de 200, em 2004, começa 2005, com 600; o que justifica a mudança de prédio. Mas diferentemente das outras edições, antes do editorial, abrindo a revista, há uma entrevista com o professor do Programa de Estudos e Pesquisas das Religiões, da UERJ, José Flávio Pessoa de Barros, da qual passamos a destacar um trecho que consideramos representar um dos objetivos da Unipalmars.

Afirmativa: Considerando as inúmeras diferenças entre a população afro-americana e afrobrasileira, o senhor acredita que a Zumbi pode vir a ter o mesmo sucesso que as faculdades negras nos Estados Unidos?

José Flávio: A faculdade é nova e merece todos os créditos possíveis, as pessoas devem apoiar essa iniciativa que aqui é novidade, mas lá é muito comum o que gerou ótimos cursos. Para que essa qualidade seja confirmada é necessário que a população tenha conhecimento do que é a faculdade, quais seus objetivos, o que ela realmente poderá oferecer (RODRIGUES, p. 5).

7) Revista: AFIRMATIVA - ANO II - Nº 7 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2005.

Título: “117 anos de Liberdade”

Em resposta às perguntas “O que é Liberdade? O negro já a conquistou?”, autoridades, personalidades artísticas e formadores de opinião escrevem para a revista. De todos os depoentes, a jornalista destaca trechos das respostas do senador José Sarney.

De uma maneira imensurável, toda a nossa sociedade é alimentada de práticas discriminatórias. Elas são difíceis de verificar e até mesmo de admitir nos atos individuais, mas não de comprovar: basta ver a diferença de salário médio entre negros e brancos de mesma qualificação e ocupando a mesma função (SARNEY, José *apud* RODRIGUES, Francisca. p. 5).

Curiosamente, a revista, indiferentemente da filiação partidária, tem como prática trazer para a discussão todas as personalidades importantes, que possam contribuir de alguma forma para o seu projeto. As ideias são registradas sem que a revista pronuncie sobre elas, especificando apenas quando deixam de responder ao que foi solicitado. Assim, mesmo que se filtre nos textos opinativos, deixando de lado os discursos demagógicos, marcantes no cenário político brasileiro, em que os políticos raramente assumem abertamente as suas convicções ideológicas, dizendo apenas aquilo que os tornem simpáticos à opinião dos eleitores, o envolvimento buscado pela revista, e em extensão a Unipalmares, parece criar uma adesão dessas personalidades ao projeto.

8) Revista: AFIRMATIVA - ANO II - Nº 8 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2005.

Título: “Um balanço positivo”

Nessa edição, a jornalista parece justificar a opção de não diferenciar os parceiros do projeto.

[...] a Unipalmarens passou a ser um local de troca de experiências, de intercâmbio, para autoridades, personalidades, enfim, pessoas ilustres, brasileiras e estrangeiras (...). Antes de escrever este editorial, fiquei pensando no porquê dessa curiosidade, desse vai-e-vem e a conclusão – feliz – a que cheguei é: a Unipalmarens é a cara do Brasil que todos gostaríamos de ver espelhada por esse país afora, um local onde se comprova a diversidade e como ela faz bem a todos que têm o privilégio de conviver com ela (RODRIGUES, p.5 a).

Assim os objetivos são explicitados: “É com a ‘aprovação’ de jornalistas e formadores de opinião que mudaremos a cara deste Brasil (RODRIGUES, p.5b). Nisso, nos perguntamos sobre o que leva a Unipalmarens a ter a aprovação de jornalistas e formadores de opinião? Ao que nos parece, concordância essa que justifica o comportamento de um grupo que se propõe a conquistar mais espaço para os negros, mas sem tirar dos que já estão nessa posição privilegiada. Nessa perspectiva, a faculdade será um projeto que se beneficia pela complacência da elite dirigente, que não se sente ameaçada, pois o seu lugar privilegiado não é questionado. A meritocracia, símbolo maior da política liberal em proporcionar uma estratificação social segundo as capacidades individuais, fica incólume. Eternizando-se, dessa forma, a desigualdade econômico-social, já que não se provoca um questionamento profundo em relação aos mecanismos de seleção e distribuição de nossas riquezas.

9) Revista: AFIRMATIVA - ANO II - Nº 9 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2005.

Título: “Dupla comemoração”

As comemorações relacionadas aos dois anos da revista *Afirmativa Plural* e do programa de TV *Negros em Foco* são os elementos que norteiam a reflexão que Rodrigues convida o leitor a acompanhá-la.

Está mais do que na hora de os governantes repensarem nessa questão, principalmente no que diz respeito à concessão de canais de TV, um meio de comunicação de massa, que até agora tem sido privilégio de poucos e que tem excluído cada vez mais metade da população desse país, que também trabalha, paga impostos e consome como todos os não negros (RODRIGUES, p.5).

Rodrigues reconhece que houveram alguns ganhos na representação do negro nos meios de comunicação, mas os números não representam proporcionalmente a população negra que, ainda assim, continua sendo retratada de forma estereotipada. Nisso, a jornalista passa a questionar a concessão de TVs, segundo o ponto de vista de um grupo – o da classe média – que “paga impostos e consome” e que, portanto, precisa ser mais bem representada no *status quo*. Evidenciando, com isso, que a ideologia que orienta as ações do grupo vão ao encontro das configurações de poder como estão representadas, por isso o seu discurso moderado.

10)Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO III - Nº 12 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2006.

Título: “É preciso erradicar qualquer forma ou manifestação de intolerância”

Resolvi começar esse texto com uma frase do presidente do Bradesco, maior banco privado brasileiro e presidente da Febraban-Federação Brasileira dos Bancos, Márcio Cypriano, dita no Dia 21 de março, no Memorial da América Latina em São Paulo, para mais de mil pessoas e, com certeza, cerca de 90% delas negras (RODRIGUES, p.3).

A frase a que Rodrigues refere-se é a mesma do título do editorial. Interessante observar é que se pensamento da elite dirigente, política e empresarial, realmente retratasse uma mudança de paradigma, não seria correto afirmar que haveria mais negros nos cargos de chefia, nas universidades públicas etc? Não seria notório considerar que alterando a visão estereotipada da capacidade do negro, alteraria também as contratações? A revista reconhece a falácia desses discursos, do contrário não precisaria “sensibilizar” os grandes executivos para a sua causa.

Nessa ocasião, a Afrobras, sensibilizando os grandes executivos financeiros presentes, conseguiu que os maiores bancos do país disponibilizassem mais de 140 vagas de estágios bem remunerados e diferenciados para os alunos da Unipalmars [...] (RODRIGUES, p.3b).

11)Revista: AFIRMATIVA Plural- ANO III - Nº 13 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2006.

Título: “Sieg (vitória em alemão)”

Nessa edição, Francisca Rodrigues seleciona os assuntos mais importantes como a cerimônia do 13 de maio, a ida para assistir aos jogos da Copa do Mundo, na Alemanha, da mascote Lucas, de 15 anos, do Projeto Guri Pólo Afrobras, que venceu o concurso da Coca-cola.

Tivemos nossa cerimônia reflexiva de 13 de Maio, Abolição da Escravatura, com um jantar oferecido pela Afrobras aos nossos Comendadores, Conselheiros do Instituto Afro-Brasileiro de Ensino Superior e alguns amigos. Na oportunidade, tivemos o prazer de receber mais um Comendador e “um soldado da causa” como bem disse ele – José Sarney – ex-presidente do Brasil, senador e imortal [...] (RODRIGUES, p.6).

Já a ida de Lucas justifica-se, segundo a jornalista como “o acerto da Afrobras e da Unipalmars na estratégia de valorização da negritude” (RODRIGUES, p.6b). Interessante também é que ao elaborar uma campanha que atenda essa faixa etária, cria-se um investimento, consciente ou não, de estender os benefícios aos

futuros alunos da Unipalmares. Mais adiante a jornalista sinaliza o que pode ser considerado um dos objetivos da organização universitária:

[...] acreditamos que esses jovens que trabalham como estagiários nas principais instituições financeiras do País, através de convênios com a Unipalmares, conseguirão derrubar essas barreiras do preconceito e formar uma elite negra, refletindo os benefícios disso para sua família, sua comunidade seu país (RODRIGUES, p.6c).

O objetivo, por conseguinte, assenta-se na perspectiva de se criar uma elite negra que possa trazer benefícios para a família, comunidade e o país. Aqui, a ideologia predominante é aquela segundo a qual o benefício individual promove mudanças no grupo social. Quem defende seus próprios interesses, indiretamente o está fazendo pela coletividade. Essa postura demonstra que o grupo ligado à Unipalmares age de acordo com os princípios do estado burguês, com forte orientação para a acumulação de capital econômico.

14) Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO III - Nº 14 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2006.

Título: “Cotas: problema racial ou social?”

O editorial apresenta a discussão polêmica em torno do Estatuto da Igualdade Racial, de cotas e racismo no Brasil. Cita fragmentos da entrevista realizada com Abdias do Nascimento, quando este comenta sobre a reação da elite branca que vem fabricando uma “opinião pública contrária à ação afirmativa, por meio de reportagens tendenciosas e de editoriais apocalípticos”. Em seguida faz uma consulta aos candidatos às eleições, sobre como a inserção do negro nos seus programas de governo, registrando que Heloísa Helena não respondeu “por falta de tempo”, [...] e José Serra, candidato ao governo de São Paulo, também não respondeu. Por essa via, a revista parece atender ao princípio de apresentar ao leitor, são os quais políticos e empresas parceiras do projeto, criando com isso uma espécie de intimidação sutil

àqueles que ainda não assumiram, em suas práticas, a responsabilidade social. É como se a mesma lógica reivindicatória do número de consumidores, no caso específico, o de eleitores, também servissem como elementos que criam uma certa pressão para que as personalidades políticas, artísticas e empresariais, dependentes da opinião pública, tenham uma atitude simpática em relação a Unipalmes. Contudo, no geral, em todas as questões abordadas pela revista não há um aprofundamento, nem uma postura incisiva, pois

[...] discussões à parte, na Afrobras e na Unipalmes, nosso lema é “trabalho e resultados”. E é o que mostramos nessa edição. O resultado de nosso trabalho ao longo de quase dez anos de existência, independente de partidos políticos, de religião, de ajuda governamental, mas com o auxílio de parceiros que realmente acreditam que podem melhorar um pouco a situação do negro neste país, que se diz multirracial, mas onde as oportunidades ainda são pouquíssimas para quem tem a pele escura (RODRIGUES, p.5).

A postura supostamente “neutra” assumida acima apresenta elementos interessantes acerca do perfil ideológico da instituição. Basta um rápido manuseio as páginas da revista *Afirmativa*, para encontrarmos representantes de todas as vertentes artísticas, políticas, empresariais e religiosas. Dessa forma, o grupo criou uma macroestrutura designada de “parceiros”, até mesmo com certas pessoas cujas ações, pouco éticas, ferem a democracia brasileira. Todos comungando da crença segundo a qual a sociedade brasileira discrimina os negros, por isso necessitar-se-á trabalhar para sua superação.

12) **Revista: AFIRMATIVA - ANO III - Nº 15 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2006.**

Título: “Todos pela Educação!”

Após 500 anos de descobrimento e uma educação sem qualidade para todos os seus cidadãos, o Brasil e grande parte dos brasileiros parecem acordar para o fato de que “Sem Educação não há Liberdade”, lema da Afrobras defendido em seus dez anos de vida (RODRIGUES, p. 5).

Dois aspectos nos chamam a atenção na citação acima. Rodrigues afirma que todos os cidadãos brasileiros não têm uma educação de qualidade, com isso universaliza o problema educacional, fazendo, assim, desaparecer as nossas contradições econômico-sociais, responsáveis por uma educação diferenciadora para a elite. Mais uma vez o problema aqui se justifica a partir do sono que incapacitou a percepção da elite de não enxergar o que suas ações produzem, por isso não terem adotado as ações que dariam a negros e brancos as mesmas oportunidades históricas. Prevalece na revista, portanto, o discurso moderado de desconsiderar as lutas sociais por melhores condições de vida. Se o Brasil está acordando agora para o fato de que a educação é sinônima de liberdade, a Afrobras é colocada como a vanguarda do movimento, pois muito antes vem trabalhando este ideal. Daí, então, o seu valor de representante da ascensão do negro brasileiro.

13)Revista: AFIRMATIVA - ANO III - Nº 16 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2007.

Título: “O Oscar da Comunidade Negra”

À semelhança da grande festa do Oscar norte americano, a ONG Afrobras também tem os seus rituais. Mas qual mito a Afrobras deseja criar? O que nos parece, no momento, é que há uma intenção de trazer para a mídia a comunidade negra que faz sucesso, que tem capital financeiro etc.

[...] foi uma bela festa, num ambiente que poderia ser facilmente chamado de quilombo, como gosta de dizer o ator Antônio Pitanga. Uma kizomba, como bem definiu o ator Ailton Graça (RODRIGUES, p. 4).

Um recurso bastante interessante usado constantemente pelo editorial da revista Afirmativa, é apropriar-se da opinião dos entrevistados para introduzir um assunto. Através dessa prática, o editorial consegue esgueirar dos conflitos, chamando outros para dizerem aquilo de que concorda, sem mesmo precisar se posicionar incisivamente.

Exemplo disso são as falas dos dois atores ao associar a festa promovida pela instituição como sendo semelhante ao quilombo. Assim o grupo cria seus rituais sem se comprometer e ainda generaliza as suas convicções ideológicas como sendo pertinentes a todos negros brasileiros. E como num jogo entre pares onde cabem somente elogios, a imprensa é vista como tendo “sensibilidade especial”, pois ajuda a divulgar a nova configuração do quilombo.

A mídia mais uma vez, esteve presente, com mais de 100 jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos, todos com a sua sensibilidade especial, procurando registrar um momento histórico no nosso país: um momento de alegria, beleza, confraternização, reverência a Zumbi dos Palmares, aos nossos antepassados[...] (RODRIGUES, p.4b).

Cria-se, dessa forma, uma imagem universalizada e positiva do negro que, da mesma forma que a estrutura geral passa a ser um produto que proporcionará aos investidores o lucro.

Esta edição de Afirmativa Plural, como vocês vêem, é especial e procura trazer a imagem do negro em todo o seu potencial, lindo, fazendo sucesso, no poder (RODRIGUES, p.4).

14)Revista: AFIRMATIVA - ANO IV - Nº 19 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2007.

Título: “A determinação realiza o sonho”

Os Jogos Pan-Americanos de 2007 servem de mote para uma reflexão sobre o racismo de que vários atletas sofrem. No entanto, entre colocar o fato, a tendência da revista é afirmar que “[...] problemas à parte [...]” para em seguida passar a elucidar os dados demonstrando a superação de atletas negros, nacionais e estrangeiros, que ultrapassaram os seus limites.

Esses exemplos nos mostram que dando oportunidade, os negros são capazes de desempenhar qualquer função. E para ajudar o negro a quebrar mais barreiras a Unipalmares abre as portas ao Esporte e Educação Física para seus alunos [...] (RODRIGUES, p. 5).

15)Revista: AFIRMATIVA - ANO IV - Nº 20 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2007.

Título: “Uma edição de ouro”

As medalhas conquistadas pelos atletas negros nos jogos Pan-Americanos, em modalidades “que os especialistas sempre afirmaram não termos ‘perfil’ para tal” (RODRIGUES, p. 5), servem como ponto de partida para a análise do sucesso que os universitários, beneficiados pelo sistema de cotas, vem atingindo nas instituições públicas. Com isso subentende-se que o grupo idealizador da faculdade acredita que o negro não ocupa posições de liderança na sociedade brasileira, porque não lhe foi dada as oportunidades educacionais e econômicas. Reconhece-se o sintoma, mas não há um questionamento maior, pois não faz parte de sua ideologia questionar a estrutura social, propondo uma mudança no *status quo*; pelo contrário, o que põe em questão é apenas um dos aspectos do liberalismo: a igualdade de condições para competir. Há o desejo manifesto de que se reconheça a discriminação racial, como o que imputa aos negros, condições desfavoráveis para competir com o branco no mercado de trabalho. O que parece apenas querer refletir sobre a necessidade de se ter melhores condições de jogo.

16)Revista: AFIRMATIVA Plural- ANO IV - Nº 21 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2007.

Título: “Primeira turma de administradores negros do Brasil”

[...] os “utópicos” que criaram a Unipalmares se sentem realizados. Todo nosso trabalho já terá valido a pena se apenas um deles se tornar diretor ou presidente de uma grande empresa no Brasil. Isso mudará todo um quadro nesta geração em um país onde os negros estão nos patamares mais baixos das empresas ou no segundo andar, como costumamos falar, diz sempre nosso Magnífico Reitor José Vicente (RODRIGUES, p. 5).

O fragmento acima confirma os objetivos da Unipalmarenses como sendo o de formar um quadro de executivos negros; expandindo, com isso, a classe média negra e, dessa forma, “revolucionar o país” (RODRIGUES, p.5b). Inquestionavelmente, a formação universitária defendida pela Unipalmarenses promoverá mudanças, mas será elas repercutirão dentro do grupo, ou há a intenção de se criar nessa classe média negra a responsabilidade social?

17)Revista: AFIRMATIVA - ANO IV - Nº 22 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2007.

Título: “Um dia, um troféu”

Nessa edição especial do quinto ano do Troféu Raça Negra, o editorial é assinado pelo reitor da Unipalmarenses, José Vicente. Mais uma vez o que predomina no texto é o tom comemorativo.

Durante todo o mês de novembro, a Afrobras e a Unipalmarenses realizaram eventos de cidadania, como o III Seminário – Diversidade Racial Corporativa, a entrega do Troféu Raça Negra – um evento de gala na Sala São Paulo, um dos lugares mais bonitos da cidade – com negros de todas as cores chegando em seus trajes black tie, de limusines, carros antigos, pisando no tapete vermelho, colocado especialmente para reverenciar a todos que ali chegavam, independentes de cor, raça, credo, mas que tinham um objetivo comum: o conagração de uma raça, a raça humana (VICENTE, José, p.9).

Os “trajes black tie”, “limusines”, “carros antigos”, “tapete vermelho” colaboram para emprestar ao evento a sofisticação. O que pode significar uma demonstração do quanto se pode consumir, como o elemento definidor do status adquirido. É como se o grupo quisesse chamar a atenção sobre a existência de negros que não estão interessados em questionar a elite dirigente, as injustiças históricas impostas ao povo negro, mas, sim, o desejo latente em colocar-se no mesmo nível existencial de pessoas que querem competir, ganhar dinheiro, consumir etc.

18)Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO V- Nº 24 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2008.

Título: “Uma cara nova”

A revista passa por uma série de mudanças na sua estética com o objetivo de expandir o número de leitores. Deixa de ser uma distribuição gratuita, passando a custar sete reais e cinquenta centavos. Para justificar o novo estilo e mudança na distribuição, Rodrigues nos informa que

A partir de agora, nossa revista terá sempre um grande tema – ligado ao negro – seja tema do cotidiano que envolva o negro, que procuraremos abordar em profundidade, ouvindo diversas opiniões.[...] Também estamos fazendo assinaturas, para que você, caro leitor, possa contribuir com esse projeto de dar voz e visibilidade ao negro. Com estas mudanças, alcançaremos um número maior de leitores e acreditamos, poder divulgar o pensamento do negro e das pessoas e empresas que trabalham em prol da inclusão e da cidadania de um modo geral (RODRIGUES, p. 09).

19)Revista: AFIRMATIVA Plural - ANO V - Nº 25 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2008.

Título: “Um negro no império!”

A eleição de Barack Obama serve como ponto de partida para a análise da representatividade do negro na política. Para isso cita a pesquisa do professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Cloves Pereira Oliveira, que afirma ser mais fácil as cidades do interior elegerem candidatos negros do que as capitais. O questionamento em torno da pouca representatividade negra na política continua, mas como a revista parece optar sempre pelos aspectos positivos dos eventos, assim finaliza a questão:

Mas, ganhando ou não, o benefício mais imediato da disputa de Barack Obama para a presidência nos Estados Unidos é a abertura ao debate no Brasil sobre a exclusão do negro também na vida política, um dos segmentos fundamentais de uma sociedade. Só a candidatura já serve para mostrar aos negros de todo o mundo, que somos capazes, como qualquer outra pessoa de qualquer etnia, de alcançar o sucesso em qualquer trabalho a que nos dediquemos, basta que tenhamos oportunidades (RODRIGUES, p.09a).

Em seguida, passa a sinalizar os exemplos positivos: “Trazemos também nesta edição outros exemplos de negros de sucesso, como as irmãs Williams [...]” e [...] o do empresário e artista plástico José Luiz de Paula Jr., há anos consagrado no setor de design de embalagens para cosméticos [...] (RODRIGUES, p.09b). Explicitando, finalmente, quais os objetivos de tais exemplos: “Bons exemplos não faltam aos negros e o papel da Afirmativa Plural é mostrar essas pessoas e suas trajetórias de sucesso” (RODRIGUES, p. 09c).

20)Revista: AFIRMATIVA - ANO V - Nº 26 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2008.

Título: “Adoção e Consciência Negra”

O tema adoção é justificado como sendo o pedido da assistente social, Ana Maria Silveira, autora do livro: Adoção de Crianças Negras – Inclusão ou Exclusão? Rodrigues afirma que também abordará o assunto no programa Negros em Foco, com a presença do humorista Juca Chaves que falará sobre as filhas negras adotivas. Em seguida, a jornalista informa que a edição apresenta, em comemoração ao 20 de novembro, “um pouco da história de Zumbi dos Palmares e do movimento negro brasileiro, o que é, o que representa, nossas conquistas, além de alguns destaques da nossa sociedade, heróis que lutaram e tiveram sucesso em suas vidas, exemplos para todos” (RODRIGUES, p.10)“.

. Assim, o que se percebe na revista como um todo, é a tendência em abordar as questões pertinentes à comunidade negra, mas evidenciando um discurso neutro que não demonstra interesse pelas causas e consequências sociais. Há, na verdade, a

prática de fechar os assuntos abordados com uma visão positiva dos eventos. O que parece eliminar a possibilidade de uma leitura crítica do leitor.

21)Revista: AFIRMATIVA - ANO VI - Nº 28 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2009.

Título: “1º presidente negro dos EUA”

A edição da revista é dedicada à posse do primeiro presidente negro dos Estados Unidos da América, Barack Obama.

O primeiro presidente negro da maior potência mundial vai inspirar a nós e ao mundo, a fazer coisas boas. Já está levantando a auto-estima dos negros e dos demais excluídos, já faz com que as crianças sonhem e acreditem que têm direitos e que são capazes de alcançar seus objetivos, independente da sua cor de pele (RODRIGUES, p.3).

22)Revista: AFIRMATIVA - ANO VI - Nº 29 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2009.

Título: “121 anos da abolição!”

Apresenta reflexões sobre a desigualdade de oportunidades entre brancos e negros, chamando a atenção para o fato de que os “grandes pensadores da nossa sociedade elitizada não assumem como nosso próprio Brasil assumiu, que aqui há racismo e em sua pior forma: a velada? (RODRIGUES, p.3 a)”. Logo a seguir justifica a intenção pacífica a que veio.

Por que eles [os grandes pensadores da nossa sociedade] em vez de tentarem segurar seus lugares ao sol, não apresentam soluções, ou pelo menos idéias brilhantes para reduzir essas grandes diferenças? Não queremos tirar o lugar de ninguém, nem nas universidades, nem nas empresas, nem na propaganda ou onde mais sejamos invisíveis. Só queremos nos ver representados, já que somos maioria nesse nosso querido país. Então, por que não nos darmos as mãos e trabalharmos para que a verdadeira abolição seja feita no Brasil e que sejam repassados aos seus filhos de pele escura, o que lhes é de direito? (RODRIGUES, p.3).

Numa linguagem típica da comunicação de massa, em que o uso de expressões de efeito moral como “segurar seus lugares ao sol” e “nos darmos as mãos” têm, provavelmente, como objetivo tornar o texto próximo do leitor. Mas há implicações que comprometem o entendimento dos fatos sociais que permeiam nossa realidade. Por exemplo, o próprio ataque das elites dirigentes não passa de uma tentativa de manter o controle dos postos de comando. Outra, se nas edições anteriores, questionou-se o ideal da meritocracia, ideologia segundo a qual o sucesso ou fracasso está relacionado à capacidade individual, não faz sentido, nessa edição, afirmar o não desejo de ser competitivo. Ora, na lógica capitalista, a mesma que parece servir de fundamento para as ações do grupo fundador da revista e da Unipalmares, a concorrência é fator primordial para premiar e punir, respectivamente, os bem sucedidos e os pouco preparados para a competição. Portanto, não parece ser a crença profunda que orienta as ações do grupo, o que nos faz acreditar que tais argumentos encontram ressonância na crença de que as oportunidades são infinitas para quem aprimorar suas aptidões e demonstrar capacidade.

23)Revista: AFIRMATIVA - ANO VI - Nº 30 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2009.

Título: “A síndrome do vampiro”

A temática abordada nesta edição é a invisibilidade do negro na mídia. Para isso, Rodrigues usa o conceito de Drácula, do professor Muniz Sodré, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, segundo o qual “Assim como o Drácula não consegue ver sua imagem refletida no espelho, os negros brasileiros não conseguem enxergar seus reflexos no espelho da mídia [...]” (RODRIGUES, p.3 a).

O evento SPFW – São Paulo Fashion Week impulsiona a discussão sobre a discriminação existente na seleção de modelos para os desfiles de moda, segue outros questionamentos quanto ao uso de verba pública para financiar empresas que ainda não respeitam a diversidade étnica.

[...] um dos maiores eventos de moda da América Latina, que praticamente não usa negros nas passarelas – mesmo utilizando dinheiro dos cofres públicos – ou seja, dinheiro de impostos pagos por cidadãos brasileiros, e aqui se inclui os negros que pagam impostos igualmente os brancos. O correto é que onde houver uso do dinheiro público, a população seja representada, se os nobres estilistas não gostam de negros desfilando suas roupas, que façam seus eventos com seu próprio dinheiro, sem por a mão nos recursos do governo, que são de todos nós, negros, brancos, índios e amarelos, que fazem essa população brasileira miscigenada ser tão maravilhosa (RODRIGUES, p3b).

Por isso, o Ministério Público de São Paulo criou o TAC (Termo de Ajustamento de Conduta) onde as empresas se comprometem em incluir modelos de outras etnias nas passarelas. Francisca Rodrigues anuncia que apesar do responsável não atender a ONG Afrobras, esta fiscalizará o evento.

A viagem de um ídolo!

Agosto de 2009. Um mês em que milhões de fãs esperavam rever o grande astro do pop nos palcos, com um show que certamente ficaria marcado para sempre nos corações das pessoas que amavam (e amam) o “rei o pop”, Michael Jackson. Mas ele fez a sua passagem dois meses antes para outra vida.

Ainda que contra a vontade, Michael Jackson cresceu sob os holofotes. Dos 5 aos 50 anos criou, encantou, surpreendeu e provocou polêmica. Com seus clipes, Michael se tornou referência máxima do gênero e um dos pilares da cultura pop. “O mais esperançoso sinal de que as barreiras entre música branca e negra – e entre brancos e negros – um dia serão vencidas”, publicou uma vez o jornal americano The New York Times.

Mas o mês de agosto, como muitos falam, parece mesmo não ser o mês da sorte. Também trouxe tristeza para o segurança e técnico em eletrônica, Januário Alves de Santana. Ele foi agredido por seguranças do supermercado Carrefour, em Osasco, na Grande São Paulo, ao ser confundido com ladrões e considerado suspeito de roubar seu próprio carro. Há um pequeno detalhe que devo citar: Januário é negro.

Agosto é um mês difícil, dizem os místicos. Mas para os negros, principalmente os brasileiros, todos os meses são difíceis, tendo que enfrentar o preconceito no trabalho, nas ruas e em muitos locais onde a cor da pele parece fazer a diferença para o tratamento, pelo menos cordial entre as pessoas.

“Mas isto pode mudar”. Este foi o lema inicial da ONG Afrobras e que, graças a Deus, parece estar funcionando. **Embora aconteçam muitos casos como esse do Januário de Santana, o negro está conseguindo mudar sua vida. Tem estudado, galgado degraus na sociedade, conquistado espaços. E vai continuar mudando, pois na verdade, os negros sempre foram guerreiros, revolucionários.**

E é o que nos mostra a matéria Negros na História. É fato que a História e os historiadores vêm revendo e “descobrimo” os heróis negros que, diga-se, foram muitos, assim como as revoltas que eles lideraram e das quais participaram de forma decisiva. Além disso, o que dizer da efetiva participação dos negros em revoltas e revoluções populares já conhecidas, mas nas quais o papel do negro foi simplesmente esquecido?

Outra mudança para os negros foi o resultado do SPFW – São Paulo Fashion Week, um dos maiores eventos de moda da América Latina, cujo tema foi capa da nossa última edição da Afirmativa. De acordo com o texto de promoção do arquivamento, ficou constatado, após a última temporada do SPFW, realizada em junho deste ano, que em todos os desfiles houve a participação de modelos afrodescendentes. No total foram 12,8% contra aproximadamente 3% da época em foi instaurado o inquérito.

O texto de encerramento do Ministério Público diz que a igualdade entre as pessoas, mais do que utopia legal, é possível de se realizar.

Basta boa vontade!

Boa leitura.

(RODRIGUES, Francisca. Revista Afirmativa Plural, ano 6, nº 31, p.3)

Preferimos reproduzir o texto na íntegra, porque ele parece-nos apresentar todas evidências que direcionam para uma síntese do perfil ideológico da revista, e por

extensão da Unipalmes. No geral, a revista noticia os assuntos de interesse da comunidade negra (a morte do cantor Michael Jackson, o preconceito racial sofrido por Januário Santana), no entanto adota elementos atenuantes e positivos ao fechar o assunto. Isso fica explícito quando evocam o jornal The New York Times com sua utopia de que o artista pop ajudaria a eliminar o preconceito racial. Acreditamos que a revista adota essa perspectiva positiva em relação aos acontecimentos, pois é seu objetivo imprimir nos negros de classe média, ou seus aspirantes, o orgulho da raça, a certeza de que lutando é possível vencer as barreiras discriminatórias. Tal postura assume um formato diferente ao narrar o caso de Januário Santana. A denúncia ganha ênfase com a associação de que “mas para os negros, principalmente os brasileiros, todos os meses são difíceis” (RODRIGUES, p. 3 b), porém perde a sua força em “Mas isto pode mudar” para, assim, apresentar a ONG Afrobras como a defensora da causa negra. Defensor que denuncia, mas sabe reconhecer aqueles que estão mudando as suas práticas. É o caso da São Paulo Fashion Week, que a Afrobras comprova que passou a colocar 12,8% de modelos negros em seus desfiles. Tudo isso nos faz refletir que a revista e a Unipalmes apesar de desenvolver como eixo central de sua discussão, assunto de interesses da comunidade negra, busca evitar assumir uma postura de denúncia, pois é seu objetivo manter uma relação saudável com a elite dominante.

25) Revista: AFIRMATIVA Plural- ANO VI - Nº 32 ANO DE PUBLICAÇÃO: 2009.

Título: “Consciência negra!”

O mês da Consciência Negra envereda sobre as conquistas que o negro vem realizando na sociedade brasileira, mesmo que elas sejam ainda limitadas. Como protagonistas de telenovela da maior emissora do Brasil, as atrizes negras Taís Araújo, Camila Pitanga e Élide Muniz refletem o avanço que, segundo o editorial, “acompanha um processo que nos últimos anos, parece ter se acelerado” (RODRIGUES, p. 5 a). A aprovação do Estatuto da Igualdade Racial também é colocada como motivo de comemoração. E mais uma vez, anuncia a sétima edição do Troféu Raça Negra que

tem como finalidade premiar “profissionais de sucesso em diversas áreas da economia, mostrando que nós podemos, bastam termos oportunidades para estudar, trabalhar e deixarem mostrarmos nossos talentos, que alcançaremos os melhores postos de trabalho como qualquer outro profissional de etnia diferente da nossa” (RODRIGUES, p.5 b).

3.3 Análise dos artigos da Reitoria da Unipalmars

No artigo “Todos pela Educação”, da revista Afirmativa Plural de número 15, José Vicente refere-se ao pacto entre empresários, políticos, artistas etc pela educação, abordando o caráter prático da causa, ou seja, não se intenciona refletir sobre as causas profundas que prejudicam o ensino brasileiro.

Não se pretende apontar culpa nem culpados, são se pretende condenar algozes nem vitimar inocentes. O que se pretende, isto sim, é formalizar em alto e bom som que, se quisermos futuro para o Brasil, se quisermos perspectivas para os brasileiros e se quisermos honrar os ideários dos que sonharam e traçaram os marcos para a construção da grande nação, devemos todos arregaçar as mangas e trabalhar prioritária e decisivamente pela educação, de qualidade, inclusiva e de responsabilidade de todos (VICENTE, José..2006 p. 98).

O artigo “Consciência Brasil!” que fecha a edição Especial – Troféu Raça Negra 2006 da revista Afirmativa Plural, número 16, ano 3, na seção “palavra do presidente”, José Vicente, num discurso ufanista, grandiloquente nos apresenta suas concepções ideológicas sobre a desigualdade racial. Demonstra a convicção de ser o projeto Unipalmars, juntamente com os seus signatários, os arautos convocados para operar a transformação social.

Consciência Brasil!

Negros, um tema nuclear e de fundamental importância na agenda nacional foi um daqueles permanentemente tratados com desprezo pelo país e que agora, no limiar do novo século, **coloca todo os brasileiros à mesa**, diante de um verdadeiro xeque-mate: me decifras ou te devoro. **Passado 118 ano desde a abolição da escravatura e depois de 350 anos de escravidão chegou à hora da reconstrução**. O tempo não cura fratura exposta e nem as maravilhas do novo mundo serão capazes de deitar por terra, providências estruturais nos pilares onde se assentam as grandes construções nacionais. Escaramuças, verborragias e reacionarismo servem para algumas coisas, menos para promover a convergência e corrigir a cisão histórica do edifício social brasileiro.

Impostergavelmente será preciso muito mais. Muito mais empenho, muito mais disposição, muito mais vontade, muito mais trabalho e, especialmente, muito mais capacidade de criação e realização para construção da **nova fisionomia** para o **novo tempo** de um povo e um país marcado pela desigualdade, pela discriminação e pelo racismo.

O novo tempo exige de todos os povos que realizem, inapelavelmente, sua lição de casa deixada para trás, criando as condições efetivas e objetivas, suficiente para promover coesão, a união e a extensão a todos seus partícipes dos valores humanitários e sociais que produzam a sinergia indispensável para a sustentação e encaminhamento seguro da pátria, na direção reta do lugar de grandeza idealizado no concerto das nações.

O Brasil do novo milênio terá que definir o caminho a seguir. Colocar-se de costas ao profundo descolamento e ruptura do seu tecido social, fazer ouvidos moucos as vozes roucas do subterrâneo, assistir inerte e indiferente à formação de tsunamis embalados pelo abandono, pela descrença, pela falta de perspectiva e pela confirmação do determinismo da sua subalternidade social, levará todos a um só tempo ao precipício da hecatombe social.

Igualdade de oportunidades e participação na vida nacional assegurada por ações e medidas efetivas, objetivas e eficazes que permitam fundir o Brasil dos negros ao Brasil dos brancos. Política de Estado para debelar, definitivamente e de uma vez por todas, a grande chaga do racismo e da discriminação incrustadas nas estruturas institucionais e nas práticas cotidianas de seus agentes. Pacto de todas as forças vivas da nação na priorização da educação básicas e fundamentais, inclusivas, de extrema qualidade e garantidora dos valores da diversidade.

Esse terá que ser o sincero e honesto Mapa da Estrada para construir a esperança e a felicidade de todos os brasileiros e a união de uma nação cindida entre muitos que sempre tiveram tudo e os negros, que nunca tiveram nada.

Nós podemos e vamos construir essa nova história. A certeza mais eloqüente dessa convicção estará bem diante dos nossos olhos. **À noite de 19 de novembro foi um palco vivo e o Brasil, representado pelas suas expressões da maior luminosidade, elevou a uma só voz uma apoteótica ode em reverência e homenagem a vida, a luta e a morte do herói nacional Zumbi dos Palmares.**

Num verdadeiro quilombo da modernidade, negros de todas as cores se adornaram com suas melhores roupas e desfilaram toda a sua graça e beleza para celebrarem juntos, na entrega do Troféu Raça Negra 2006, o “Oscar” da comunidade negra, na opulenta e majestática Sala São Paulo (SP), no coração do Brasil, o início da construção do país que todos nós precisamos e queremos.

Inspirados no significado da Luta heróica de Zumbi dos Palmares e conscientes do valor do gesto e da atitude para promover a mudança nas mentes e nos corações, estiveram juntos, de mãos dadas e brindando na mesma taça, a primeira pedra na construção do Brasil do novo milênio, o reconhecimento e agradecimento da contribuição voluntária de cada um dos presentes na defesa do respeito e igualdade de todo cidadão.

No Dia Nacional da Consciência Negra, 20 de novembro, tomados pelo espírito de Zumbi, os brasileiros em São Paulo, de maneira simples, mas profunda, desenharam o novo futuro com suas próprias mãos, em homenagem ao nosso mais valioso tesouro, **o valor da cidadania.** Um enorme e significativo passo na direção do novo milênio. Quando uma nação se junta em torno de uma grande causa não existe obstáculo que se mantém à frente. Quando queremos intensamente uma grande coisa justa e bela, o universo todo conspira a nosso favor. **Todos os demais brasileiros poderão juntar-se a nós nessa grande construção, basta erguer um brinde e exclamar em ato em bom som:** Consciência Brasil (VICENTE, José. Revista Afirmativa Plural, ano3, nº16, 2006).(Grifo nosso)

Os temas abordados pelo reitor da Unipalmares, José Vicente, seguem a mesma linha argumentativa em todos os artigos, modificando apenas a sua organização em torno do que está sendo abordado. Essa característica parece-nos configurar a intenção de desvincular-se das questões polêmicas. Assim, apesar de trazer para discussão, as questões que vem incomodando determinados setores da sociedade (exemplo disso está na defesa de se estabelecer o sistema de cotas para os negros), a polêmica desaparece em meio a uma percepção enfática, ufanista, de que

estamos vivendo um momento glorioso em que todos os “parceiros” proprietários dos meios de produção querem por fim à discriminação racial. Dessa forma, achamos que a reprodução de outros artigos não nos trará elementos novos para esse debate. Optamos por buscar outros segmentos do movimento negro que de alguma forma dialoga com o pensamento de José Vicente.

Como resposta ao artigo do reitor da Unipalmarenses, publicado pelo jornal Folha de S. Paulo, no dia 20/11/2009 (anexo 1), Dojival Vieira, presidente da ONG ABC Sem Racismo, assim manifesta.

Consciência

“O trem do discurso do sr. José Vicente, da Unipalmarenses, estampado no artigo ‘Consciência: o novo trem da história’ (Tendências/Debates’, 20/11), estão na contramão: o tom ufanista está mais para o Brasil da ditadura, do Ame-o ou Deixe-o’ do período Médici, do que para a era Lula.

A gestão da economia, o fato de o país ter se tornado um ator global, não **autorizam a fazer propaganda da era de prosperidade que apregoa, até porque continuamos –nós negros, que representamos 50,6% da população brasileira – mantidos na exclusão, sem acesso aos direitos básicos da cidadania, inclusive por trabalho igual.**

É esta Folha que, no dia anterior, revelou os dados do estudo do Dieese/Fundação Seade nos dando conta de que um negro tem rendimentos de apenas 56,3% dos não negros, são submetidos a jornadas superiores às de não negros, entram precocemente no mercado de trabalho e sofrem com maior intensidade o impacto do desemprego.

O discurso alienado do sr. José Vicente, na prática, é a negação da consciência que propõe, e que só é digna desse nome quando parte da realidade objetiva; o objetivo atingido com o desbragado ufanismo acaba sendo inversamente proporcional à proposta que faz.” (Dojival Vieira, presidente da ONG ABC Sem Racismo *apud* Folha de S. Paulo, carta, 22/11/2009).

3.4 A Revista Afirmativa em imagens

As imagens que aparecem na revista Afirmativa são, em sua maioria, o registro de artistas, políticos, atletas, empresários negros e não-negros parceiros do projeto. Pode-se considerar que a imagem selecionada como capa de uma revista, representa a síntese da ideologia que seus organizadores desejam passar para os leitores. Em relação à revista Afirmativa Plural, suas capas parecem contar uma história que inicialmente funciona como meio de divulgação do projeto Unipalmarenses, depois suas cores, luminosidades, design vão se modificando para adquirir uma feição mais

sofisticada, e atraente ao mercado consumidor. O que culmina na mudança em sua distribuição; a revista deixa de ser gratuita para ser vendida a sete reais e cinquenta centavos.

Passemos, então, a sequenciar essa evolução nas capas da revista *Afirmativa Plural*, às quais serão agrupadas de acordo com a sua simbologia implícita. Partindo do questionamento sobre quais os elementos que sobressaem nessas capas, conseguimos agrupá-las segundo a ideologia que parece representar. Um conjunto de capas parece almejar certa legitimidade para a faculdade. Outras se referem à identidade negra. Em outro conjunto de imagens prevalecem as aspirações de classe média, onde consumo está ligado ao luxo e status.

A Unipalmes busca legitimar seu projeto de universidade para negros, tendo como propaganda a imagem de políticos, empresários, artistas. Com isso, ela parece criar nos futuros alunos a confiança de que a faculdade tem a solidez, pois conta com as parcerias, tanto no cenário nacional quanto internacional. Nessa perspectiva, estão as revistas de número 2, 3,4,8,12 e 15 (anexo 2).

O líder sindical e deputado federal, Vicente de Paula, usando a beca de formatura e com a chamada em caixa alta *A VITÓRIA DA PERSISTÊNCIA*, representa a imagem de superação. A combinação de imagem do sindicalista com as chamadas “Um Brasil de 800 bilhões de reais, Empresários e executivos negros formam ‘clube’ para fazer negócios”, o que sinaliza para a formação acadêmica almejada pela ONG Afrobras (fundadora da Unipalmes), aloja-se no ideal de formação de executivos negros.

Luís Elias Tâmbara, presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, na capa da revista de nº 3, colabora para legitimar o curso de direito da Unipalmes. Via interessante de propaganda, pois a presença pode significar diferenciação marcada na qualidade emprestada ao curso, e ainda possibilidade de se criar oportunidades. O mesmo pode-se afirmar em relação “a revista nº 4. Há, no entanto, combinada à imagem do ex-governador Geraldo Alckmin, a frase:” São Paulo tem orgulho e ter a faculdade Zumbi dos Palmes.”“.

Já as capas das edições de número 8, 12 e 15 parecem estar direcionadas para a conformação geral da revista: todos segmentos artísticos, políticos, empresariais estão “No palco da Unipalmars”. Palco este que nos parece estranhos aos propósitos perseguidos. Qual é a sua simbologia? Quem são os protagonistas dessa epopéia negra? No geral, seguindo as orientações das imagens até aqui analisadas, parece-nos que os agentes realmente envolvidos com o projeto educacional, quais sejam; alunos, funcionários e professores assumem papéis que não os habilitam a compor a capa da revista. Impossível não estabelecer uma comparação com outras mídias divulgadoras da vida social, produções acadêmicas do meio universitário. Como a Unipalmars não parece corresponder ao ideal de proporcionar aos seus quadros, a produção acadêmica, o que possivelmente pode ser explicado pela sua formação recente, ela acaba por deslocar desse fim esperado de uma academia para a função projeto-espetáculo.

Isto fica mais evidenciado nas edições de nº 9, 16, 22, 30 e 32 (anexo 3). Distantes do formato de capa inicial, esses exemplares trazem as imagens de personalidades amplamente conhecidas pelos leitores, numa configuração de cores e luzes que acabam por criar a sensação de realização profissional, luxo e status. Interessante observar que somente a edição de nº 22 traz na capa o nome da Unipalmars, o que induz a desvincular a faculdade com o órgão fundador, a ONG Afrobras. O mesmo pode-se afirmar em relação ao preço das edições que aparece na capa da edição de nº 30, mas desaparece na seguinte. Esse jogo de (in) visibilidade demonstra que os objetivos dessa mídia vêm evoluindo, embora os seus propósitos ainda estejam indefinidos. É um veículo de divulgação acadêmica? De consumo? Ou de exposição da ideologia do negro empreendedor?

O segundo agrupamento de capas está reunido conforme uma perspectiva identitária. Mas, apesar de todas as edições terem como eixo central imagem/história do negro, parece-nos que há outras conformações ideológicas subjacentes. Exemplo disso é a edição de nº 13 que apresenta a temática da copa do mundo de 2006, na Alemanha, que enfatiza a capacidade de superação dos atletas negros numa forte alusão das capacidades que todos leitores também apresentam de serem vitoriosos.

A educação e a adoção de crianças negras, a eleição de Barack Obama para a presidência dos EUA, suas repercussões na África e, finalmente, a morte do ídolo pop Michael Jackson são os temas abordados. Enfim, a seleção das imagens e dos conteúdos apresentados nessas capas sugerem que a revista tem como objetivo abordar as questões sociais gerais, mas destacando a presença positiva do negro que será usada como modelo para os leitores e estudantes da Unipalmarensis.

O último agrupamento (anexo 4) representa a evolução da revista de função social para uma função de mercado, quase com a mesma abordagem da Raça Brasil. A edição de nº 1 representa o primeiro vestibular da Unipalmarensis. Traz a imagem composta por uma série de pessoas entrando num prédio onde ocorrerão os exames do vestibular. São pessoas comuns, vestidas com suas roupas cotidianas. O destaque fica por conta da quantidade de pessoas entrando portas adentro e as chamadas de capa: “Emanuel Araújo E seu novo desafio: O MUSEU DO NEGRO, COMEÇA UMA NOVA HISTÓRIA, José Sarney: A boa discriminação”, numa referência explícita de que a Unipalmarensis representa a mudança no status do negro.

A edição de nº 21, o bebê negro usando uma beca de formatura é a síntese da Unipalmarensis. Igualmente a criança, a faculdade está crescendo, assumindo o seu papel de gestora da ascensão do negro. Esse objetivo fica evidente na chamada de capa “Nasce uma estrela”. Nas entrelinhas significa que a faculdade fará brilhar quem ali estuda, que o sucesso é garantido. A síntese da ideologia que orienta as ações da Unipalmarensis, vinculando a formação acadêmica como o passaporte para a ascensão social está presente nas imagens das edições de nº 14 e 29. Quais elementos colaboram para essa percepção. Na edição de nº14, a imagem de negros vestindo ternos, brindando com suas taças de champgne, sinalizam para qual é o lugar a ser ocupado por esses estudantes da Unipalmarensis. É como se criasse a convicção de que os universitários ensaiam os gestos que serão naturais após finalizarem a formação acadêmica. Ou seja, a ideia é que a estrela da edição de nº 21 resulte nas imagens das edições 07 e das edições especial Troféu.

Outro aspecto a ser considerado na seqüência de capas é a forma em que as chamadas aparecem em cada edição da revista Afirmativa Plural. As primeiras edições apresentam inúmeras chamadas, já a partir da edição de nº6, ocorre uma

reestruturação, uma espécie de higienização, aparecendo apenas uma chamada de capa, composta por frases curtas, sem uma vinculação imediata com as questões sociais. As modificações operadas nas capas da revista *Afirmativa Plural* parecem, com isso, cada vez mais ir adquirindo um formato diferente do original, de projeto filantrópico para a reprodução do *modus vivendi* da classe média. Nesse novo contexto, cada edição gira em torno de uma temática que desdobrará em análises de pesquisadores convidados a escrever para a revista. Essa é, na verdade uma das justificativas para a mudança estrutural, mas quando se observa edição anterior, é impossível identificar uma abordagem diferenciada dos conteúdos. Da mesma forma que antes, publicam-se artigos veiculados em outros jornais, cedidos à revista; entrevistas com os parceiros. Em síntese, a metamorfose da revista *Afirmativa Plural* situa-se mais na imagem do que na forma de abordagem dos conteúdos. Por outro lado, as campanhas publicitárias, que antes se limitavam a alguns produtos dos parceiros (como Camisaria Colombo, os projetos sociais dos bancos), passam a divulgar o lançamento de carros luxuosos e outros produtos.²⁹

Outro aspecto que chama a atenção são as inúmeras propagandas publicitárias da Faculdade de São Paulo (UNIP) estampadas nas páginas da revista *Afirmativa*. Qual é a lógica de tudo isso? Como uma revista que tem como objetivo divulgar a sua própria marca, no caso a Unipalmarensis, apresenta propagandas de outra faculdade? Talvez a única explicação possível é que elas não são concorrentes. Há uma hierarquia subentendida nessa relação, a Unipalmarensis sobrevivendo das ações humanitárias das instituições privadas terá o seu crescimento sempre delimitado pelos interesses dos parceiros. E ainda, numa perspectiva em que o valor atribuído aos bens materiais adquiridos está vinculado ao capital financeiro investido, temos uma diferenciação imediata entre um título universitário oferecido pelas duas entidades, ocorrendo uma estratificação dos títulos.

4 CLASSE MÉDIA NEGRA NO BRASIL E A CLASSE MÉDIA NEGRA NOS EUA

²⁹ As campanhas publicitárias apresentam, em sua maioria, modelos negros. Francisca Rodrigues, jornalista responsável pela comunicação da Unipalmarensis, informou-me, em conversa informal, que isso faz parte de uma reivindicação da faculdade junto às empresas.

4.1 A educação do negro norte americano

Na data da promulgação da 13ª Emenda, de 1865, em que o presidente Lincoln põe fim à escravidão nos Estados Unidos, já existiam no país nove universidades negras. Atualmente são 117 faculdades negras que com o fim da segregação racial, passaram a receber também estudantes brancos. Seguindo a sequência cronológica do ano em que as faculdades foram fundadas, temos:

1837, Cheyney University of Pennsylvania; 1854, Lincoln University –Pennsylvania; 1856, Wilberforce University (Ohio); 1857, harris-Stowe State College (Missouri); 1862, LeMoyné-Owen College (Tennessee); 1865, Virginia Union University; 1865, Clark Atlanta University; 1865, Bowie State University (Maryland); 1865, Shaw University (Carolina do Norte); 1866, Edward Waters College (Flórida); 1866, Lincoln University (Missouri); 1867, Barber-Sooty College (Carolina do Norte); 1867, Talladega College (Alabama); 1867, Fisk University (Tennessee); 1867, Saint Augustine's College (Carolina do Norte); 1867, Morehouse College (Geórgia); 1867, Howard University (Washington); 1867, Chicago State University; 1868, Hampton University (Virgínia); 1869, Tougaloo College (Mississippi); 1869, Claflin College; 1870, Allen University (Carolina do Sul); 1871, Alcorn State University (Iowa Mississippi); 1873, Bennett College (Carolina do Norte); 1873, University of Arkansas; 1874, Alabama State University; 1875, Alabama A & M University; 1875, Knoxville College (Tennessee); 1876, Prairie View A & M University; 1876, Stillman College (Alabama); 1877, Jackson State University (Mississippi); 1879, Livingstone College (Carolina do Norte); 1879, Selma University (Alabama); 1879, Florida Memorial College; 1881, Tuskegee University (Alabama); 1881, Morris Brown College (Geórgia); 1881, Spelman College (Geórgia); 1882, Lane College (Tennessee); 1882, Paine College; 1882, Virginia State University; 1884, Arkansas Baptist University, Little Rock; 1887, Florida A&M University; 1887, Central State University (Ohio); 1887, Philander Smith College; 1888, Saint Paul's College; 1890, Delaware State College; 1890, Savannah State College (Geórgia); 1890, Kentucky State University; 1890, The Fort Valley State College (Geórgia); 1892, Winston-Salem State University; 1892, Livingstone College (Carolina do Norte); 1892, Elizabeth City State University (Carolina do Norte); 1910, North Carolina Central University; 1912, Jarvis Christian College (Texas); 1912, Tennessee State University; 1915, Meharry Medical College (Tennessee); 1927, Bishop State Community College (Alabama); 1927, Compton Community College; 1929, Lewis College of Business (Michigan); 1946, New York City Technical College; 1947, Denmark Technical College (Carolina

do Sul); 1949, Coahoma Community College (Mississippi); 1952, Huston Tilltson College (Texas); 1954, West Virginia State College; 1959, Southern University (Nova Orleans); 1961, J.F. Deake State Technical College (Alabama); 1962, University of Virgin Island; 1963, Cuyahoaga College; 1964, Southern University (Louisiana); 1967, Wayne County Lawson State Community College (Alabama); 1972, Fayetteville State University (Carolina do Norte); 1974, Atlanta Metropolitan College; 1975, Morehouse School of Medicine (Georgia); 1977, University of the District of Columbia; 1980, Sojourner Douglas College (Maryland) (COSTA, 2008, p. 3).

Algumas peculiaridades presentes na história dos afro-americanos são as razões prováveis que explicam a existência das inúmeras universidades negras, sendo uma delas a associação entre o cristianismo protestante e a educação. Para Luiz Alberto Gonçalves (2000, p.330), quando pensamos a educação no período da escravidão, há uma diferença significativa entre o catolicismo, do Brasil, e o protestantismo, dos EUA.

[...] foi dura a batalha dos santos padres (no Brasil) para converter os proprietários de suas responsabilidades cristãs quanto ao batismo obrigatório dos negros. Os senhores adotavam a famosa posição do “tanto faz com tanto fez”. O fato de africanos serem convertidos ao catolicismo e, mesmo assim, continuarem sendo escravos não abalava, de forma alguma, a consciência cristã dos escravocratas brasileiros.

Mas não foi assim que as coisas se deram nos Estados Unidos. A evangelização dos escravos naquele país não era, em hipótese alguma, vista como algo puramente formal, sem qualquer conseqüência para a instituição cristã. Os proprietários de escravos proibiam aos negros o sacramento da conversão. Na verdade, “os cristãos brancos impediam, aos escravos, acesso à cristianização por causa das implicações de igualdade na Bíblia”. Como no contexto do cristianismo protestante evangelizar pressupunha educar em sentido pleno, tinha-se medo de que “a educação dada aos negros pudesse se transformar em fonte de rebelião anti-escravista” (GONÇALVES, P. 330).

A educação, nessa perspectiva mística, será a responsável pelas ações isoladas de alguns proprietários cristãos no sentido de alfabetizar o escravo para que ele pudesse ler a bíblia, ou ações organizadas por grupos (por exemplo, o empenho dos

metodistas e batistas etc) em construir escolas para os negros. Estima-se que 5% dos escravos dos Estados Unidos sabiam ler e escrever (ROSE, p. 340). Mesmo no tempo em que os brancos temerosos de que a educação do escravo provocasse rebeliões, os quacres, da Carolina do Norte, promoviam a educação do negro. Contrários à escravidão, era comum seus membros comprarem a liberdade dos escravos para depois libertá-los. Em 1816, abriram uma escola para negros que funcionava dois dias por semana, durante três meses. Outro exemplo de ações isoladas no sentido de criar escolas para negros é o do abolicionista Anthony Benezet que, em 1784, destinou para esse fim, em testamento, todos os seus bens (FRANKLIN, p. 167). São essas ações que farão com que no período de 1913 a 1932 já existissem 5.357 edifícios escolares para negros em quinze estados norte americanos, sendo que no sul 17% dos valores arrecadados para a construção, vieram dos próprios negros (ROSE, p. 337).

John Hope Franklin, em seu livro Raça e História – Ensaios selecionados (1938-1988) apresenta-nos algumas histórias de escravos alfabetizados que conseguiram reunir capital financeiro suficiente para comprar a própria liberdade, ou mesmo de familiares e amigos. Um exemplo histórico é a vida de Roy Lynch (1847), o escravo que numa extraordinária história de conquistas e superação, tornou-se o tesoureiro do exército dos Estados Unidos e, tempos depois, o primeiro negro do Mississippi a ser membro da câmara de deputados. Roy Linch, a exemplo de muitos outros negros, continuou a trabalhar em prol do negro, mesmo depois de ter conquistado uma ascensão. O que demonstra também, segundo o autor, que "os negros, em geral, não tiveram quaisquer ilusões acerca das distorções de sua história, e não foram indevidamente influenciados por elas. Ao contrário, se mostraram lúcidos, se ressentiram, coerente e amargamente, dos esforços sistemáticos para representar mal o seu papel na história ou para lhes negar a participação na família humana, para não falar da cidadania americana de primeira classe" (FRANKLIN, p. 62 a). Por isso o protesto sempre esteve presente na vida do negro americano.

Em 1827, John Russwrm lançou o primeiro jornal negro.

Desejamos interceder pela nossa causa. Há tempo demais os outros têm falado por nós. Há tempo demais o público foi iludido por deturpações, em coisas que

ardentemente nos dizem respeito... Formamos um dos raios da roda humana, e é necessário que tenhamos de compreender a nossa dependência para com as diferentes partes, e a destas para conosco, a fim de desempenhar a nossa parte com propriedade (John Rusworm *apud* FRANKLIN, p. 62 b).

Vale lembrar, no entanto, que muito dessa solidariedade entre os afro-americanos é vista pelos estudiosos como sendo resultado do sistema segregacionista. Por exemplo, somente em 1780, os metodistas brancos do norte passaram a permitir que os negros acompanhassem os cultos religiosos, desde que fossem bem afastados. Em 1809, “treze membros negros de uma igreja batista branca de Filadélfia foram excluídos e fundaram uma igreja deles” (FRANKLIN, 166)³⁰. A segregação racial logo expandiu para as escolas, cinemas, teatros, restaurantes do sul dos Estados Unidos. Arnold Rose atribui a segregação racial como sendo resultado da solidariedade de casta.

A solidariedade de casta funda-se no princípio negativo de que todos os negros se encontram encerrados atrás das mesmas barreiras. A casta não permite a qualquer negro deixar seu grupo quando se eleva acima dos demais, mesmo que os odeie (ROSE, p. 302).

Ao contrário do que ocorre no Brasil, nos Estados Unidos, ser negro está ligado à ascendência africana, mesmo que a aparência já crie a vinculação, o que prevalece é a classificação conhecida como “gota única”. Entre os considerados negros era possível encontrar pessoas que, desconhecendo-se a sua origem, seriam dadas como brancas.

Inúmeros líderes que contribuíram para o progresso do afro-americano eram homens e mulheres que se encaixam no grupo étnico devido, exclusivamente, a definição de ser considerado negro qualquer pessoa que tivesse uma única gota de sangue africano.

A segregação racial propiciou, por outro lado, o surgimento de uma classe média negra representada pelo pastor, professor, médico, dentista, comerciante, advogado etc que dependiam da comunidade negra para a sua sobrevivência.

A pobreza dos negros também limita a oportunidade em relação aos homens de negócios e aos profissionais negros. Como são excluídos do mercado dos brancos, torna-se-lhes importante manterem o mercado de trabalho dos negros como monopólio. O monopólio dos professores, sacerdotes, agentes funerários, cabeleireiros e outros sobre o mercado dos negros é geralmente respeitado. O lojista negro, por outro lado, tem que concorrer seriamente com o branco. Em menor extensão, é o que se verifica também com o médico negro. O advogado negro enfrenta concorrência pior ainda por parte dos brancos [...] (ROSE, p 154).

Em razão da competição com os brancos, surgiu durante um período uma campanha “não comprar onde não se trabalha”, com o objetivo de forçar os brancos, proprietários de estabelecimentos comerciais em distritos negros, a contratarem mais empregados negros para suas lojas. O autor sinaliza a dificuldade do negro de se desenvolver em algumas funções, como a de banqueiro, industrial, pois não lhes são oferecidas as oportunidades de trabalho e aprendizado. A segregação racial também impôs ao negro um desenvolvimento limitado cuja expansão ficava circunscrita a sua comunidade.

A atual civilização americana, eles (os negros) podem atingir certo grau de distinção, mas sempre como representantes de “seu povo”, não como americanos comuns. Podem criticar, mas somente como negros defendendo interesses do negro. Mesmo que antes tivessem o interesse e as aptidões para maiores conhecimentos e carreiras mais amplos, a pressão da sociedade condicionaria sua personalidade e os forçaria, quisessem ou não, a desempenhar o papel de paladinos dos negros. O gênio do negro está aprisionado em seu próprio problema.

A diferença, a esse respeito, entre os negros e outras minorias – os judeus, por exemplo – é notável. Não se espera que um economista judeu seja especialista em questões trabalhistas judaicas. Não se supõe que um sociólogo judeu se limite a estudar o gueto. Um cantor judeu não está eternamente condenado às canções populares judaicas (ROSE, 52).

Quem não se beneficiou do comércio segregado, somente conseguiu melhores ocupações durante o período da Segunda Guerra Mundial. No quadro geral da distribuição dos negros nas ocupações, vamos encontrar em 1940, maior concentração, 14% nas profissões especializadas compostas pelos médicos, professores, comerciantes responsáveis pelos serviços prestados à comunidade negra.

1940	Em%
Ocupações não-agrícolas	7,0
Profissões especializadas	14,0
Médicos e cirurgiões	2,2
Enfermeiras	2,0
Artistas	5,0

Mas sempre houve uma liderança que buscava mobilizar a comunidade negra, com a intenção de pressionar os governos a tomarem medidas que ajudassem a diminuir a desigualdade de oportunidades para a população negra. Havia os líderes das insurreições escravas, num momento posterior Frederic Douglas e outros (1852) que se voltaram para as atividades legais e não-violentas, mas com forte questionamento no que se refere à igualdade como elementos inerentes à democracia e ao cristianismo. É criada a Associação Nacional pelo Progresso das Pessoas de Cor (NAACP), em 1900. Num terceiro momento (1901), o movimento prático e conciliatório (conhecido também como Niagara)³¹, tendo Booker T. Washington e W.E. B. Du Bois e outros vinte sete intelectuais negros de todo o país, discutindo sobre os problemas e as soluções do negro americano. Marcus Garvey (1920-1921) organizou empresas cooperativas; mercearias, lavanderias, restaurantes, hotéis, tipografias e planejou um retorno à África. Os comunistas (1917) defendiam a criação de um “Cinturão Negro”, a ser realizada pelo estabelecimento de uma República Negra Independente. Surge a Associação para o Estudo da Vida e da História do Negro (1925). A Comissão sobre os Direitos Civis (1947) requerendo a eliminação da segregação baseada em raça, cor, crença. O período de 1960 está mais centrado nas interações entre brancos e negros. A população negra está concentrada nas grandes cidades, o que possibilita grande poder de mobilização. Acontecem grandes marchas pacifistas, lideradas por Mater Luther King. Em 28 de agosto de 1963, a grande Marcha sobre Washington consegue mobilizar 200 mil pessoas. São esses eventos que culminarão na assinatura, em 1964 da Lei dos Direitos Civis. Início (em 1965) das políticas de ações afirmativas cujas

³¹ . Depois de serem discriminados no Buffalo Hotéis, os intelectuais negros reuniram-se em Niagara Falls (Canadá).

determinações regulavam os financiamentos públicos, no sentido de exigir que as empresas contempladas deveriam apresentar um número de empregados que refletisse a composição da sociedade. A partir de 1970, a ênfase nas reivindicações está centrada no tratamento igual, exigência de que a educação geral contemple também o estudo da cultura afro.

A história devia ser estudada mais intensamente, ser escrita mais extensamente e aprendida mais vigorosamente. As instituições de educação superior ficaram sujeitas à pressão de adicionar cursos sobre a história afro-americana e o campo correlato, assim como empregar especialistas no assunto (FRANKLIN, 73/4).

Ao longo da história das lutas do negro norte americano, eram comuns as organizações negras criarem o seu próprio jornal. Essa estratégia tinha propósito de educar a população sobre os princípios que orientavam as ações de cada grupo e fazer com que o leitor compartilhasse com os ideais do grupo. Por isso que, em 1945, já existiam 155 jornais negros, de edição semanal, semi-semanal ou quinzenal; e 105 revistas de edição mensal, bimestral e trimestral.

Os jornais negros fazem o que fazem a imprensa nacional em todo o país: elogiam seu grupo e apelam para seu orgulho, mesmo quando o censuram, e ajudam-no a sentir-se autoconfiante e superior (ROSE, 348).

Nessa mesma linha argumentativa, Arnold Rose (1968) define a classe média negra. Ela não difere da classe média branca em absolutamente nada, ao contrário, é perceptível, nesse segmento como no outro, uma forte orientação para o consumo, ostentação etc. Se a classe média negra é influenciada pelos estratos brancos, por outro lado, ela influencia o comportamento da população negra geral.

A conduta e as atitudes dos pequenos grupos de classe média e alta são de grande importância para a população negra total, visto que são eles que estabelecem os padrões adotados por todos (ROSE, p. 273).

Provavelmente, é nesse aspecto que está a importância das ações afirmativas, o de fazer expandir classe média negra. Como bem lembraram inúmeros jornalistas, o presidente negro, Barack Obama, nos Estados Unidos, é o resultado das ações afirmativas. A controvérsia está no fato de se criar expectativas exageradas pelo fato do presidente ser negro. Parece que há mesmo a esperança de que o seu governo melhore as condições de vida dos negros americanos, que em sua grande maioria continua a ser a mais pobre e, por isso, os que sofrem mais com a crise econômica. Contudo, romantismos à parte, no tecido social as convicções íntimas importam menos do que as articulações pela manutenção do poder. E por essa via, é necessário ressaltar que a existência de uma classe média negra é resultado de um longo e lento processo histórico. Sua força representativa é oriunda de ações que não estavam contrárias às estruturas de uma sociedade capitalista, mas ao contrário, há quase sempre total adesão.

4.2 Classe média negra em dois momentos e lugares

A classe média negra brasileira parece que vem ganhando uma conotação étnica próxima do que se presenciou nos Estados Unidos na década de 1960, quando um grupo de intelectuais negros passa a adotar um discurso consistente no sentido de que a comunidade negra é uma força econômica importante. Essa conotação parece ter nascido da própria lógica do capitalismo, cuja ideologia vincula direitos dos cidadãos ao capital financeiro concentrado. De acordo com essa prática, ao que parece, a luta contra o racismo passa a ser vinculado à lógica que disciplina o mercado: o lucro. Sendo, portanto os negros ciosos de que pagam seus impostos, é natural, portanto, que o Estado discipline a distribuição de seus recursos, penalizando àquelas empresas que privilegiam apenas um grupo étnico. A classe média negra brasileira, como peça importante na manutenção do capitalismo, parece ter compreendido bem a lição e agora cobra os seus direitos.

Severino R. Ferreira Filho (2007) em sua monografia O consumidor negro brasileiro, apresenta-nos alguns dados sobre a família negra norte americana.

População afro-americana geral

População afro-americana (2001)	33,5milhões (13%)
Concentram-se no sul.	Atlanta, Chicago etc.
Idade média.	25,6 anos
Tamanho médio das famílias.	3,1

Fonte:. Sheta, 2001, p 210 *apud* Ferreira Filho, p. 33.

No que se refere às aspirações da classe média afro-americana,

A família e a religião são muito importantes para os norte-americanos de origem africana. Os representantes da classe média demonstram ser muito motivados para as realizações, tentando ter sucesso financeiro, e também muito ansiosos para conquistar certa notoriedade, em parte para mostrar ao mundo o que um afro-americano pode fazer. São conscientes de sua própria imagem e gostam de exibir um estilo (FERREIRA F., p. 34a)

Ao se estabelecer uma comparação com a população geral Sheta *apud* Ferreira F. afirma que

os afro-americanos gastam desproporcionalmente mais em roupas, sapatos e aparelhos eletrônicos domésticos. Seus filhos estão mais conscientes da moda. Embora qualquer criança preste atenção em marcas e tendências da moda, as afro-americanas o fazem com mais intensidade (FERREIRA F. p. 34b).

Continuando

Os afro-americanos tendem a comprar marcas de primeira classe. Compram bebidas alcoólicas de qualidade porque elas são um símbolo acessível de status. Muitos jovens da área urbana usam jóias de ouro. Para eles, o ouro é caro, mas ainda assim mais acessível que, por exemplo, uma casa no subúrbio. Embora parte desse consumo exibicionista tenha como finalidade manter-se a altura da população dominante, não se deve supor que os afro-americanos fazem tudo isso para impressionar os brancos; muitos representantes da classe média e alta gastam muito em roupas, carros, equipamentos de áudio e compram outros produtos de luxo simplesmente porque fazer isso expressa seu estilo de vida, sua tradição e sua relativa riqueza (FERREIRA F., p. 34/5).

Finalizando, o autor apresenta os mecanismos que diferenciam o mercado consumidor brasileiro do norte-americano. Enquanto aqui não se criou uma rede de comunicação que satisfaça à classe média negra, lá há uma mídia especial com profissionais de marketing trabalhando para atingir esse grupo. No Brasil, essa comunicação diretamente com o público negro está começando, e como resultado, temos um número considerável de produtos étnicos, o programa TV da Gente (já extinto) que tinha o cantor e empresário, hoje vereador por São Paulo, Netinho de Paula, como seu apresentador e um dos investidores; a Agência

de modelos negra e, finalmente, uma Universidade para negros, a Unipalmares são, conforme Ferreira F., o resultado direto da segmentação do mercado consumidor.

5 CONCLUSÃO

Diante da impossibilidade de se chegar a uma conclusão definitiva em relação a Unipalmares, dado a sua magnitude e complexidade, gostaríamos de tornar esse capítulo final o espaço reservado ao registro das reflexões que foram surgindo durante a pesquisa. O que se pretende, portanto, é registrar as inquietações que foram surgindo, numa tentativa de ordenar as inúmeras questões ainda sem respostas. Analisar a instituição a partir de sua revista *Afirmativa Plural*, como se veicula a ideologia do grupo fundador da Unipalmares, tornou-se uma tarefa complicada, já que as ações são produtos de uma história recente.

A revista *Afirmativa Plural* ainda traz em suas páginas uma certa indefinição ao que realmente pretende. Nitidamente houve uma evolução em suas capas, de um projeto que tinha como objetivo divulgar o pensamento do grupo responsável pela fundação da faculdade, seus parceiros; finalmente assume a roupagem de outras mídias voltadas ao mercado consumidor. O projeto social parece cada vez mais assumir a sua perspectiva de classe média.

A Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares coloca como um de seus objetivos educacionais, oferecer à comunidade negra uma formação humanística, mas quando analisamos os conteúdos da revista institucional *Afirmativa Plural*, local de escoamento dos ideais da faculdade, verificamos que há um predomínio em fazer circular informações voltadas para a formação de executivos, empreendedores. Isso ficou evidenciado no volume de informações que a revista apresenta sobre os nichos, principalmente o étnico, que ainda apresentam grandes possibilidades de investimentos. Outra evidência que confirma a nossa dedução, é que mesmo na propaganda para o curso de pedagogia anuncia-se que o mesmo dará condições ao formando de criar as suas próprias alternativas.

Para atingir esses objetivos, a faculdade parece realizar uma série de eventos que garantam o contato dos alunos com esse ambiente empresarial, atraindo para a instituição, grandes empresários que possam compartilhar as suas experiências bem sucedidas.

Os conteúdos abordados na revista *Afirmativa Plural* são voltados, quase que exclusivamente, para a etnicidade. Predomina a exposição de idéias de/sobre os parceiros do projeto Unipalmars. Por essa via, podemos afirmar que a revista funciona como um espelho onde reflete um mundo idílico, onde todos, que aparecem em suas páginas, são favoráveis ao sistema de cotas porque concordam que o negro sofre com a desigualdade, por isso querem investir para que essa realidade seja superada. No entanto esse reconhecimento de causa, não opera as mudanças necessárias para se implantar o sistema de cotas em universidades públicas.

Em relação às abordagens dos problemas que atingem a comunidade negra, a perspectiva adotada pela revista *Afirmativa Plural* é superficial. Indiferente do tema a ser discutido, há sempre uma finalização que busca imprimir uma visão positiva diante dos fatos. Isso nos faz concluir que o papel da revista é mostrar apenas, sem um aprofundamento dos assuntos abordados. A postura imparcial também pode ser percebida em idéias vinculadas à Unipalmars. Exemplo disso é a caracterização que o reitor, José Vicente, atribui a instituição de ensino: a Unipalmars é um palco iluminado e eclético. A sensação que se tem ao ter contato com o pensamento expresso nos editoriais e nos artigos de José Vicente, é que todos os problemas do negro paulistanos já estão sendo resolvidos.

Prevalece também na revista, a perspectiva do negro “chique” que pode comprar, freqüentar os lugares elegantes, porque tem capital financeiro suficiente para isso, e deseja, porque isso significa status. Nesse aspecto, a ocupação dos lugares “aparentemente proibidos” denuncia o quanto ainda existe uma linha invisível separando negros e brancos em São Paulo. Mas o grande perigo é transformar apenas a ocupação de alguns lugares simbólicos como uma causa social. Social para quem?

José Vicente administra a Unipalmars como se fosse o seu proprietário. Apresenta enorme habilidade de negociação e transita facilmente pelos setores público e privado. Na verdade, o seu discurso de que as empresas precisam assumir a

responsabilidade social, encontrou sustentação na efervescência criada em torno das políticas públicas. Normalmente, numa nítida alusão a outro segmento do movimento negro que não assume as mesmas práticas, afirma que a sua postura está centrada em realizações, não em discursos.

Há que se questionar, portanto, sobre o papel da Unipalmares no cenário social, no momento em que há uma discussão intensa em torno de se adotar ações afirmativas. O grande perigo que ela pode representar, é acabar concentrando todos os interesses da elite dominante, enfraquecendo, com isso, as reivindicações pelo sistema de cotas nas universidades públicas. O que representará um certo atraso no sentido de garantir a posição do negro em formações mais elitizadas, as quais são oferecidas, quase que exclusivamente, nas grandes universidades públicas. Estamos falando de carreiras ligadas às altas tecnologias, as ciências de ponta, a medicina, engenharia.

A posição assumida pela elite dirigente em relação a Unipalmares e à adoção do sistema de cotas são no mínimo emblemática. Ao mesmo tempo em que aplaudem a Unipalmares, silenciam em relação à adoção do sistema de cotas. Isso nos remete para os significados mais profundos que estão em jogo. Enquanto uma faculdade para negros não oferece perigo para a classe média branca, pois os diplomas sempre serão menos valorizados no mercado do que aqueles oferecidos nas universidades públicas; o sistema de cotas colocaria os negros na mesma posição ocupada pelos brancos. E o que já está sendo comprovado nas universidades que adotam esse sistema, comprova-se que o universitário negro apresenta um bom desempenho. O que desmascararia de vez a crença nas altas habilidades daqueles que conseguem passar nos vestibulares para os cursos elitizados. Enfim, o que está em jogo é o próprio ideário de que, historicamente, se valeu a classe média branca -a meritocracia – para justificar a suas vantagens.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. **Negros e Brancos em São Paulo (1888- 1988)**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

ARBEX JR, José. **Outra América: apogeu, crise e decadência dos Estados Unidos**. São Paulo: Moderna, 1993.

AZEVEDO, Thales de. **Democracia Racial**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

BARCELOS, Luiz Claudio. Educação e Desigualdades Raciais no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº86,: Fundação Carlos Chagas, agosto/1993, pp. 15-38.

BARROS, Surya A . P. de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX, In: (org.) JERUSE, Romão. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília, 2005, pp.79-93.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Brancos e Negros em São Paulo**. São Paulo: global, 2008.

BERTOLINO, Éliidi; ANDERSON, Joni; RIBEIRO, Wal. **Eles subiram sem perder as raízes**. Revista Raça Brasil. nº 41, Ano 4, jan./2000. pp.18-22.

BUTCHER, Margaret Just. **O negro na cultura americana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, s.d.

CALADO, Maria da Glória. **Como uma faculdade voltada para a população negra favorece o enfrentamento da discriminação racial, o aumento da escolaridade e a inserção no mercado de trabalho desta população**, 2007, 130f. (Dissertação de Mestrado em Psicologia) - Universidade São Marcos, São Paulo, 2007

CARNEIRO, Sueli. A experiência do Geledés: SOS Racismo na tutela dos direitos de cidadania da população negra. In: MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996, pp.133-140.

CARVALHO, Mario César. EXTREMOS: 'Elite preta' se divide sobre extensão do preconceito. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de nov.2008, Racismo, Caderno Especial 9.

COSTA, Bolivar. **O drama da classe média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

COSTA, José Luiz Pereira. **Universidades Negras**. www.dacostaex.com/ acessado em 05/10/2008.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. A escolarização da população negra na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século. **Revista da Associação Nacional de Educação**, São Paulo, ANO 8, Nº 14, 1989.

DEWEY, John. As raízes da América. In: **Liberalismo, liberdade e cultura**. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Usp, 1970. pp.142-164.

DOMINGUES, Petrônio. **A Nova Abolição**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Global, 2ª ed., 2007

FERNANDES, Florestan. **Significado do Protesto Negro**. São Paulo: Cortez, 1989.

FERREIRA FILHO, Severino Ramos. **O Consumidor negro brasileiro**. (Monografia apresentada para a Faculdade de Publicidade, Propaganda e Turismo) – Universidade Metodista de São Paulo, 69f, 2007.

FIGUEIREDO, Ângela. **Novas elites de cor: um estudo sobre os profissionais liberais negros de Salvador**. São Paulo: Annablume/ Sociedade Brasileira de Instrução/ Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

FIGUEIREDO, Ângela. Fora do Jogo: a experiência dos negros de classe média brasileira. In: Cadernos Pagu, nº23, Capinas jul/dez. 2004 www.scielo.br / acesso em 26/10/2008.

FONSECA, Marcus V. As principais práticas educacionais com Características modernas em relação aos negros no Brasil. In: SILVA, Petronilha. B. G. **Negro e Educação**. São Paulo, Ações Educativas, 2001, pp11-36.

FRANÇA, Danilo S. N. **Os lugares da classe média negra em São Paulo**, São Paulo, USP, (Pesquisa de Mestrado em andamento), 2009.

FRANKLIN, John Hope. **RAÇA E HISTÓRIA: Ensaio Selecionados (1938-1988)**, Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

GODOY, Denyse. Choque de realidades. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 de maio.2009, Racismo, Caderno Dinheiro, B8.

GOIS, Antônio. Educação: Cota é vista como essencial e humilhante. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de nov.2008, Racismo, Caderno Especial 4.

GOMES, Flávio; PAIXÃO, Marcelo. Responsabilidade pelas diferenças é da sociedade atual. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de nov. 2008, Racismo, Caderno Especial 4.

GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a terra, construindo a cidadania. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História da cidadania**. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006, pp.

GONÇALVES, Luiz A. Oliveira. Negros e Educação no Brasil. In: **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2000.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Acesso de negros às universidades públicas In: **Fundação Carlos Chagas**, 2008.pp.1-25.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. A questão racial na política brasileira (os últimos quinze anos), São Paulo, nov. 2001, www.scielo.br acessado em 20/09/2008.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOLLANDA F., Aurélio Buarque. Dicionário Básico da Língua Portuguesa. São Paulo Editora Nova Fronteira, 1995.

HONDA, Julina. Elite negra. In: **Revista Ensino Superior**, ano 10, nº113, fev./2008. pp12-14.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **PME Cor ou Raça – Setembro de 2006**. www.ibge.gov.br/ acessado em 20/09/2008.

KING JR, Martin Luther. **O grito da consciência**. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1968.

LOPES, Fabiana. **Lugar de inclusão**. In: Revista Ensino Superior, ano9, nº 99, pp.36-38.

MAGALHÃES, Mário. Trabalho, vida profissional é maior entrave, dizem negros. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de nov.2008, Racismo, Caderno Especial 6.

MAISONNAVE, Fabiano. Políticas: ações afirmativas aumentaram elite negra nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de nov.2008, Racismo, Caderno Especial 10.

MENEZES, Jaci M. Ferraz de. Educação e Cor-de-pele na Bahia. In: **Cadernos NEPRE: Revista do Núcleo de Estudos E Pesquisas Sobre Relações Raciais em Educação da UFMT**, nº 4 (jul/dez 2006), Cuiabá: EdUFMT, 2007, pp. 07-33.

MOEHIECHE, Sabrina. **Ação afirmativa: história e debates no Brasil**. São Paulo, Nov.2002. www.scielo.br acessado em 20/09/2008.

MOURA, Clóvis. Organizações Negras. In: São Paulo: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira (org.). São Paulo: **O Povo em Movimento**. Petrópolis: Vozes, 1980, pp.207-230.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 7ª edição, 1987.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Panafricanismo na América do Sul: Emergência de uma Rebelião Negra**. Petrópolis, RJ: Vozes/Ipeafro; São Paulo: Educ, 198.

NEVES, Paulo Sérgio da C. Luta Anti-racista: entre reconhecimento e redistribuição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 20, nº 59, out/2005, pp.81-96.

OLIVEIRA, Romário de. **NOSSA CLA\$\$E MÉDIA EXISTE**. In: **Revista Raça Brasil**, ano 8, nº 80, nov.2004. pp.72-75.

PAIXÃO, Marcelo J. P.. **Desenvolvimento Humano e Relações Raciais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEREIRA, João B. B. Racismo à brasileira. In: MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996, pp.75-94.

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO, **O mercado de trabalho sob a óptica da raça/cor**, 2009.

PINHEIRO, Daniela. **A classe média negra**. In: Revista Veja ano 32, nº 33, São Paulo: Editora Abril, 13 de agosto de 1999, pp62-69.

PINHO, Patricia de Santana. Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V.20, nº 59, out/2005, pp.37-50.

QUARLES, Benjamin. **Lincoln e o Negro**. São Paulo: Martins, 1964.

ROSE, Arnold. **NEGRO: O DILEMA AMERICANO – Versão condensada de An American Dilemma**, de GUNNAR MYRDAL. São Paulo: Instituto Brasileiro de Difusão Cultural, 1968.

SAES, Décio. **Cidadania e capitalismo: uma crítica à concepção liberal de cidadania**. Instituto de Estudos Avançados, 2000.

SAES, Décio. **A formação do Estado burguês no Brasil: 1888-1891**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2ª edição, 1985.

SAES, Décio. Escola Pública e Classes Sociais no Brasil Atual. In: **Revista Linhas Críticas**. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, v. 14, nº 27, jul./dez, 2008.

SANCHES, Pedro Alexandre. **O rio e a margem**. In: Revista Carta Capital, ano XV, nº 544, 6 de maio de 2009, pp10-15.

SANTOS, Carlos José F. dos. **Nem Tudo Era Italiano; São Paulo e Pobreza (1890-1915)**. São Paulo: Annablume, 1998.

SILVA, Antonio C. A. Questões legais e racismo na história do Brasil, In: MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996, pp.121-132.

SINGER, Paul. Movimentos sociais em São Paulo: traços comuns e perspectivas. In: SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira (org.). **São Paulo: O Povo em Movimento**. Petrópolis: Vozes, 1980, pp.207-230.

TEODORO, Maria de Lourdes. Elementos básicos das políticas de combate ao racismo brasileiro. In: MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e Políticas de Combate à Discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996, pp.95-111.

TOALDO, Mariângela Machado. **Sob o signo do consumo, status, necessidades e estilos**. In: Revista Famecos, nº 7, novembro de 1997, Porto Alegre, pp. 89-97. Acessado em 16/10/2009.

VICENTE, José. Consciência: o novo trem da história. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 20 de nov.2009, Tendências e Debates, A3.

VIEIRA, Dojival. Consciência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 22 de nov.2009, Racismo, Caderno Opinião A3.

Revistas

AFIRMATIVA Plural, ano 1, nº 0- AFROBRAS, 2004.
AFIRMATIVA Plural, ano 1, nº 1- AFROBRAS,2004.
AFIRMATIVA Plural, ano 1, nº 2 - AFROBRAS, 2004.
AFIRMATIVA Plural, ano 1, nº 3 - AFROBRAS, 2004 .
AFIRMATIVA Plural, ano 1, nº 4 - AFROBRAS, 2004.
AFIRMATIVA Plural, ano 2, nº 6 – AFROBRAS, 2005.
AFIRMATIVA Plural, ano 2, nº 7 – AFROBRAS, 2005.
AFIRMATIVA Plural, ano 2, nº 8 – AFROBRAS, 2005.
AFIRMATIVA Plural, ano 2, nº 9 – AFROBRAS, 2005.
AFIRMATIVA Plural, ano 3, nº 12 – AFROBRAS, 2006.
AFIRMATIVA Plural, ano 3, nº 13 – AFROBRAS, 2006.
AFIRMATIVA Plural, ano 3, nº 14 – AFROBRAS, 2006.
AFIRMATIVA Plural, ano 3, nº 15 – AFROBRAS, 2006.
AFIRMATIVA Plural, ano 3, nº 16 – AFROBRAS, 2007.
AFIRMATIVA Plural, ano 4, nº 19 – AFROBRAS, 2007.
AFIRMATIVA Plural, ano 4, nº 20 – AFROBRAS, 2007.
AFIRMATIVA Plural, ano 4, nº 21 – AFROBRAS, 2007.
AFIRMATIVA Plural, ano 4, nº 22 – AFROBRAS, 2008.
AFIRMATIVA Plural, ano 5, nº 24 – AFROBRAS, 2008.
AFIRMATIVA Plural, ano 5, nº 25 – AFROBRAS, 2008.
AFIRMATIVA Plural, ano 5, nº 26 – AFROBRAS, 2008.

AFIRMATIVA Plural, ano 5, Especial Troféu – AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, ano 6, nº 28 – AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, ano 6, nº 29 – AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, ano 6, nº30– AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, ano 6, nº 31 – AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, ano 6, nº32– AFROBRAS, 2009.

AFIRMATIVA Plural, Especial Troféu – AFROBRAS, 2009.

Sites

www.scielo.br

www.unipalmars.edu.br

www.colegiozumbidospalmars.edu.br

www.google.com.br

www.ibge.org.br